GUERRA e PAZ

2ª edição

A REVOLUÇÃO CUBANA

EMIR SADER

EDITORA MODERNA

EMIR SADER

A Revolução Cubana

Projeto Passo à Frente
Coleção Guerra e Paz

EDITORA MODERNA

Capa: Cartaz do 1º. Congresso do Partido Comunista Cubano (detalhe).

Coordenação editorial: Carlos Guilherme Mota
Douglas Tufano
José Carlos de Castro

Revisão de texto: Virginia Aoki

Composição: Linoart

Fotolito: Retina

Impressão: LIS GRÁFICA E EDITORA LTDA.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

S129r

Sader, Emir, 1943 –
A revolução cubana / Emir Sader. – – São Paulo : Ed. Moderna, 1985.
(Projeto passo à frente : Coleção guerra e paz ; 2)

Bibliografia.

1. Comunismo – Cuba 2. Cuba – História – 1959 – 3. Cuba – História – Revolução, 1959 4. Cuba – Política e governo – Revolução, 1959 – I. Título. II. Série.

85-0916

17. e 18. CDD-972.91064
17. e 18. -320.97291064
17. -335.43
18. -335.434

Índices para catálogo sistemático:
1. Comunismo cubano : Economia 335.43 (17.) 335.434 (18.)
2. Cuba : Comunismo : Economia 335.43 (17.) 335.434 (18.)
3. Cuba : Política, 1959 320.97291064 (17. e 18.)
4. Cuba : Revolução, 1959 : História 972.91064 (17. e 18.)
5. Revolução cubana, 1959 : História 972.91064 (17. e 18.)

Todos os direitos reservados
EDITORA MODERNA LTDA.
Rua Afonso Brás, 431
Tel.: 531-5099
CEP 04511 - São Paulo - SP - Brasil

1986

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Uma revolução na América Latina 5
1. Independência e neocolônia 8
2. A luta insurrecional 17
3. Da ditadura à democracia 42
4. Da democracia ao socialismo 57
5. Cuba: 25 anos de revolução 74
Cronologia 79
Parte suplementar 83

"Há de haver no mundo certa quantidade de decoro
como há de haver certa quantidade de luz.
Quando há muitos homens sem decoro, há sempre outros
que têm em si o decoro de muitos homens.
Estes são os que se rebelam com força terrível
contra os que roubam aos povos sua liberdade,
que é roubar-lhes seu decoro.
Nesses homens vão milhares de homens,
vai um povo inteiro,
vai a dignidade humana..."

José Martí

"Quando o extraordinário
se torna cotidiano,
é a revolução."

Ernesto "Che" Guevara

UMA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

É possível falar da revolução cubana em dois sentidos: como processo de luta pela tomada do poder por Fidel Castro e os companheiros que com ele lutaram na oposição insurrecional ao regime do ditador Fulgencio Batista. Nessa acepção, foi um movimento guerrilheiro que capitalizou o descontentamento do povo contra as condições de miséria, corrupção, falta de liberdade e dependência em relação aos EUA, para instalar um governo revolucionário nos primeiros dias de 1959.

Na segunda acepção, a revolução cubana de 1959 foi a continuidade das frustradas lutas de independência iniciadas na segunda metade do século passado e pode ser caracterizada efetivamente como uma *revolução* não pelo fato de ter tomado o poder, mas por ter desenvolvido um processo de transformações radicais das estruturas econômicas, sociais, políticas e ideológicas que fizeram de Cuba o primeiro país socialista da América Latina e do mundo ocidental.

É neste segundo sentido que procuraremos dirigir esta pequena história do processo revolucionário cubano, iniciado em 1868 e que completou recentemente 26 anos no poder, depois da conclusão vitoriosa da sua etapa insurrecional, que desembocou no triunfo de 1.º de janeiro de 1959. *Revolução*, nesse sentido, é o conjunto de processos de mobilização, organização e luta do povo, em condições históricas concretas, contra o poder instituído, pela construção de um novo poder político que dirija as transformações radicais das estruturas dominantes na sociedade.

Nesta acepção, a revolução cubana é um dos poucos exemplos neste continente que realmente merece o nome de *revolução*, qualquer que seja o juízo que se faça sobre o seu caráter. Ela não é apenas um produto histórico da mobilização popular, mas é o desenvolvi-

mento de um programa de transformações democráticas, nacionais e socialistas que modificou substancialmente a sociedade cubana neste quarto de século transcorrido desde a fuga de Batista para o exterior e a instalação do poder revolucionário em Havana.

Essa é a história que pretendemos resumir aqui, sem entrar nos seus meandros, mas buscando contar como se deu a evolução dos acontecimentos e explicar a significação que eles foram assumindo. Em outras palavras, tentaremos conciliar uma visão das árvores com um panorama geral do bosque onde cresceram.

As maiores dificuldades provêm do caráter polêmico do tema. Talvez não exista questão mais contraditória na historiografia contemporânea que a revolução cubana. Entre a apologia e a satanização, parece não haver meio-termo possível. Entre os que, ao visitar a Ilha, quase infalivemente ficam "maravilhados" com a eliminação do analfabetismo, da prostituição, da discriminação racial, do desemprego, da violência, da miséria, e com a saúde e educação gratuitas, e, por outro lado, os que execram radicalmente a "falta de liberdade e de democracia" no país, se divide praticamente toda a bibliografia existente.

Este livro tem a pretensão de despertar o interesse pela revolução cubana ou ajudar a desenvolver a pesquisa sobre esse processo histórico, possibilitando apreender a sua significação e a sua dinâmica — como nasceu, de onde veio, como foi se transformando, que sentido tem hoje e para onde aponta. A objetividade será um compromisso com a verdade e não com a neutralidade.

Sabemos que outra dificuldade se apresenta diante de nós — escritor e leitores. É que a revolução cubana foi contemporânea de toda uma geração para a qual a *revolução* era um fato histórico vinculado ao passado — a revolução francesa, em primeiro lugar — ou a um futuro nebuloso ou seguro, conforme as convicções ideológicas de cada um — o socialismo, o comunismo. Mas de qualquer forma a revolução era um fenômeno longínquo no tempo — revolução francesa, revolução inglesa — ou no espaço — Rússia, China.

Foi a revolução cubana que atualizou a revolução no nosso tempo — para a geração que hoje anda pelos trinta ou quarenta anos — e no espaço latino-americano. Dela se pode indiscutivelmente dizer que, depois do seu surgimento, nada foi como antes no nosso continente e inclusive no Terceiro Mundo.

Se a revolução russa surpreendeu aos marxistas de quase todo o mundo, porque ocorreu onde não se esperava — na atrasada Rússia em lugar da Europa industrializada e, portanto, com classes operárias fortes —, a cubana não somente surgiu onde menos se esperava que

existissem as condições para o socialismo — num país com pequena classe operária, ao contrário da Argentina, Chile, México, Uruguai e Brasil —, como nem sequer foi dirigida por marxistas — socialistas ou comunistas.

Toda revolução é um processo heterodoxo. Nunca repete, nem na forma, os fenômenos similares dos processos que a antecederam. A revolução russa foi completamente diferente da frustrada tentativa da Comuna de Paris, a chinesa se diferenciou amplamente da russa, e a cubana não repetiu a história das anteriores revoluções. À complexidade de apreensão do significado da revolução cubana se somou sua polêmica projeção para a América Latina, encarada como "modelo" a seguir ou "perigo" a evitar. Nem a revolução russa teve na Europa a repercussão que o triunfo de Fidel Castro e seus companheiros teve na América Latina. Isso contribuiu para a polarização radical na abordagem do fenômeno cubano, pelo próprio fato de que ele nos envolve a todos no continente, como atração ou repulsa, apontando "vias de superação da crise capitalista" ou assinalando caminhos a recusar "para preservar a democracia".

Tudo isso contribui para a complexidade na abordagem do tema. Fidel Castro afirmou certa vez que eles tinham "feito uma revolução maior que nós mesmos". Talvez seja uma das poucas afirmações do líder cubano que adeptos e adversários estão dispostos a aceitar como verdadeira. Procuraremos enfocar neste livro a revolução cubana como história real, despojada dos mitos e dos clichês, com a pretensão de contribuir para a compreensão do seu lugar no presente, como história concreta de todos nós.

1. INDEPENDÊNCIA E NEOCOLÔNIA

A independência: tardia e frustrada

Cuba e Porto Rico foram dois países latino-americanos que não conseguiram a independência no início do século passado, quando a maioria das nações do continente pôde libertar-se da dominação colonial. Como todos os países da América Central e do Caribe, Cuba sofreu todo tipo de invasão e conquista durante a luta desencadeada pelas potências coloniais por fontes de matéria-prima e constituição do seu próprio império. O domínio espanhol sobre a Ilha foi contestado principalmente pelos ingleses, que já contavam com importantes contingentes de tropas norte-americanas, demonstrando desde cedo que a história de Cuba estaria condicionada pela sua proximidade geográfica com aquela que logo emergeria como a maior potência mundial.

Cuba não pôde consolidar-se como nação independente antes que os Estados Unidos (EUA) se constituíssem na potência com força determinante de gravitação sobre todo o continente e mais ainda sobre as suas zonas mais próximas, o que logo se mostraria decisivo para o seu futuro.

José Martí com seus companheiros de luta.

A primeira guerra de independência

Enquanto a crise do sistema colonial se aprofundava, em meados do século passado, a oposição interna deu nascimento à primeira guerra de independência cubana, dirigida por proprietários rurais, como o principal deles, Carlos Manuel de Céspedes, que libertou seus escravos e constituiu com eles o núcleo das tropas que lutaram contra os espanhóis. Essa primeira guerra durou dez anos — de 1868 a 1878 — e dela participaram líderes populares como o mulato Antonio Maceo e todos os seus irmãos e o general dominicano Máximo Gómez, que não concordaram com a rendição final e saíram de Cuba para reorganizar suas tropas e reiniciar a guerra.

Somente no final do século, reunificados por José Martí, os cubanos conseguiram retomar o combate. Martí era um escritor — poeta e ensaísta — cubano que desde jovem havia participado das atividades em favor da independência, sendo, por isso, preso e exilado. No exterior dedicou-se à difícil tarefa de unificar todos os setores independentistas, organizando com eles o Partido Revolucionário Cubano, para reiniciar a guerra contra os espanhóis.

Uma análise da experiência de Bolívar e dos próceres da independência latino-americana e do papel que progressivamente começavam a desempenhar os EUA como potência mundial emergente, ameaçando com seus tentáculos a autonomia dos países do continente, levou Martí a enquadrar a luta anticolonial de Cuba dentro de uma concepção antiimperialista. Isto fez de Martí o precursor da resistência latino-americana à presença norte-americana nas terras ao sul do rio Grande quando ela apenas se esboçava. E posteriormente fará com que o atraso na independência nacional de Cuba seja um dos fatores que explica a passagem interrompida de uma revolução democrática e nacional para um processo anticapitalista e socialista, vinculando diretamente a independência nacional à libertação social e política do país.

A segunda guerra de independência

A segunda guerra de independência de Cuba se iniciou em 1895, quando os revolucionários desembarcaram numa praia da região oriental do país, comandados por Martí e pelos generais Máximo Gómez e Antonio Maceo. O Exército Mambí, composto basicamente de escravos libertos, empunhou bravamente seus facões de cortar cana (chamados *machetes*) para enfrentar e derrotar as tropas espanholas munidas de revólveres e fuzis. Apesar da morte de Martí em combate logo depois

do desembarque, Gómez e Maceo realizaram vitoriosamente a invasão da região ocidental de Cuba, onde se encontra a capital — Havana —, ocupando grande parte do território e organizando o governo da Cuba independente.

A vitória das forças independentistas contudo não pôde concretizar-se, sendo frustrada pelos EUA, que intervieram com o pretexto de que um encouraçado da sua Marinha, o Maine, teria sido bombardeado no porto de Havana pelas tropas espanholas, situação que depois se revelou forjada pelo próprio governo norte-americano para viabilizar sua ação militar direta na guerra. Washington declarou "guerra à Espanha", cujas tropas estavam já virtualmente derrotadas, restando somente a queda de Havana e de Santiago de Cuba para a derrocada final.

José Martí já havia advertido para a tendência norte-americana de estender o seu domínio sobre a América Latina, para o que os EUA necessitavam controlar Cuba e Porto Rico, objetivos alcançados em 1898 com a derrota e retirada da Espanha de suas duas últimas colônias na América Latina. Os EUA conseguiram assim evitar que elas caíssem na esfera de dominação da Inglaterra, como sucedia com o resto do continente, e davam ao mesmo tempo início ao seu império na área latino-americana.

Os EUA ocuparam militarmente a Ilha até a constituição de um governo que lhes desse garantias de fidelidade. O Exército Libertador vitorioso foi privado do triunfo e submetido imediatamente à ação desmobilizadora por parte dos militares norte-americanos, que ofereceram grandes somas em dólares para que os soldados depusessem as armas, conseguindo assim dividir as tropas de Gómez e semear a discórdia entre seus seguidores, apesar da resistência dos líderes, como foi o caso do general dominicano. Mas isso não impediu que política e militarmente os EUA se apropriassem da vitória das guerras de independência protagonizadas pelos cubanos contra o colonialismo espanhol.

Foi convocada uma Assembléia Constituinte para definir o novo tipo de regime que deveria vigorar em Cuba, mas o seu funcionamento foi fortemente condicionado pela presença das tropas norte-americanas e pela vigorosa ação do nascente imperialismo ianque. Depois de várias ameaças explícitas do governo norte-americano, foi aprovada em 1901 a chamada *Emenda Platt*, apresentada por um senador norte-americano com esse nome. Por essa emenda, Cuba aceitaria a tutela econômica e militar dos EUA, o que incluía, entre outras coisas, o direito aos norte-americanos de instalar bases militares e portos na Ilha, além de outras concessões territoriais e privilégios econômicos

que violavam abertamente a soberania política da Ilha, recém-libertada do jugo colonial espanhol.

Uma das conseqüências da Emenda Platt foi a assinatura de um tratado militar pelo qual Cuba cedia aos EUA, até 1999, um território no estado mais oriental do país, em Guantánamo, para a instalação de um base militar, região que continua até hoje ocupada por tropas norte-americanas. No plano econômico, o comércio cubano — praticamente reduzido ao açúcar — se reorientou completamente em direção aos EUA, que passaram rapidamente a controlar os principais engenhos e a consumir o grosso da safra cubana. Em pouco tempo, 3/4 do comércio exterior de Cuba se faziam com o seu novo e poderoso tutor.

Consolidou-se assim o domínio norte-americano sobre a Ilha, reduzida a uma economia monocultora de exportação, onde o açúcar era complementado pelo tabaco, café e frutas cítricas, com um comércio de importação e exportação totalmente vinculado aos EUA. Politicamente o país passou a ser uma pseudo-república, complemento da neocolônia no plano econômico, tutelada pela presença ostensiva dos EUA.

A vida política cubana se limitou a uma luta entre os partidos Conservador e Liberal, com perfis pouco diferenciados, em cujas lutas apelavam indistintamente para a intervenção das tropas norte-americanas a seu favor, o que passou a ser norma da política da pseudo-república. Já em 1906 um impasse institucional levou os EUA a enviarem para Cuba cinco mil marinheiros e a instalarem aí um interventor norte-americano, sem mediações no poder, que convocou eleições três anos depois. A própria aparência de alternância dos dois partidos no governo foi quebrada quando o general Mario Menocal, conservador, que tinha sido chefe da polícia, modificou a legislação e se elegeu para um segundo mandato presidencial, praticamente como ditador, com o apoio norte-americano.

Uma neocolônia a 140 quilômetros

A situação de neocolônia norte-americana a que Cuba esteve submetida desde o fim da dominação espanhola se estendeu dos planos econômico e político ao social e cultural, para se transformar numa dependência global. Difundiu-se na cabeça dos cubanos um lema, aceito como axioma — abolido com muita dificuldade depois do triunfo da revolução —, segundo o qual "sem cota, não há país". Significava que, sem a cota açucareira que os EUA compravam de Cuba, o país

necessariamente sucumbiria. Essa era a forma que assumiria outro axioma da Doutrina Monroe que os EUA impunham ao continente, conforme a ideologia ianque: o do "fatalismo geográfico", que implicava o alinhamento automático dos países da região e do continente com os EUA. Assim, com a dependência econômica se forjava também a subordinação ideológica.

E não era para menos. As oscilações do preço do açúcar no mercado internacional demonstravam que a economia cubana não sobreviveria sem o apoio norte-americano, como aconteceu em duas grandes crises econômicas na década de 20, deixando o país em situação de extrema fragilidade diante da depressão de 1929.

Conseqüência desta foi a redução da produção açucareira cubana, em 1933, à metade da de dez anos antes, enquanto o comércio exterior ficava reduzido a 1/5. As safras foram limitadas à metade do tempo, deixando 25% da população no mais absoluto desamparo, enquanto os salários voltavam aos níveis que tinham no começo do século.

Por meio do círculo de ferro da dependência, primeiro se impunha a Cuba uma situação de país monocultor e depois se explorava a debilidade duma economia com esse caráter. A tutela norte-americana era causa e conseqüência da crise permanente em que se debatia o país.

O conturbado clima social exigia como complemento regimes políticos cada vez mais duros e subservientes aos interesses das grandes empresas norte-americanas e a Washington. Em 1925 assumiu o poder o general Gerardo Machado para estabelecer uma feroz ditadura, fazendo-se reeleger por seis anos mais em 1928, com o apoio de liberais e conservadores. Teve de reprimir sistematicamente uma oposição popular que foi se reorganizando no transcurso das primeiras décadas do século.

Como praticamente em todo o continente, a imigração européia do começo do século levou para Cuba a influência anarquista, ao lado da qual foram se difundindo posteriormente os efeitos do triunfo da revolução soviética. Já a partir da vitória dos bolcheviques, uma série de greves surgiu em todo o país, demonstrando a mobilização dos trabalhadores, especialmente das usinas açucareiras e das fábricas de tabaco. Paralelamente, o movimento pela reforma universitária, surgido na Argentina em 1918 e que se propagou por vários países da América Latina, chegou a Cuba e foi liderado por Julio Antonio Mella, um jovem estudante de idéias antiimperialistas. Mella foi eleito secretário da Federação de Estudantes, recém-criada, e, em meio a greves e ocupações da Universidade de Havana, foi se tornando o principal dirigente da crescente oposição popular à ditadura de Machado. Seu pensamento se originou na luta pela democratização da universidade, mas desde o início se inspirou também no combate pela independência nacional diante da ostensiva e opressora presença norte-americana na região. Com o tempo, Mella assumiu uma orientação marxista, sob a influência da revolução soviética, até participar da fundação do Partido Comunista de Cuba, em 1925.

Muitos dirigentes operários e estudantis foram assassinados durante o governo de Machado, a Federação de Estudantes Universitários foi posta na ilegalidade e o próprio Mella foi preso. Libertado depois de uma ampla campanha popular em seu favor, Mella viajou para o México e depois para a Europa e União Soviética. De volta ao México, Mella retomou o projeto de Martí de organizar uma expedição que desembarcasse clandestinamente em Cuba, desta vez para lutar contra o regime de Machado. Mas antes que pudesse concretizar seu projeto, a polícia de Machado o localizou e o assassinou na Cidade do México, em 1929.

As conseqüências da crise da Bolsa de Nova York e as repercussões do assassinato de Mella contribuíram para criar um clima de grandes manifestações contra o governo, que em 1930 desembocaram numa greve geral que paralisou o país. Surgiram várias tentativas de golpe militar e de *putschs* [1], que Machado conseguiu sufocar de forma sangrenta, enquanto manobrava politicamente para continuar no poder, ora pela concessão de anistia, ora por confabulações com o embaixador norte-americano, figura chave em toda a pseudo-república cubana.

A ascensão de Fulgencio Batista

Finalmente, em 1932, depois de outra greve geral que durou 45 dias, a ditadura de Machado não resistiu mais e, pressionado pelos próprios EUA e pelo Exército, ele acabou abandonando o país, em meio a uma situação de profunda incerteza sobre o futuro de Cuba. Depois de um efêmero presidente sustentado pelo embaixador norte-americano, eclodiu uma rebelião militar no quartel Columbia — o principal do país —, aproveitando-se da continuidade de grandes mobilizações populares que exigiam um governo democrático e que pusesse em prática medidas visando melhorar o nível de vida do povo.

O vitorioso golpe militar teve à sua cabeça um sargento mulato de nome Fulgencio Batista, que fazia a sua primeira aparição política

1 *Putsch*: golpe ou assalto feito por um grupo de pessoas com o objetivo de tomar o poder.

na história do país. Acusados de estarem comprometidos com o governo de Machado, todos os oficiais foram passados para a reserva e posteriormente vários deles foram mortos pelas tropas agora dirigidas pelo sargento Batista, promovido a comandante-em-chefe do Exército.

Organizou-se um governo provisório de coalizão, muito heterogêneo, dirigido por Grau San Martín, mas apoiando-se nas presenças polarizadoras de Batista e de um líder democrático — Antonio Guiteras —, que lhe faria contrapeso. O novo governo assumiu em meio a uma situação revolucionária, provocada pela intensa mobilização popular que a prolongada agonia de Machado só alentou. Assim, proliferou no país a ocupação de usinas pelos trabalhadores, com a instalação de sovietes, enquanto o governo decretava uma série de medidas progressistas, sob a pressão da efervescência popular. Medidas democráticas como o estabelecimento da autonomia universitária, a criação da Secretaria do Trabalho, a instauração da jornada de oito horas de trabalho, o direito de voto às mulheres, a criação de tribunais para julgar os crimes do governo de Machado, caracterizaram o início do governo de Grau. A companhia de eletricidade foi posta sob intervenção, e outras medidas de caráter social, como o salário mínimo, estavam em estudo, patrocinadas por Guiteras.

Aprofundava-se a luta dentro do governo, mas Guiteras não podia contar com o apoio de partidos populares, como os comunistas, alinhados na oposição e lutando por um governo do tipo soviético, conforme a linha de classe contra classe dominante na Internacional Comunista naquele momento. Quando as forças da repressão, comandadas por Batista, começaram a atuar contra as manifestações populares, a frágil unidade interna do governo se rompeu definitivamente, levando Grau San Martín a renunciar em 1934, enquanto Guiteras passava à clandestinidade para tentar organizar uma luta insurrecional na região oriental do país.

Batista surgiu então como o homem forte do país. Reprimiu com violência as greves que se prolongavam, conseguiu prender e executar Guiteras antes que conseguisse embarcar para o exterior e retomar o plano de Martí e de Mella. Com o campo livre, Batista pôde se entender com os EUA como um dirigente de confiança. Foi a eminência parda na sucessão de vários governos civis fracos, resultantes da derrota da oposição, com a morte de Guiteras e o fracasso das greves de 1935.

Depois de vários anos de instabilidade institucional, em que a figura de Batista se consolidou como o poder de fato, foram convocadas eleições para uma Assembléia Constituinte, que passou a funcionar em 1940. No pleito presidencial desse ano foi eleito Batista contra

Grau San Martín. A oposição democrática se dividiu, com o Partido Comunista apoiando Batista, tido como o candidato que se oporia ao fascismo — considerado nesse momento o inimigo principal pela nova linha da Internacional Comunista, de frente antifascista, a partir da ascensão ao poder de Hitler, Mussolini e Franco na Europa.

O governo de Batista no entanto foi um período de aumento da especulação, da corrupção, da inflação e do desgaste dos salários, transformando-se rapidamente num governo isolado do povo. Quatro anos depois, Grau San Martín conseguiu triunfar, dando continuidade a governos impopulares, repressivos e corruptos, especializando-se na perseguição ao movimento sindical que se tinha fortalecido. O governo pôs em prática a criação de uma estrutura sindical paralela, pelega e gangsterial, financiada pelo Estado para denunciar e perseguir comunistas e outros setores de esquerda. Iniciava-se o período da guerra fria em todo o Ocidente, marcado pela passagem à clandestinidade dos partidos comunistas e pelas tentativas de liquidação dos movimentos de massa independentes.

O governo que sucedeu a Grau San Martín — de Prío Socarrás — apesar de opositor, deu continuidade à mesma política, enquanto na oposição um político de muito prestígio — Eduardo Chibás — organizou uma divisão no partido de Grau San Martín e fundou o Partido do Povo Cubano (Ortodoxo) com um programa político de combate à degradação econômica e moral a que se haviam entregue todos os governos da pseudo-república. Conquistou enorme apoio popular, especialmente entre a juventude, provocando o ingresso do jovem estudante Fidel Castro para a ortodoxia.

Norte-americanos divertindo-se em Cuba.

Com seu estilo eloqüente, Chibás agitava grandes setores do povo com palestras radiofônicas e comícios públicos, em que fazia denúncias concretas sobre casos de corrupção do governo. Quando não conseguiu provas para certificar legalmente uma das denúncias que tinha feito, sentindo-se com a honra ofendida, Chibás se suicidou em pleno programa radiofônico, como protesto contra a situação do país, em plena campanha eleitoral, em que era o candidato favorito para a presidência da república.

Mesmo com a morte de Chibás, a candidatura de Batista seria provavelmente derrotada nas eleições convocadas para 1952, contra outro candidato ortodoxo que sucederia a Chibás. Entretanto, o ex-sargento, com o aval do governo norte-americano, que não via com bons olhos a corrente do líder falecido, deu um golpe militar no dia 10 de março. A partir daí se fechavam os caminhos para a luta legal e eleitoral das forças democráticas e populares. Os dias da pseudo-república começavam a ser contados de forma regressiva.

2. A LUTA INSURRECIONAL

O assalto ao quartel Moncada

Fidel Castro tinha 24 anos quando Batista interrompeu a campanha eleitoral e assumiu o poder por um golpe militar. Era um jovem advogado, formado dois anos antes na Universidade de Havana, depois de ter estudado doze anos em escolas jesuítas, na região oriental do país, onde havia nascido, no estado de Holguín. Filho de um proprietário rural, Fidel tinha se revelado desde jovem uma personalidade com grande carisma, tendo participado ativamente da política estudantil durante os anos 40, primeiro em Santiago e depois na capital, onde ingressou na Universidade em 1945 para estudar Direito.

Alto, de porte grande, nariz aquilino, olhos pequenos, Fidel se destacou rapidamente pela audácia e poder de comando, desenvolvendo ao mesmo tempo uma ideologia democrática radical, que o levou a participar da organização, em 1947, de uma expedição para lutar contra a ditadura de Trujillo, na República Dominicana, projeto que finalmente não se concretizou.

Na qualidade de dirigente da Federação de Estudantes Universitário de Cuba, Fidel participou em 1948 de uma conferência anti-imperialista latino-americana, convocada pelo peronismo, em Bogotá, na Colômbia. Aí, coincidentemente, Fidel e seus colegas de delegação presenciaram a grande rebelião popular provocada pelo assassinato do líder do Partido Liberal colombiano, Jorge Eliécer Gaitán, em abril desse ano, conhecida como o *bogotazo* e que deu início à prolongada guerra civil naquele país. Fidel e os outros estudantes cubanos tentaram integrar-se ao levante popular, mas a confusa situação e a falta de contatos diretos com os insurgentes os impediram.

Fideal Castro ingressou na Juventude do Partido Ortodoxo, de Eduardo Chibás, e participou da campanha eleitoral como candidato

a deputado, atividade em que foi surpreendido pelo golpe de Batista. Posteriormente ele se referirá da seguinte forma à situação vivida por Cuba naquele momento e que marcará o início da via insurrecional da revolução cubana:

"Era uma vez uma república. Tinha sua constituição, suas leis, suas liberdades; presidente, congresso, tribunais; todo o mundo podia se reunir, organizar-se, falar e escrever com inteira liberdade. O governo não satisfazia ao povo, mas o povo podia mudá-lo e só faltavam uns dias para que o fizessem. Existia uma opinião pública respeitada e acatada, e todos os problemas de interesse coletivo eram discutidos livremente. Havia partidos políticos, horas de propaganda pelo rádio, debates na televisão, atos públicos, e no povo palpitava o entusiasmo. Este povo tinha sofrido muito e, se não era feliz, desejava sê-lo e tinha direito a isso. Tinha sido enganado muitas vezes e olhava o passado com verdadeiro terror. Acreditava cegamente que ele não poderia voltar; estava orgulhoso do seu amor à liberdade e vivia convencido de que ela seria respeitada como coisa sagrada; sentia uma nobre confiança na segurança de que ninguém se atreveria a cometer o crime de atentar contra suas instituições democráticas. Desejava uma mudança, uma melhoria, um avanço, e os via próximos. Toda sua esperança estava no futuro.

Pobre povo! Uma manhã a cidadania despertou estremecida; nas sombras da noite os espectros do passado tinham se conjurado enquanto ela dormia, e agora a tinham agarrada pelas mãos, pelos pés e pelo pescoço. Aquelas garras eram conhecidas, aquelas gargantas, aquelas foices de morte, aquelas botas... Não, não era um pesadelo; tratava-se da triste e terrível realidade: um homem chamado Fulgencio Batista acabava de cometer o horrível crime que ninguém esperava..."

O jovem advogado consultou então o Código de Defesa Social, incorporado às leis da república, e encontrou que a ação de Batista incorria em vários crimes aí previstos: mudança violenta da forma de governo estabelecida, golpe armado contra os poderes constitucionais do Estado, impedimento do exercício das funções do Senado, da Câmara de Deputados, do presidente da república e do Supremo Tribunal de Justiça, impedimento da realização de eleições gerais, emissão de decretos revogando as leis vigentes, assunção ilegal do mando de tropas e postos militares e usurpação de função atribuída pela Constituição a outros poderes do Estado.

Fidel apresentou ao tribunal competente da capital cubana uma acusação formal contra Fulgencio Batista e seus dezessete cúmplices

no golpe de Estado, pedindo, pela soma total dos crimes, a pena de 108 anos de prisão, conforme previa o Código de Defesa Social, com as agravantes de reincidência, aleivosia e prática de crime na calada da noite.

O resultado é contado pelo próprio Fidel:

"Passaram os dias e passaram os meses. Que decepção! O acusado não era molestado, passeava pela república como um amo, o chamavam honrado senhor e general, tirou e pôs magistrados, e no dia da abertura dos tribunais se viu o réu sentado no lugar de honra, entre os augustos e veneráveis patriarcas da nossa justiça."

Essa foi a trajetória ideológica dos jovens que se uniriam a Fidel Castro na luta insurrecional. Decepcionados com o destino que a institucionalidade reservava aos que violavam a legalidade e ameaçavam perpetuar a corrupção e a violência, eles retomaram, no ano do centenário do nascimento de José Martí, o antigo plano militar de ataque ao quartel Moncada, situado em Santiago de Cuba. A escolha se deveu a que a região oriental do país tinha se caracterizado como a mais radical politicamente já desde as lutas de independência do século XIX e que, portanto, mais facilmente poderia dar apoio ao movimento revolucionário. Por outro lado, Santiago de Cuba se localiza na ponta da Ilha oposta à capital, onde se concentravam os principais contingentes militares do país, que demorariam certo tempo até se deslocarem para lá.

No entanto, Fidel e seus companheiros tomaram várias precauções para que o plano não fosse abortado pela polícia de Batista. Depois de ter elaborado a lista das pessoas dispostas e preparadas a tomar parte na ação, a direção do grupo, que mantinha em segredo o objetivo a ser atacado, selecionou apenas gente do ocidente do país, com uma única exceção, para preservar o sigilo da operação.

O grupo finalmente foi composto de 168 pessoas, e a data escolhida foi o carnaval [1], quando o deslocamento turístico para Santiago é muito grande, por ser o lugar mais festivo do país, e quando as tropas estariam com a vigilância diminuída.

O plano militar tinha como objetivo a tomada do sagrado quartel mais importante do país, a distribuição de armas ao povo, a ocupação dos principais pontos estratégicos da cidade e do estado, visando controlar assim toda a região oriental do país. Através de transmissões radiofônicas o movimento se dirigiria ao povo explicando seus objetivos

1 O carnaval cubano se faz em julho, quando termina a safra da cana-de-açúcar, para não interrompê-la em fevereiro, seu momento mais importante.

e o exortaria a aderir a ele. Proclamaria como meta central a derrubada da ditadura de Batista e o restabelecimento da democracia no país.

Sem problemas, todo o grupo deslocou-se para Santiago, carregando o precário armamento que conseguiram com as finanças arrecadadas com a venda de objetos de trabalho e pessoais dos participantes. Uma metralhadora de mão era a arma mais importante que tinham conseguido, ao lado de rifles de baixo calibre, um fuzil M-1 e revólveres. Instalaram-se num pequeno sítio conseguido pelo único combatente de Santiago de Cuba, organizaram-se nos três grupos de assalto que o plano militar previa e, às cinco horas da manhã do dia 26 de julho de 1953, iniciaram o assalto ao quartel Moncada.

A operação acabou sendo um desastre militar. A falta de coordenação entre os três grupos — um atacaria diretamente o posto de vigilância número três do quartel, enquanto os outros ocupariam o Palácio da Justiça e o Hospital Civil, que circundam o Moncada — fez com que um deles se perdesse no trajeto e o número de combatentes ficasse reduzido a 87 homens. Além disso, o acaso fez com que uma patrulha de vigilância passasse pelo lugar onde o grupo de Fidel já abordava a guarda travando-se então um imprevisto tiroteio, que acabou provocando o alarma no quartel e tirou o caráter de surpresa do ataque.

Rapidamente o tiroteio se generalizou e, embora os dois grupos de apoio tivessem conseguido, sem dificuldades, tomar seus objetivos, a ocupação do quartel já se fazia impossível. Fidel deu então ordem de retirada, que chegou sem problemas ao grupo dirigido por seu irmão Raúl Castro, mas o emissário que deveria comunicar a decisão ao terceiro grupo foi morto no trajeto, e os que tinham tomado o Hospital Civil acabaram cercados pelas tropas militares.

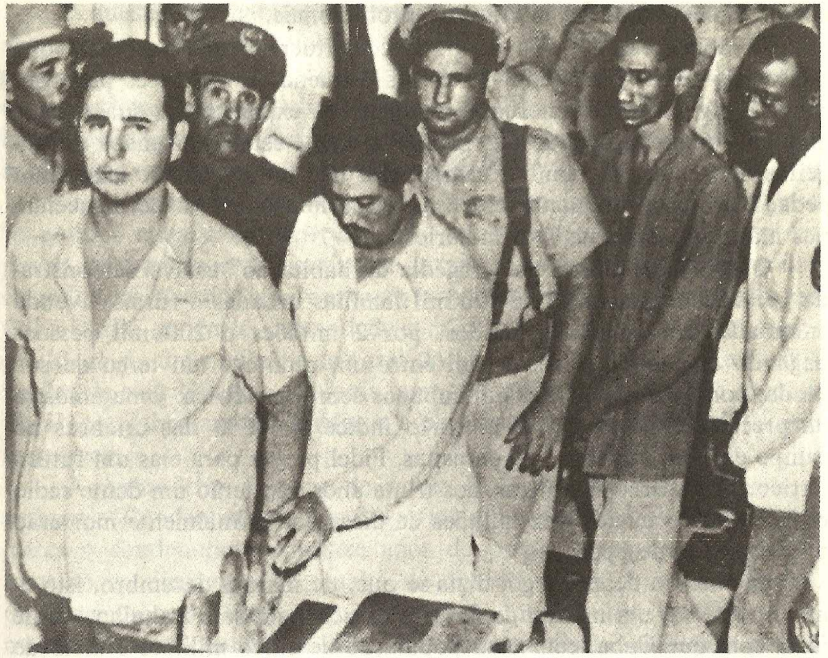
Fracassou assim o assalto ao quartel Moncada como operação militar. Os revolucionários tiveram 32 baixas fatais no combate, uma parte foi presa e outra conseguiu fugir para a zona da cordilheira da Sierra Maestra, inclusive Fidel Castro. Mas eles não estavam preparados para dar início a uma guerra de guerrilhas rural, nem tinham nessa época uma alternativa militar ao fracasso do assalto ao Moncada. Assim, pouco a pouco foram sendo descobertos e presos pelas forças militares.

"A história me absolverá"

O governo de Batista já havia anunciado a morte de Fidel junto com outros... oitenta homens, o que significava que quase cinqüenta

tinham sido assassinados posteriormente ao combate, a sangue frio. Quando já se produzia uma reação popular à feroz repressão desencadeada por Batista, personalidades destacadas se propuseram a intervir para a rendição dos combatentes restantes, com a garantia de preservação das suas vidas. Foi assim que o arcebispo de Santiago logrou o compromisso de que o governo instauraria um processo judicial contra Fidel Castro, detido por uma patrulha do Exército comandada por um sargento que se encarregou de preservar a vida do principal adversário do regime de Batista, sargento que posteriormente aderiria aos revolucionários que cinco anos e meio depois triunfariam.

Os companheiros de Fidel foram conduzidos para a prisão-modelo da ilha de Pinos, uma ilha situada ao sul de Havana, enquanto o líder do frustrado ataque era isolado de seus comandados e submetido a um processo especial. O jovem advogado assumiu sua própria defesa, para a qual escreveu o documento que se transformaria no programa do Movimento 26 de Julho — que tomou o nome da data do assalto ao quartel Moncada.



Alguns dos participantes do assalto ao Moncada sendo levados pela polícia. Fidel Castro é o primeiro à esquerda.

A defesa, intitulada *A história me absolverá*, começa com a denúncia das arbitrariedades de tratamento de que foi vítima Fidel Castro. Passa em seguida a narrar como se deu o ataque, para revelar como a maioria dos mortos não caiu em combate, mas sim assassinados friamente, depois de torturados, pelas tropas do regime quando já eram prisioneiros.

A defesa passa então a invocar o direito de resistência e rebelião contra as tiranias, que tinha norteado os grandes movimentos da história e inclusive as guerras de independência de Cuba do século passado. Reivindicando-se o título de "geração do centenário" do nascimento de José Martí, Fidel Castro atribui a esse prócer da independência cubana a "autoria intelectual" do assalto ao quartel Moncada.

Às razões de índole histórica, Fidel Castro acrescenta as de caráter moral que empurraram os jovens à ação rebelde. Define antes o que entende por *povo*, setor social que orienta a ação do movimento: ele se compõe basicamente dos 600 mil cubanos sem trabalho, dos 500 mil operários agrícolas, dos 400 mil operários industriais, dos 100 mil pequenos camponeses, dos 30 mil professores, dos 20 mil pequenos comerciantes e dos 10 mil jovens profissionais.

As condições de vida do povo constituem o quadro social que incitou os jovens à rebelião: 85% dos pequenos camponeses pagavam renda e viviam sob a ameaça permanente de expulsão das suas terras, enquanto mais da metade das melhores terras estava em mãos estrangeiras. Duzentas mil famílias camponesas não tinham acesso a nenhum pedaço de terra, enquanto extensas áreas improdutivas permaneciam nas mãos de poderosos latifundiários.

O que Fidel chama de "tragédia da habitação" estava demonstrada por 200 mil choças, por 400 mil famílias urbanas e rurais vivendo amontadas em barracões fétidos, por 2 milhões e 200 mil pessoas pagando aluguéis que absorviam entre um quinto e um terço da sua renda, por 2 milhões e 200 mil cubanos sem luz elétrica. Uma amostra da precária situação sanitária era o índice de 98% das crianças no campo estarem afetadas por parasitas. Fidel previa para elas um futuro tétrico: "Crescerão raquíticas, aos trinta anos não terão um dente sadio na boca, terão ouvido dez milhões de discursos e finalmente morrerão de miséria e decepção".

Quanto ao desemprego, dizia-se que, de maio a dezembro, isto é, na entressafra, um milhão de pessoas se achavam sem trabalho, o que fazia com que Cuba, com uma população de cinco milhões e meio de habitantes, tivesse mais desempregados que a França e a Itália, que tinham uma população oito vezes maior que a da ilha caribenha.

O *programa do Moncada* — como passaria a ser chamado o documento de defesa de Fidel — relata então as leis revolucionárias que deveriam ter sido divulgadas por rádio, no caso de ter sido vitoriosa a ação do dia 26 de julho. A primeira "devolvia ao povo a soberania e proclamava a Constituição de 1940 como a verdadeira lei suprema do Estado". A segunda concedia a posse intransferível da terra a todos os colonos, subcolonos, arrendatários, parceiros e posseiros que ocupassem pequenas parcelas de terra, pelo que o Estado indenizaria seus antigos proprietários no prazo de dez anos. Com isso se poria em prática um dos artigos da Constituição de 1940, que ordenava se eliminasse o latifúndio em Cuba.

A terceira lei outorgava aos operários e aos empregados o direito de participar em 30% dos lucros de todas as grandes empresas. A quarta concedia aos colonos o direito de participar em 55% do rendimento da cana-de-açúcar e uma cota mínima de açúcar a todos os pequenos colonos que já fossem estabelecidos há três anos ou mais. A quinta ordenava a confiscação dos bens malversados de todos os governos, mediante o julgamento por um tribunal especialmente constituído para isso.

A questão da habitação seria resolvida rebaixando em 50% os aluguéis, isentando de qualquer imposto as casas habitadas por seus proprietários e triplicando os impostos sobre as casas alugadas. Com essas medidas, mais a industrialização da Ilha, segundo Fidel, o problema do desemprego desapareceria automaticamente e a luta contra as doenças contagiosas seria muito mais fácil.

O programa do Movimento 26 de Julho estabelecia ainda que "a política cubana na América seria de estreita solidariedade com os povos democráticos do continente e que os perseguidos políticos das sanguinárias tiranias que oprimem a nações irmãs" encontrariam em Cuba "asilo generoso, irmandade e pão". Proclamava também a necessidade de uma reforma integral do ensino e de nacionalização dos trustes de eletricidade e telefonia, com a devolução ao povo do excesso ilegal que cobraram nas tarifas e o pagamento ao fisco de tudo o que sonegaram.

O contundente discurso de defesa de Fidel Castro terminava com a frase: "Condenem-me, não importa, a história me absolverá". Os juízes o condenaram a quinze anos de prisão, pena que receberam também os dirigentes do assalto ao quartel, entre eles Raúl Castro. O julgamento de Fidel terminou dia 26 de outubro de 1953, três meses depois do assalto ao Moncada. Fidel também foi levado para a ilha de Pinos, mas ficou todo o tempo em cela separada, sem comunicação com seus companheiros. O texto de *A história me absolverá* ficou

nas mãos dos juízes e se perdeu. Fidel teve de reconstituí-lo na prisão, trabalho que durou um ano.

O documento se transformou em livro, foi impresso clandestinamente em dezenas de milhares de exemplares e serviu para organizar o Movimento 26 de Julho sobre bases programáticas. Fidel se dedicou, através de correspondência, a contatar os companheiros que tinham ficado fora da ação do Moncada ou os que tinham conseguido escapar, para por meio deles orientar o Movimento. A primeira preocupação dos presos era manter vivo na memória de todos o maior massacre perpetrado no país pela repressão brutal contra os combatentes do 26 de Julho, impedindo que a ação da censura e a covardia dos partidos políticos o fizessem cair no esquecimento.

Para isso Fidel recomendou que se aproveitasse ao máximo a "abertura democrática" que Batista achou que tinha condições de pôr em prática, crendo que havia derrotado seus mais perigosos adversários. O próprio Partido Socialista Popular (comunista) tinha condenado a ação dos revolucionários, caracterizando-a como um *putsch* de origem pequeno-burguesa. Fidel contestou essa análise num documento chamado *Mensagem à Cuba que sofre*, dizendo que "não deveriam ter caído nunca em teorias estéreis e inoportunas sobre *putsch* ou revolução, quando a hora era de denunciar os crimes monstruosos que o governo tinha cometido, assassinando mais cubanos em quatro dias que nos onze anos anteriores. Além do mais, quem deu em Cuba maior prova de fé nas massas populares, no amor à liberdade, no seu repúdio à ditadura, na sua desesperada miséria e na sua consciência madura?" E concluía: "O que se mede na hora de entrar em combate pela liberdade não é o número de armas inimigas, mas sim o número de virtudes no povo".

Enquanto isso Batista desenvolvia seu projeto de "abertura democrática", anunciando eleições gerais para novembro de 1954, acabando com a censura à imprensa e pondo fim ao decreto de suspensão das garantias constitucionais, em vigor desde 26 de julho do ano anterior. Seguindo as orientações de Fidel, iniciou-se uma ampla campanha pela anistia. Essa campanha alastrou-se rapidamente por todo o país durante o primeiro semestre de 1955.

Preparando-se para vencer as eleições que convocara, Batista recebeu o vice-presidente norte-americano Richard Nixon. Paralelamente decretou que qualquer cidadão com atividade qualificada de comunista perderia automaticamente seu emprego nos órgãos do Estado, nas escolas, nos sindicatos e em outras instituições. Depois da visita do diretor geral da CIA, Allen Dulles, que manifestou estarem os EUA "seriamente preocupados com o problema do comunismo em Cuba",

Batista criou o BRAC (Bureau de Repressão às Atividades Comunistas), que daí para frente acumulou uma impressionante série de crimes, assassinatos e torturas.

A anistia geral e incondicional

Batista foi eleito e proclamado presidente pelo Congresso em fevereiro de 1955. Concluindo seu projeto de "abertura política", decidiu conceder "perdão" aos presos políticos que assim o solicitassem, querendo com isso uma declaração de arrependimento e renúncia política por parte dos atacantes ao quartel Moncada. Fidel e seus companheiros rejeitaram o acolhimento à anistia que o regime concedia, preferindo intensificar a campanha pela anistia geral e incondicional. A mobilização se estendeu mais ainda e finalmente Batista se viu obrigado a conceder a anistia total, em maio de 1955.

Antes de completar dois anos da ação do Moncada, os membros do Movimento 26 de Julho saíam do cárcere. Fidel e seus companheiros foram recebidos por uma enorme multidão em Havana, mas sua ação foi controlada de perto pela polícia, as publicações que editavam seus artigos eram fechadas e assim seus movimentos se tornavam impossíveis no país. Fidel decidiu então retomar o caminho de Martí, que Mella e Guiteras tinham tentado reencetar sem sucesso: ir-se de Cuba, reorganizar suas forças no exílio e retornar clandestinamente para fazer a guerra contra o regime de Batista.

Num clima político de desilusão e falta de confiança total nos partidos e lideranças políticas, Fidel partiu para o México declarando que "em 1956 seremos heróis ou mártires", para evidenciar a disposição de não abandonar o povo cubano no seu combate contra a ditadura de Batista.

O grupo do Movimento 26 de Julho partiu para o México com um programa político democrático e nacional, voltado principalmente contra a ditadura de Batista e as bases econômicas dessa dominação, radicadas em grandes empresas norte-americanas. Mas o centro das medidas propostas pelo programa do Moncada era de caráter político — pelo restabelecimento da democracia no país — e social — combate ao desemprego, à miséria, ao analfabetismo.

Os métodos de luta se radicalizaram depois das experiências fracassadas de preparação para as eleições — frustradas pelo golpe de Batista — e de assalto ao quartel Moncada. Já se delineava nos revolucionários a estratégia da guerra de guerrilhas, ainda num marco de ação não muito definido, caracterizado mais pela necessidade de luta

militar para a derrubada do regime de Batista do que pela instauração dum poder que futuramente ganharia características socialistas. Serão a estada no México e as próprias peripécias do retorno que irão definir a linha de ação dos moncadistas na luta pelo poder.

O fracasso do assalto ao quartel Moncada tinha até aí conseguido se transformar numa vitória tática, com a perpetuação da memória dos combatentes, do massacre e do programa por que lutavam. O objetivo deles agora era transformar o 26 de julho de 1953 em marco do reinício da luta insurrecional pela independência de Cuba.

O exílio

O trabalho de Fidel e seus companheiros no exílio orientou-se em duas direções: o trabalho *político* de propaganda da luta revolucionária contra Batista e de unificação mais ampla possível dos cubanos no exterior para a participação direta ou o apoio a essa luta; e a preparação *militar* dos que participariam na expedição de regresso ao país.

Para cumprir a primeira finalidade, Fidel viajou para os EUA, onde fez muitas conferências para a colônia cubana sobre a situação de Cuba e os objetivos fundamentais da luta antiditatorial, sempre baseado em *A história me absolverá*. Paralelamente ao trabalho de propaganda, desenvolveu-se uma ampla campanha de finanças, tendo em vista obter recursos para a compra do barco, do armamento e de outros equipamentos necessários aos expedicionários.

Além do Movimento 26 de Julho, a oposição contava com os setores liberais burgueses tradicionais desalojados da cena política por Batista, entre os quais se contavam os partidos dos ex-presidentes Grau San Martín e Prío Socarrás, muito mais voltados para conquistar as simpatias e a intervenção do governo norte-americano contra Batista — e a seu favor — do que para a luta popular contra a ditadura.

De outro lado se encontravam o Diretório Revolucionário e o Partido Socialista Popular (comunista). Com o primeiro, o entendimento do 26 de Julho foi relativamente fácil, pois partilhavam a mesma análise sobre a situação de Cuba e sobre a necessidade de uma via antiinstitucional para solucionar a crise do país, isto é, a utilização da violência armada para derrubar o governo. O Diretório era dirigido por José Antonio Echeverría, presidente da Federação de Estudantes Universitários, e representava a rebelião das camadas jovens das cidades contra a injustiça, a imoralidade e a falta de liberdade durante o regime de Batista. Tinha se formado em 1955 no calor das mobilizações estudantis, paralelamente às organizações de massa, como o setor clandestino de luta antiditatorial.

A única diferença significativa entre o 26 de Julho e o Diretório residia nos métodos de luta, isto é, em que deveria consistir a coluna vertebral do combate contra o regime: o Diretório advogava a via insurrecional — centrada numa grande ação insurrecional urbana —, enquanto o 26 de Julho reservava esse papel para a guerra de guerrilhas, sem descartar a primeira alternativa como uma variante. Essas diferenças não eram substanciais naquele momento e possibilitaram que Fidel e Echeverría estabelecessem um pacto de ação conjunta dos dois grupos.

Com os comunistas as distâncias tinham diminuído desde a frontal condenação feita pelo PSP ao "putschismo" dos métodos de assalto ao Moncada e à resposta de Fidel do cárcere da ilha de Pinos. O próprio endurecimento repressivo do regime de Batista contra os comunistas, coordenado diretamente com o governo norte-americano, tinha arrefecido o entusiasmo do PSP pela possibilidade de ação dentro das instituições. Mas continuavam as divergências com os moncadistas quanto às formas de luta para derrubar a ditadura de Batista. O PSP centrava sua ação basicamente no movimento de massas e nos meios legais e semilegais, enquanto o 26 de Julho nasceu já voltado para um projeto de luta clandestina e insurrecional.

Apesar disso, foram se desenvolvendo contatos diretos entre membros das duas organizações a nível de direção e de base em diversos estados de Cuba. O próprio Raúl Castro havia participado de um Congresso Mundial da Juventude, numa delegação composta basicamente de membros da Juventude do PSP, estabelecendo aí muitos contatos com afiliados desse partido. Os projetos políticos eram diferentes, mas canais de comunicação entre o 26 de Julho e os comunistas foram estabelecidos no exílio e no país, antes mesmo do desembarque dos expedicionários.

Paralelamente ao trabalho político, Fidel se dedicou à organização do grupo que deveria participar da expedição naval à Ilha. Inicialmente não contavam com recursos próprios: moravam em pensões e desenvolviam sua preparação física utilizando como pista de treino a avenida Insurgentes, que liga o centro da capital mexicana com o norte e o sul da cidade, numa extensão de dezenas de quilômetros. Da mesma forma, o lago do parque Chapultepec servia para que os membros do 26 de Julho treinassem remo.

Essas precárias condições de instrução foram melhorando à medida que os revolucionários iam conseguindo arrecadar fundos para o seu projeto e ampliar a solidariedade dentro da própria população

mexicana. Fidel foi recebido e apoiado publicamente pelo ex-presidente mexicano Lázaro Cárdenas, mas, como ajuda imediata, teve mais importância a que recebeu do ex-general da guerra civil espanhola Alberto Bayo, que assumiu a responsabilidade de dirigir o treinamento militar dos futuros combatentes cubanos. Assim, depois de passar inclusive pela detenção de vários membros da organização, juntamente com armamento e uniformes, o grupo pôde finalmente conseguir um local apropriado, na periferia da capital, para desenvolver seu treinamento militar de forma mais profissional.

"Che" Guevara e Camilo Cienfuegos

A essa altura o grupo já havia crescido com a adesão de vários voluntários, entre os quais se encontravam dois, quase anônimos, que posteriormente desempenhariam papéis fundamentais na revolução cubana. O primeiro era um jovem argentino, médico, asmático, que havia saído vários anos antes de seu país. Fez com um amigo uma viagem de bicicleta por todo o continente e se fixou na Guatemala, interessado na experiência de transformação democrática do país tentada pelo governo de Jacobo Arbenz, mediante um processo de reformas sociais.

Ernesto Guevara — o jovem médico argentino — tinha participado do programa de reformas de Arbenz como médico, procurando utilizar seus conhecimentos universitários para minorar o sofrimento do povo latino-americano, que ele já tinha reconhecido na sua viagem como vítima da violência e da injustiça desde a colonização. Para sua surpresa, o projeto político de reformas pacíficas e graduais foi bruscamente interrompido pelo bombardeio de aviões da Força Aérea dos EUA que, atuando com contingentes de desembarque daquele país, propiciaram um golpe militar que derrubou Arbenz, em 1954, e pôs no seu lugar o coronel Castillo Armas.

O pretexto era que começava a se instalar perto da fronteira sul dos EUA um governo "comunista". O motivo real era a nacionalização das terras da United Fruits, companhia norte-americana que explorava grandes extensões de terras na região e comercializava a produção agrícola dos países centro-americanos e caribenhos. Assim a Guatemala, uma das "repúblicas das bananas" de então, imergia num regime de ditadura militar que dura até hoje. O jovem argentino foi para o México, levando com sua mochila de médico temas para refletir sobre como obter a melhoria das condições de vida do povo da América Latina.

Na casa de uma ativa colaboradora do 26 de Julho na Cidade do México — María Antonia —, Guevara conheceu Fidel e daí nasceu uma amizade e confiança mútuas que durariam sempre entre os dois. Guevara — que passou a ser chamado de "Che" pelos cubanos do grupo, pela forma de tratamento habitual aos argentinos — ouviu os propósitos do Movimento, concordou com o projeto e nele se incorporou na qualidade de médico. Participou do treinamento militar do grupo, chegou a ficar preso com eles ainda no México — quando Fidel lhe reafirmou que não o abandonariam de forma alguma, diante do pedido de expulsão do país que recaía sobre ele, por estar ilegal no México — e foi ganhando gradualmente a confiança e a legitimidade do grupo, pela sua seriedade e seu caráter.

Outro a incorporar-se de forma individual foi Camilo Cienfuegos, jovem cubano de espírito rebelde e aventureiro que estava trabalhando no exílio para sobreviver quando soube do projeto de Fidel e seus companheiros. Juntou todos os seus recursos para conseguir a passagem dos EUA — onde estava — ao México. Chegou, estabeleceu contato e ingressou no grupo, como um a mais, sendo finalmente incorporado como o último da lista dos expedicionários, na qualidade de combatente.

O desembarque do Granma

Enquanto o grupo se preparava no México, em Cuba o Movimento 26 de Julho se reorganizava sob a direção de um jovem e franzino professor primário de Santiago de Cuba, de formação protestante, chamado Frank País. Fidel se reuniu com ele na Cidade do México quando o grupo já tinha avançado seu programa de preparação, para coordenar a ação do exterior e do interior. Ficou estabelecido um plano segundo o qual os revolucionários do interior do país deveriam promover no dia 30 de novembro de 1956 manifestações de rua em Santiago e em outras cidades do estado de Oriente, para atrair a atenção da polícia e do Exército, enquanto no mesmo momento os expedicionários desembarcariam num ponto da costa sul da zona oriental, mais em direção ao centro do país. As manifestações serviriam para desviar a atenção das tropas do regime e também como demonstração da presença política do Movimento 26 de Julho, que faria constar assim que voltava abertamente à luta contra Batista, cumprindo sua promessa.

Nas possíveis zonas de desembarque, grupos de recepção compostos de camponeses foram organizados por Celia Sánchez — uma

das quatro mulheres que desempenharam papel de primeira linha na luta clandestina cubana, junto com Haydée Santamaría, Melba Hernández (as duas presas na ação do Moncada) e Vilma Espín, que se casaria posteriormente com Raúl Castro. Com isso tudo estaria pronto para combinar a ação de volta dos revolucionários com a mobilização política do país e dar assim reinício à luta insurrecional depois do Moncada.

O grupo do México já tinha conseguido arrecadar o dinheiro para comprar o barco, mas, depois de pagar por um nos EUA, não puderam trazê-lo até o México e acabaram perdendo todo o dinheiro investido nele. Com recursos conseguidos em nova coleta popular no exílio, compraram de um norte-americano radicado no México seu iate chamado *Granma*, cujo nome era uma versão de "Grand Mother". Na verdade era uma lancha, de dois motores, feita mais para umas vinte pessoas do que para todo o grupo selecionado para o embarque, e com uma velocidade e potência pouco adequadas para o projeto estabelecido.

Cumprindo o compromisso de se tornarem "heróis ou mártires" em 1956, na madrugada de 25 de novembro desse ano saía do porto mexicano de Tuxpan, depois de várias peripécias de última hora para despistar a polícia desse país e não atrair a atenção da cubana, o iate Granma, para tentar chegar à costa do estado de Oriente no dia 2 de dezembro, conforme combinado com Frank País e o Movimento no interior de Cuba.

O grupo finalmente selecionado por Fidel estava composto de 82 pessoas, quatro vezes a capacidade do barco, a que era preciso acrescentar os armamentos, os equipamentos e os mantimentos, fazendo com que, já de saída, o Granma estivesse sobrecarregado para desenvolver a velocidade calculada inicialmente em função da coordenação da data de chegada com o interior do país. Os motores também se revelaram menos potentes do que o esperado e o mar esteve cheio de tormentas, pelo mau tempo, o que igualmente contribuiu para que a travessia, a ser realizada no máximo em quatro dias, acabasse durando sete, quase o dobro do previsto inicialmente. A viagem se atrasou mais ainda porque um dos revolucionários caiu ao mar e várias horas foram gastas para encontrá-lo e reincorporá-lo à expedição. Todos se sentiram muito mal do estômago desde o início, pelo balanço do pequeno barco e também pelo aperto num pequeno espaço, o que fez da viagem um inferno, segundo testemunharam todos depois.

Ainda a bordo, lutando para avançar mais rápido no contorno que faziam da Ilha para desembarcar na costa sul da zona oriental, os revolucionários escutaram pelo rádio que, conforme o programado, na

madrugada do dia 30 de novembro os jovens do Movimento, sob a direção de Frank País, saíram às ruas de Santiago de Cuba, de uniforme verde-oliva e braçadeira vermelha e negra da organização, atacando quartéis e delegacias de polícia. Confiantes no sucesso da operação, os revolucionários gritavam que Fidel Castro estava de novo em Cuba, para lutar contra o regime de Batista.

O desembarque na costa cubana terminou se dando fora das zonas programadas, onde os expedicionários poderiam contar com grupos de apoio, principalmente porque o combustível se esgotara na prolongada viagem. Estacionaram o Granma nas proximidades do litoral, na praia Las Coloradas, uma zona que constataram depois era de mangue, o que dificultou ainda mais a circulação de todos, com seus armamentos e outros equipamentos pesados.

As manifestações de Santiago acabaram tendo um efeito contrário ao desejado. A falta de entrosamento nas ações chamou a atenção das tropas do governo para a iminência do desembarque de Fidel e seus companheiros, além do que levou para a zona oriental do país contingentes militares mobilizados na busca dos revolucionários. A demorada travessia do Granma facilitou a localização dos expedicionários, que tiveram, cansados, de seguir imediatamente em direção à Sierra Maestra, a mais alta cordilheira do país, que percorre toda a zona oriental, para procurar abrigo.

Em más condições físicas, os guerrilheiros foram surpreendidos pelo Exército, produzindo-se o primeiro combate em situação de absoluta desvantagem para Fidel e seus companheiros. Muitos morreram no local do cerco imposto pelo Exército, outros se dispersaram, uma parte dos quais foi capturada e fuzilada e, depois de muitos dias de tentativas para romper o cerco militar, os guerrilheiros conseguiram se reunir e fizeram um balanço catastrófico da operação de desembarque. Na casa do camponês Guillermo García Frías — que se incorporou à guerrilha e hoje é um dos principais dirigentes da revolução — se reuniram dois pequenos grupos, dirigidos por Fidel e por seu irmão Raúl.

Restavam 22 homens dos 82 embarcados em Tuxpan. Vinte e dois homens com seus fuzis e uniformes. Ao reencontrar seu irmão Raúl com o pequeno número de homens que o acompanhavam, Fidel declarou, para o espanto de todos: "Agora sim que os dias da ditadura estão contados!" Como disse Raúl posteriormente, supuseram que Fidel havia ficado louco, mas só lhes restava continuar a luta, não porque achassem que iam ganhar, mas por fidelidade a todos os caídos em combate. Tratava-se no entanto de mais uma demonstração da tenacidade, próxima à obsessão, de Fidel, que transmitia a todos

segurança e confiança na vitória, paradoxalmente ainda no momento da segunda derrota. Essa característica que acompanhava Fidel desde a sua juventude é parte do porte de líder que possibilitou superar as dificuldades que nem Martí, nem Mella ou Guiteras tinham conseguido vencer.

Pela segunda vez a imprensa do regime, alimentada pela United Press Internacional (UPI), noticiou a morte de Fidel e a liquidação dos revolucionários. A partir do contato com Guillermo García Frías, o grupo sobrevivente pôde estabelecer contato com Celia Sánchez e, através dela, com o resto do Movimento, especialmente na região oriental do país. Recomeçava assim o processo de transformar novamente um revés num triunfo, primeiro desmentindo a notícia da morte de Fidel e, ao lado disso, reorganizando as forças que tinham restado aos guerrilheiros.

A vitória era moral, no sentido do cumprimento da promessa de que seriam "heróis ou mártires" em 1956. Mas isso não bastava. Como a conflagração da zona oriental não tinha dado certo, era preciso delinear em toda a sua extensão a linha estratégica da guerra de guerrilhas, uma guerra prolongada de desgaste das forças do regime e que paralelamente servisse para pôr em marcha o grande sujeito da revolução — as massas populares.

A guerra popular

Passando pelo assalto ao quartel Moncada e pela preparação do desembarque do Granma, a luta insurrecional contra o regime de Batista entrava na sua terceira etapa, centrada na guerra de guerrilhas rural. Esta etapa transcorreu da chegada dos expedicionários a terras cubanas — dia 2 de dezembro de 1956, data posteriormente consagrada como a de fundação das atuais Forças Armadas Revolucionárias (FAR), de Cuba — até a fuga de Batista do país (no dia 1.º de janeiro de 1959) e o triunfo dos revolucionários.

Ao contrário da imagem que se difundiu vulgarmente, não foi da luta de 22 homens organizados num foco guerrilheiro, e de seu crescimento, como bola de neve, que se gerou a força indestrutível da revolução. Se é certo, como vimos, que do grupo de 82 expedicionários sobraram apenas 22, o Movimento 26 de Julho não se reduzia a eles, como as próprias mobilizações de Santiago de Cuba e outras cidades o tinham demonstrado. O prestígio de Fidel e seus companheiros tinha se propagado por todo o país como o símbolo da resistência intransigente à ditadura, diferenciados completamente dos políticos tradicionais, corruptos e conciliadores. Além disso, a oposição ao regime de Batista contava também com a ação do Diretório Revolucionário, do Partido Socialista Popular e de outros partidos e personalidades de diferentes tendências que se afiliavam ao movimento democrático.

Mas a genialidade política de Fidel Castro residiu na capacidade para combinar uma orientação ampla e unitária, refletida num programa que incluía as principais reivindicações populares e objetivos compreensíveis para o conjunto do povo, com formas de ação que golpeavam o coração do regime de Batista — seus contingentes militares. A articulação entre a amplitude do discurso revolucionário e a radicalização da sua prática — fórmula também responsável pelo sucesso posterior dos sandinistas na Nicarágua — constituiu o segredo do triunfo dos revolucionários cubanos.

Essa vitória no entanto teve de passar antes de tudo por uma relação que até então o Movimento 26 de Julho não tivera com as camadas populares de Cuba, especialmente seus setores proletários. Era preciso conhecer o campesinato do país, conviver com ele, ganhar a sua confiança e incorporá-lo diretamente à luta. Isso porque a guerra de guerrilhas se apoiaria mais imediatamente nos camponeses, base social potencialmente mais mobilizável para uma luta radical contra o sistema de exploração em que se apoiava a ditadura de Batista.

Esse processo se dará da seguinte forma: os camponeses entrarão em contato com o programa dos moncadistas e estes tomarão consciência da realidade em que viviam os trabalhadores do campo. De grupo político que buscava a redemocratização do país e a justiça social, os revolucionários conhecerão mais a fundo o capitalismo primário-exportador cubano, dominado e controlado de perto pelos grandes monopólios norte-americanos e baseado na exploração sem limites da força de trabalho, no desemprego, na violência dos latifundiários, nas arbitrariedades da polícia, na corrupção dos "caciques" locais em conluio com as forças repressivas. Um novo tipo de relação orgânica começava a se estabelecer entre o grupo de jovens revolucionários e a massa proletária de Cuba, que iniciava a gestação de um processo que mais tarde passaria do programa democrático, popular e nacional do Moncada ao antiimperialismo e ao socialismo.

A zona onde começou a atuar a guerrilha — a Sierra Maestra — abrangia todo o estado de Oriente, a região tradicionalmente mais rebelde do país, desde o início das guerras de independência no século passado. O terreno se adaptava às necessidades de um pequeno grupo de homens cuja ação teria de se nortear pela mobilidade e pelo fator surpresa, para poder enfrentar um Exército centenas de vezes superior em contingentes e em armamento.

A força real da guerrilha teria de provir então de uma relação com o povo radicalmente oposta à que tinham as forças militares do regime. O Exército Rebelde — nome que passou a ter o contingente militar do Movimento 26 de Julho, com uma estrutura mais ampla, que possibilitasse a incorporação de outras forças à luta guerrilheira — desde o seu início desenvolveu um trabalho político de propaganda revolucionária entre os camponeses da organização, mas também implementou uma relação de apoio às próprias atividades cotidianas dos trabalhadores, como a ajuda sanitária com orientação médica e o trabalho de alfabetização. Os guerrilheiros pagavam sempre tudo o que consumiam da plantação dos camponeses, diferenciando-se assim, também nesse plano, da polícia rural e do Exército, os quais cometiam arbitrariedades quando, por algum motivo, chegavam a essas longínquas e esquecidas paragens rurais do país.

O núcleo guerrilheiro dirigido por Fidel iniciou assim sua primeira fase de luta nas montanhas, uma fase nômade, caracterizada por pequenas ações acompanhadas de mobilidade constante, para evitar o enfrentamento direto com as tropas do Exército. O primeiro ataque se deu contra uma pequena instalação militar em La Plata, no dia 17 de janeiro de 1957, um mês e meio depois do desembarque.

Núcleo guerrilheiro comandado por Fidel Castro (ao centro).

Os guerrilheiros tiveram sucesso total, com a tomada do quartel depois da rendição da guarnição. O combate não foi prolongado, porque a surpresa da ação impediu a chegada de reforços. Os soldados que resistiram tiveram de lamentar dois mortos e cinco feridos, enquanto os atacantes, depois de cuidar dos feridos, saíram com armamento dos soldados e nenhuma baixa.

Essa ação teve um importante efeito psicológico para o pequeno grupo. Foi o primeiro combate vitorioso do Exército Rebelde, apesar de ainda contar com mais armas que homens. Serviu fundamentalmente para que ganhassem confiança em si mesmos e para que começassem a se difundir na Sierra os ecos de suas façanhas.

Esse período nômade da guerrilha vai do desembarque até a primeira batalha militarmente importante — a de Uvero — em fins de maio, quando enfrentaram um contingente do Exército numericamente superior e o combate se prolongou por várias horas. Os contatos da Sierra Maestra com as cidades eram difíceis e, além disso, não existia ainda uma estratégia homogênea que unificasse todo o Movimento e canalizasse para a montanha — eixo central da intervenção dos revolucionários — os recursos mais importantes. O núcleo da Sierra se dedicava prioritariamente a conhecer a sua zona de atuação e a criar aí as condições para transformá-la numa base guerrilheira, do ponto de vista logístico e social. A direção do Movimento 26 de Julho nas cidades orientava-se por uma linha de guerra generalizada em todo o país, sem uma prioridade definida.

Aproveitando a ida de um jornalista norte-americano — Herbert Matthews — em fevereiro de 1957 à Sierra, para entrevistar Fidel e certificar no *New York Times* que ele estava vivo e a guerrilha atuando, se deu a primeira reunião, em território cubano, do conjunto da direção do Movimento. Acompanhavam o jornalista os líderes Frank País, Armando Hart, que viria a ser ministro da Cultura, Vilma Espín, Haydée Santamaría e Celia Sánchez. Nessa reunião ficou decidido o envio de um reforço da cidade para a Sierra.

Até a chegada desse primeiro grupo da cidade, a guerrilha se compunha somente de vinte homens — dezessete expedicionários sobreviventes (outros foram utilizados no trabalho de comunicações ou ficaram doentes ou feridos) e mais três camponeses incorporados à luta. O reforço inicial era de cinqüenta homens, somente trinta dos quais chegaram com armamento bom.

A estréia dos novos contingentes foi precisamente no combate de Uvero, quando a guerrilha se arriscou a um ataque frontal contra o posto bem defendido, à luz do dia. O Exército Rebelde atuou com cerca de 80 homens num sangrento combate que durou três horas e

produziu 33 baixas nos soldados do regime (19 feridos e 14 mortos), mas onde a guerrilha teve de lamentar sete mortos e oito combatentes com ferimentos.

Esse combate, que marcou, segundo "Che", "a maioridade da guerrilha", teve também repercussões importantes no desenvolvimento da luta: sentindo a força do inimigo, o Exército se retirou das zonas próximas à Sierra Maestra, deixando território livre para a guerrilha se expandir. Como conseqüência disso, Fidel decidiu dividir seus contingentes em duas colunas, para ampliar sua zona de ação. Entregou a "Che" — que já tinha trocado definitivamente sua mochila de médico pela de comandante guerrilheiro — a responsabilidade de dirigir a segunda. Mais tarde Fidel constituiu duas novas colunas, sob a direção de Raúl Castro e de Juan Almeida, para atuar nas regiões mais orientais do país. O Exército Rebelde passava assim da fase eminentemente nômade à fase sedentária, de maior fixação ao terreno, e na prática se distanciava menos do nome de exército que se havia dado.

Enquanto a guerrilha rural avançava rapidamente, nas cidades a situação apresentava muito mais dificuldades. Coerente com sua orientação pela via insurrecional, o Diretório Revolucionário tentou, no dia 13 de março de 1957, atacar o palácio presidencial e assassinar Batista. O plano incluía também a tomada da rádio Relógio, de onde José Antonio Echeverría faria um pronunciamento incitando o levante popular. A ação contra Batista fracassou, pois este excepcionalmente se encontrava nos seus aposentos, no andar superior do palácio, às três da tarde, e não no seu gabinete, no segundo andar, até onde conseguiram chegar os atacantes, supondo que o ditador estivesse despachando a essa hora. Echeverría também foi encurralado e morto à saída do seu pronunciamento pela rádio.

Alguns meses depois, Frank País também caiu vítima da ação das forças repressivas. Apesar da greve geral espontânea que sua morte provocou no país, sua perda foi muito grave para o Movimento 26 de Julho. Os atos de sabotagem urbana se multiplicavam, mas a ação repressiva mostrava os limites da luta urbana naquelas condições.

Mas a onda de mobilizações antigovernamentais foi crescendo até a tentativa do setor urbano do Movimento 26 de Julho de realizar uma greve geral, marcada para o dia 9 de abril de 1958. Organizada em bases clandestinas e dispensando alianças políticas com outras forças — como com o PSP, por exemplo —, a greve foi um fracasso. Como conseqüência imediata, o Movimento perdeu as lideranças de Havana, onde ficou mais vulnerável à ação das forças de segurança do regime de Batista.

Outras ações, voltadas mais para a propaganda que para o enfrentamento direto com as forças militares do regime nas cidades, tiveram êxito. Foi o caso do seqüestro, organizado por um comando do Movimento 26 de Julho, do campeão mundial de automobilismo Juan Manuel Fangio, na véspera do Grande Prêmio de Cuba, que deveria ser disputado no Malecón de Havana, a grande avenida que beira o mar no centro da capital cubana. A corrida perdeu seu atrativo principal, teve de ser suspensa e a imprensa mundial falou dos revolucionários cubanos e da sua luta contra o regime de Batista.

Em reunião convocada para os primeiros dias de maio na Sierra Maestra, a direção — urbana e rural — do Movimento fez um balanço do desenvolvimento geral da guerra e do fracasso da greve. Uma centralização estratégica na Sierra, sob o comando de Fidel, passaria a unificar a ação do Movimento a partir desse momento, modificando-se também a composição da sua direção nas cidades.

Mas a principal conseqüência da derrota da greve estava ainda por vir. Certo de que havia dado um golpe decisivo nos revolucionários, Batista resolveu passar diretamente ao ataque e decidiu desenvolver uma ofensiva contra as tropas guerrilheiras na própria Sierra Maestra. Mobilizou dez mil homens e deu início à sua ofensiva no dia 25 de maio. Esta se revelaria depois como uma manobra decisiva para o resultado final da guerra.

O Exército Rebelde — que já contava nessa altura com mais uma coluna, dirigida por Camilo Cienfuegos — reconcentrou suas forças para impedir a subida do Exército à Sierra Maestra, já considerada território liberado pela guerrilha. Utilizando desde pequenas emboscadas de desgaste e de contenção até a defesa frontal de regiões montanhosas, o Exército Rebelde foi impondo baixas às tropas do governo, que eram apoiadas por bombardeios aéreos e com uma vantagem descomunal em homens.

Dois meses depois Fidel Castro anunciou pela rádio Rebelde — instalada pelos revolucionários na Sierra Maestra — que a ofensiva do Exército de Batista havia terminado no maior fracasso, com mais de mil baixas, entre mortos, feridos, prisioneiros e desertores. Caíram nas mãos dos guerrilheiros seiscentas armas, entre as quais se encontravam um tanque, doze morteiros, doze metralhadoras e grande quantidade de fuzis e munição. Quatrocentos e cinqüenta prisioneiros forem entregues pelo Exército Rebelde à Cruz Vermelha ao terminar a campanha.

"O Exército de Batista saiu com sua espinha dorsal quebrada, desta derradeira ofensiva sobre a Sierra Maestra, mas ainda não estava vencido", concluiu "Che" Guevara num balanço da grande

manobra do regime. Era o momento de contra-atacar, e os guerrilheiros não perderam tempo.

A essa altura a guerrilha já dispunha de um amplo território sobre o qual exercia praticamente controle total. A majestosa Sierra Maestra traçava o itinerário dos espaços de domínio do Exército Rebelde. Em outubro Fidel Castro promulgou a Lei de Reforma Agrária, que começou a transformar a estrutura da posse da terra nos territórios liberados da Sierra Maestra. Raúl Castro e Juan Almeida se encarregavam de controlar com suas colunas a região oriental do país, enquanto "Che" e Camilo Cienfuegos desciam em direção ao ocidente. Deveriam primeiro unificar todos os pequenos grupos guerrilheiros que haviam surgido nos diversos estados sob o impulso dos sucessos do Exército Rebelde. Mas o objetivo central era dividir a Ilha em duas, para consolidar o controle sobre a zona oriental, impedindo a passagem de reforços do governo a partir de Havana. Assim seria possível o ataque a Santiago, que seria declarada capital da Cuba liberada. No decorrer do desenvolvimento desse plano, "Che" e Camilo deveriam seguir com suas colunas para Havana, realizando o objetivo de invasão da Ilha de oriente a ocidente, da mesma forma como o haviam feito Maceo e Máximo Gómez no fim do século passado.

Ernesto "Che" Guevara dirige-se ao povo cubano pela rádio Rebelde, emissora instalada nas montanhas de Sierra Maestra

Quando "Che" partiu, dia 31 de agosto, deixava atrás de si outra grande contribuição à luta dos revolucionários: a rádio Rebelde, que começou a funcionar nos territórios ocupados pela coluna de Guevara, preocupado com a tarefa de propaganda das idéias do Exército Rebelde. O aumento de potência dessa rádio possibilitava agora ser escutada em todo o país, especialmente nas duas programações noturnas.

Aproveitando o controle praticamente total de que dispunha sobre o seu território, Raúl Castro, por seu lado, organizou hospitais, escolas, fábricas, cobrou impostos aos grandes proprietários rurais, formando assim um Estado em miniatura, como um verdadeiro poder dual, prefigurando assim o país liberado de alguns meses depois.

A fuga de Batista

À medida que o avanço das tropas de "Che" e de Camilo foi se tornando avassalador, Batista começou a mostrar sinais de desespero. Realizou eleições absolutamente fraudulentas e sem representatividade em novembro de 1958, para as quais não conseguiu participação significativa da oposição legal, pressionada também pela ameaça do Exército Rebelde de que as forças que legitimassem a fraude eleitoral com sua participação seriam proscritas depois da queda de Batista. O candidato de Batista, eleito menos de dois meses antes da fuga deste do país, não chegou a tomar posse.

No plano militar, Batista resolveu jogar sua última cartada quando viu que a coluna de "Che" havia tomado a estratégica cidade de Santa Clara, no centro do país. Enviou tropas num trem blindado para tentar romper o cerco que se estendia sobre a capital do país, isolando o ocidente do oriente. Santiago era abastecida por ar e por mar, situação que se tornava insustentável para o seu governo, isolado politicamente e em retirada no plano militar.

O trem blindado foi interrompido e destruído pelas tropas de "Che", que infligiram assim o golpe que faltava para que fosse decretada a condenação à morte do regime de Batista. Os sinais típicos de fim de um poder surgiam inequivocamente. Em Havana multiplicavam-se as matanças de presos políticos e suspeitos, como um último suspiro das forças repressivas. Mas os carros de polícia eram vistos muito mais atentos às notícias dos seus rádios, à espera de grandes novidades, do que ao patrulhamento das ruas. Os EUA davam sinais de "viva preocupação" com a evolução da situação e exortavam a uma saída negociada que impedisse o triunfo total dos revolucionários,

depois que seu grande aliado demonstrou incapacidade para solucionar a crise do país.

Como último bastião para uma negociação, Eulogia Cantillo, comandante da guarnição militar de Santiago, cidade virtualmente cercada pelos guerrilheiros, propôs conversações com Fidel Castro. Estabeleceram um acordo, segundo o qual as tropas de Oriente deporiam as armas três dias depois, a 31 de dezembro, e Cantillo viajaria a Havana para propor a mesma solução à nível nacional. Fidel tinha somente uma exigência: que Batista não fugisse do país e respondesse por seus crimes perante a Justiça.

Cantillo viajou para Havana, mas logo ficou evidente que articulava com Batista e o resto da oficialidade militar um governo alternativo, fato que se comprovou com a fuga de Batista e a entrega direta do governo nas mãos dos militares.

A derrota da grande ofensiva de maio/junho de 1958 já havia decidido o revés do regime de Batista. A explosão do trem blindado com que tentara impedir o avanço das tropas do Exército Rebelde em direção à capital do país liquidou todas as possibilidades de sobrevivência do governo. Quando a queda de Havana já era questão de horas, Batista reuniu todos os seus ministros, secretários, oficiais das Forças Armadas e auxiliares diretos para uma festa de Ano Novo, no quartel Columbia, onde residia. Sem que praticamente ninguém soubesse, na hora do brinde, Fulgencio Batista anunciou que, "para evitar maior derramamento de sangue", ele decidia abandonar o país, para o que tinha preparado alguns aviões e a lista das pessoas que poderiam embarcar com ele. E partiu para a República Dominicana, dado que os EUA se recusaram a conceder-lhe asilo. O tratamento que receberá de seu grande amigo Trujillo tampouco será lisonjeiro, pela aura de covardia que reinará sobre sua imagem.

No quartel Columbia, o general Tavernilla tentou ainda organizar uma junta militar que apoiaria um governo cívico-militar, como última tentativa para impedir a vitória total do Exército Rebelde. O povo cubano, enquanto isso, amanhecia no dia 1.º de janeiro de 1959 com a boa nova de que Batista havia fugido do país. Fidel decidiu imediatamente que as tropas de Camilo Cienfuegos e de "Che" entrassem em Havana, enquanto ele descia da Sierra Maestra para Santiago de Cuba, onde chegou no dia 2 de janeiro. Em Santiago, transformada momentaneamente em capital do país pelo novo poder emergente, Fidel afirmou em discurso que "desta vez os mambis não serão impedidos de entrar em Santiago". Referia-se à frustração dos que haviam lutado pela independência de Cuba no fim do século anterior, quando não puderam consumar seu triunfo, já às portas de Santiago, pela chegada

das tropas norte-americanas. Decretou também uma greve geral contra a tentativa de golpe militar ou qualquer outra forma de tentar roubar a vitória ao Exército Rebelde.

"Che" e Camilo entraram dia 3 de janeiro em Havana. Enquanto o primeiro tomava o quartel de La Cabaña, situado ao lado do farol, na ponta da baía de Havana, o segundo se apoderava do quartel Columbia, principal centro militar do antigo regime. As ocupações se deram sem resistência, sucedendo o mesmo em quase todas as delegacias de polícia, ocupadas pelos destacamentos urbanos do Movimento 26 de Julho. A exceção foram as brigadas especiais de repressão, que resistiram, sabendo o destino que lhes reservava o novo governo.

A greve geral foi amplamente vitoriosa, com o povo saindo às ruas para comemorar o fim do regime de Batista. No dia 8 de janeiro Fidel e sua caravana entravam triunfalmente na capital, depois de percorrer o país de oriente a ocidente. Instalou-se o novo governo, presidido por um jurista da oposição moderada, Manuel Urrutia Manzano, com um ministério em que se integraram alguns membros do Movimento 26 de Julho. Fidel Castro foi nomeado primeiro-ministro, como expressão da existência de uma dicotomia entre o poder real, representado pelo Exército Rebelde, e um poder formal, personificado pelo governo de coalizão.

Cinco anos e meio depois do assalto ao quartel Moncada e 26 meses após o desembarque do Granma, caía o regime de Batista e triunfavam os revolucionários do Movimento 26 de Julho, para acabar com sessenta anos de pseudo-república e abrir uma página radicalmente nova da história de Cuba.

3. DA DITADURA À DEMOCRACIA

Num clima de enorme euforia e de mobilizações de rua cotidianas por parte do povo em todo o país, o novo governo tomou imediatamente uma série de medidas, entre as quais a extinção da polícia de Batista, a supressão dos tribunais especiais criados pelo regime anterior e o decreto de nulidade da Emenda Platt, em vigor desde a intervenção norte-americana no começo do século. O Congresso foi igualmente dissolvido, por ter sido resultado de eleições sem nenhuma legitimidade nacional, e voltou a vigorar a Constituição de 1940. No plano militar, o Exército Rebelde passou a ser a nova instituição armada do país, incorporando oficiais e soldados do antigo Exército não comprometidos com seus crimes.

O novo governo recebeu rapidamente o reconhecimento dos principais países do continente, e o próprio governo norte-americano se apressou em modificar sua atitude oficial — antes mesmo de Fidel Castro entrar em Havana, já se havia somado a essa lista.

A vitória revolucionária se deu com a safra da cana-de-açúcar em desenvolvimento, porque ela se inicia em novembro e vai até junho. Chamando-a de "safra sem Batista", o governo exortou os trabalhadores a garantir a continuidade da produção e, também, a mostrar maior empenho, para conseguir mais recursos externos para o país.

Já no próprio dia 1.º de janeiro o povo saiu às ruas das principais cidades de Cuba para apoiar a revolução, colaborar na consolidação da sua vitória e também em busca de presos políticos e desaparecidos, ato habitual em toda situação similar. A ronda pelas delegacias, quartéis e cárceres incluía também o reconhecimento dos informantes do regime, dos torturadores e de todos os agentes comprometidos com a repressão contra o povo.

Em vários lugares o próprio povo prendeu muitos deles, e a ira popular chegou inclusive a fazer justiça com as próprias mãos contra

membros mais conhecidos como disseminadores do terror em centenas de famílias cubanas. Para evitar que isso se propagasse, o governo instituiu tribunais de justiça com participação direta do povo, para o reconhecimento dos acusados e para a prática dum tipo de justiça popular. Advertindo que nenhum criminoso ficaria impune e que inclusive a pena de morte seria utilizada contra os responsáveis por assassinatos, o governo revolucionário evitava assim que a ira popular, conseqüência de tantos anos de arbitrariedade e terror impunes, ficasse incontrolável.

Em locais públicos, como os grandes estádios de beisebol e praças do centro das cidades, esses tribunais funcionaram desde as primeiras semanas do triunfo revolucionário. Por eles passaram milhares de pessoas acusadas de comprometimento em distintos níveis com os crimes do regime de Batista. A pena de morte — o famoso *paredón* — recaiu sobre cerca de quatrocentas pessoas, diretamente envolvidas em assassinatos e massacres contra o povo. O restante foi condenado a penas de prisão.

O programa do novo governo baseou-se diretamente em *A história me absolverá* e sua ação dirigiu-se portanto prioritariamente a medidas tendentes à elevação do nível de vida do povo, à superação do analfabetismo, da prostituição, do jogo, da corrupção, da discriminação racial, da repressão, da crise habitacional e do desemprego.

Ao mesmo tempo, era preciso construir um novo aparelho de poder, porque o velho, tanto nas suas instâncias administrativas, como militares e políticas, estava diretamente vinculado a interesses criados em torno daqueles problemas. Para isso foram criados novos órgãos, o primeiro dos quais foi o Ministério de Recuperação dos Bens Malversados, que passou a administrar os bens confiscados a Batista e às famílias vinculadas a seus negócios.

Fidel Castro com um velho camponês.

Começaram a organizar-se também institutos como o de reforma agrária — que passou a dirigir a expropriação dos latifúndios e deu início à distribuição de terras a duzentas mil famílias, como propriedades individuais ou sob a forma de cooperativas, terminando com a situação em que 1,5% das famílias controlavam 50% das terras, o que gerava paralelamente um subemprego generalizado, onde o tempo médio de emprego para os trabalhadores rurais era de quatro meses por ano. Foi fundada a Associação Nacional dos Pequenos Agricultores (ANAP) para congregar pequenos camponeses donos de terra. Os trabalhadores agrícolas, por sua vez, foram declarados inamovíveis dos seus postos de trabalho.

Como medidas de efeito imediato, o novo governo decretou a redução de 50% nos aluguéis, de 25% nos preços dos livros escolares, de 30% nas tarifas de eletricidade e, em porcentagens variadas, nos preços dos remédios. Foi suprimida qualquer possibilidade de despejo dos inquilinos de suas casas. Para combater a especulação financeira, praticada especialmente pelos grandes magnatas que fugiram do país com Batista, foi decretada, nas primeiras semanas de 1959, a caducidade das notas de 500 e 1 000 pesos — as de maior valor em circulação —, estabelecendo-se um prazo para sua troca por outras nos bancos, mas proibindo-se que essa troca se fizesse no estrangeiro. As fortunas em dinheiro cubano levadas para o exterior perdiam assim, da noite para o dia, o seu valor.

No plano do combate à imoralidade reinante, além das expropriações feitas conforme a Lei de Confisco de Bens Malversados e dos processos penais correspondentes, atacou-se a enorme rede de cassinos, ligada diretamente às casas de prostituição e ao comércio de drogas que imperava livremente em Cuba. O país havia sido transformado pela máfia ianque em antro de jogo para a burguesia norte-americana — especialmente a de Miami — e em bordel para os marinheiros dos EUA, que reinavam abertamente fazendo uso da violência e da proteção policial. Toda essa rede estava vinculada estreitamente aos mecanismos de corrupção do governo de Batista, com a participação de oficiais do Exército, da polícia e do próprio Batista. Este havia elaborado um plano turístico — isto é, de hotéis, cassinos, prostíbulos, tráfico de drogas — conjuntamente com grandes gângsteres e mafiosos da praça norte-americana — incluindo desde Frank Sinatra até gente ligada a Richard Nixon — que poriam em prática a partir de 1959, cobrindo toda a costa leste de Havana. Os hotéis teriam embarcadouros próprios, diretamente em conexão com os outros da cadeia respectiva — Hilton, Sheraton etc. —, para que os hóspedes nem

necessitassem passar pela alfândega, indo e vindo livremente de Miami a Havana, como se circulassem dentro de um único país.

Por isso o jogo — a roleta, mas também o baralho — foi duramente combatido. Isso significava desmontar todo o esquema que o sustentava e os círculos de corrupção que disseminava por todo o país, arregimentando o que de mais degradado havia na sociedade neocolonial cubana.

Outra forma de acabar com essas características aristocráticas da burguesia cubana aliada à norte-americana foi a declaração de uso público de todas as praias do país, as melhores das quais até esse momento eram de acesso privado e reservadas aos clubes mais requintados. Decretou-se igualmente a nacionalização de todos os clubes exclusivos, antes controlados por empresas de turismo estrangeiras.

Foi proibida a construção de monumentos, a afixação de retratos de pessoas vivas ou placas com seus nomes em lugares públicos, para evitar formas de culto à personalidade. Os quartéis foram transformados em escolas, inclusive o quartel Moncada, em Santiago de Cuba, que passou a se chamar *Cidade Escolar 26 de Julho*, e o quartel Columbia, que, por sua vez, passou a se denominar *Cidade Escolar Liberdade*.

No plano cultural, criou-se o Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica — ICAIC —, porque o cinema cubano não existia até então, salvo como cenário e fornecimento de extras a baixo preço para as produções norte-americanas. Sob a direção de Haydée Santamaría, fundou-se a Casa das Américas, que passou a promover a integração da cultura latino-americana.

Para pôr em prática essas primeiras medidas, houve acordo geral no novo governo, mas, a partir do momento em que as reformas estruturais começaram a ser discutidas, surgiram divergências importantes, que ameaçavam bloquear a ação governamental. O governo de coalizão, majoritariamente integrado por personalidades da oposição moderada a Batista, desde o triunfo revolucionário tinha o caráter de poder formal, enquanto o poder real era exercido pelo Exército Rebelde e personificado no primeiro-ministro Fidel Castro.

Alegando que o presidente Urrutia constituía um obstáculo para a aplicação do programa do Moncada, Fidel pediu demissão em julho de 1959, o que provocou imediatamente — em meio a manifestações de apoio ao primeiro-ministro — a renúncia do presidente e sua substituição pelo advogado Osvaldo Dorticós Torrado, que passou a governar coordenadamente com Fidel, que reassumiu o seu posto.

No mês de maio o próprio Fidel havia voltado à zona de seu comando na Sierra Maestra para assinar a Lei de Reforma Agrária,

agora válida para todo o território nacional. A lei fixava um limite para a extensão da propriedade das terras, mas assegurava os direitos dos pequenos proprietários e não impunha a nenhum setor a obrigação de incorporar-se às cooperativas. A persuasão sobre as vantagens da associação cooperativa e do cultivo coletivo das terras passou a ser o instrumento fundamental para a nova estrutura agrária de Cuba.

Em outubro desse primeiro ano da revolução — chamado *Ano da Libertação*, numa prática que se tornará tradicional na Cuba revolucionária de atribuir um nome a cada ano, designando simbolicamente o seu significado para o país —, iniciou-se a aplicação da reforma urbana, que reconhecia o direito de propriedade da casa através do pagamento do aluguel como amortização do seu valor. Pretendia-se com isso combater a especulação imobiliária e ao mesmo tempo possibilitar o acesso à propriedade da habitação aos próprios moradores.

Na área educacional incrementou-se a reforma democrática da universidade, ao mesmo tempo em que se transformou a estrutura do ensino básico, introduzindo o princípio da combinação do estudo com o trabalho e incentivando as escolas no campo. Os esportes foram outro elemento que passou a fazer parte dos planos de educação, enquanto a prática profissional dos esportes seria abolida logo depois e implantada, em primeiro lugar nas escolas, a prática de exercícios físicos.

Esse conjunto de reformas profundas da estrutura econômica, social e política de Cuba significou a realização das medidas básicas preconizadas no documento de defesa de Fidel Castro no processo do Moncada. A ruptura do poder do Estado burguês — mediante a liquidação do Exército e da polícia do regime anterior e da sua burocracia civil, substituídos pelo Exército Rebelde e por órgãos administrativos ligados ao programa de transformações postos em prática — e a criação das bases de um novo poder representavam a democratização radical da sociedade cubana. A saúde, a educação, a habitação, o emprego, o lazer, a cultura, deixavam de ser privilégios de alguns para ter seu acesso liberado para o conjunto do povo.

A realização desse conjunto de medidas possibilitou a Fidel Castro declarar que o programa do Moncada estava realizado e que, a partir desse momento, a revolução podia avançar para uma outra fase. Mas, concomitantemente, outros acontecimentos iriam condicionar o traçado desses novos caminhos da revolução cubana.

Não foi sem resistências, mesmo depois de ter chegado ao poder, que o governo revolucionário conseguiu pôr em prática esse conjunto de medidas. Os obstáculos vieram de dentro e de fora do país, de forma isolada e coordenada, conforme os interesses dos setores que apoiavam o regime anterior iam sendo afetados. Os processos contra

as pessoas comprometidas com a repressão e a corrupção, depois a reforma agrária e a reforma urbana, as primeiras nacionalizações, tudo isso foi fortalecendo o apoio popular ao regime, mas ao mesmo tempo acirrando a polarização entre a revolução e a contra-revolução, uma das características históricas dos processos revolucionários.

Da República Dominicana, Fulgencio Batista, com apoio do ditador Trujillo, e, dos EUA, outros setores exilados — particularmente concentrados em Miami — começaram a se articular e a desenvolver ações contra o novo governo cubano. Estavam animados pelos antecedentes irrefutáveis de que nenhum governo havia subsistido mais que alguns meses na ilha caribenha — na verdade, em toda a região centro-americana, caribenha e, em certa medida, até esse momento, latino-americana — sem o apoio do governo norte-americano e contra os seus interesses.

O apoio do governo de Eisenhower às forças contra-revolucionárias foi claro desde as primeiras semanas do triunfo dos barbudos em Havana e se supunha que o precedente da experiência guatemalteca de que "Che" Guevara tinha participado se repetiria em Cuba. Embora as medidas do novo governo não tivessem um cunho tão radical, sua consistência e firmeza diferenciavam-nas dos programas que os sucessivos governos saídos de eleições fraudulentas, golpes militares ou por interferência dos norte-americanos se acostumavam a abandonar rapidamente uma vez chegados ao poder.

Além disso, a evolução ideológica de Fidel Castro já dava mostras dos problemas que Washington teria de enfrentar. Já durante a guerra, Fidel havia expressado em carta a Celia Sánchez, no momento em que aviões norte-americanos bombardeavam zonas controladas pela guerrilha no oriente do país, que lhes esperava "outra guerra", mais dura e mais prolongada, referindo-se ao inimigo que começava a se perfilar na virada da esquina. Antes mesmo de chegar a Havana, nos primeiros dias de janeiro de 1959, o líder cubano havia declarado que "a missão militar dos EUA em Cuba é desnecessária", qualificando de intolerável sua presença no país.

Ele se recordava de como, no transcurso de toda a guerra, Washington havia apoiado e abastecido as tropas de Batista e, inclusive, participado de várias operações, como os bombardeios de Oriente. O reconhecimento rápido do novo governo por parte dos EUA não o fez esquecer que a embaixada norte-americana no Malecón de Havana — bem em frente da Flórida, distante 140 quilômetros da capital cubana — funcionou como ativo centro de articulação política e intermediação para a ajuda em armamento e instrução ao regime de Batista. E nada fazia prever que as relações se transformariam radicalmente.

Na primeira viagem que fez aos EUA, Fidel Castro, depois de se reunir com o secretário de Estado norte-americano Christian Herter, prestou declarações que se diferenciavam flagrantemente do usual nesses casos: "Aqui estão acostumados a que todos os governantes que vêm, peçam dinheiro. Não vim para isso". A rapidez e a contundência com que o programa enunciado em *A história me absolverá* foi realizado só vieram corporificar uma oposição latente e até mesmo manifesta antes mesmo do triunfo de janeiro de 1959.

No momento em que se comemorava o primeiro mês da vitória do novo poder em Cuba, foi detido um cidadão norte-americano que, em um pequeno avião, desembarcara clandestinamente, vindo dos EUA. Trazia um plano de atentado contra o primeiro-ministro cubano, que seria o primeiro alvo de uma série infindável de tentativas, como as investigações do Congresso norte-americano denunciariam dez anos depois, acusando a CIA de operações secretas contra Cuba. Essas ações se intensificaram à medida que as do novo governo cubano foram se chocando com os interesses das grandes empresas norte-americanas e da grande burguesia do país, que cada vez mais se dirigia ao exílio, à espera de melhores dias.

Logo nas primeiras semanas, para pôr em prática o seu programa, o governo revolucionário interveio na companhia telefônica, propriedade de capitais norte-americanos, o que suscitou reações de descontentamento em Washington. Enquanto isso, sucediam-se as ações de bombardeio praticadas por pequenos aviões que atiravam fósforo branco nos canaviais cubanos. Esses atos se intensificaram a partir da renúncia e fuga para os EUA do até então chefe da Força Aérea de Cuba, o comandante Pedro Luis Díaz Lanz, um dos oficiais incorporados ao Exército Rebelde a partir das filas do antigo Exército. Vários contra-revolucionários foram detidos quando chegavam a Cuba procedentes da República Dominicana, vinculados a uma conspiração para derrubar o novo regime cubano, com o patrocínio de Trujillo.

Ao incêndio de quinze milhões de arrobas de açúcar por aviões procedentes dos EUA se seguiu uma série de nacionalizações de empresas norte-americanas, respondidas por represálias ianques no plano econômico e diplomático. Tudo isso produziu uma rápida deterioração nas relações entre os dois governos.

A intensificação das represálias mútuas fazia prever que um confronto maior se aproximava. Um consórcio petrolífero norte-americano e os latifúndios da United Fruits foram confiscados pelo governo cubano, ao mesmo tempo em que se determinava a expropriação das propriedades dos que se asilaram para abandonar o país. Em seguida uma ação de sabotagem no porto de Havana, em que morreram dezenas de

pessoas, fez explodir o navio francês La Coubre, que transportava armamento comprado na Bélgica. O governo cubano decretou a intervenção na Texaco, na Esso e na Shell, nacionalizando as refinarias, como resposta à recusa destas de refinar o petróleo soviético que ia substituir o abastecimento cortado pelos EUA. As companhias de telefone e eletricidade, juntamente com os bancos nacionais e estrangeiros e outras 382 grandes empresas, tiveram o mesmo destino.

A escalada teve continuidade com o embargo norte-americano à venda de medicamentos para Cuba e a supressão da cota de açúcar que tradicionalmente os EUA compravam e que garantia a principal exportação cubana. Esta última medida se valia daquela afirmação tida como axiomática no país, de que "sem cota, não há país", instrumento estratégico que os EUA pensavam contar como arma infalível de desestabilização do regime cubano.

No entanto, desafiando esse axioma e a tese do fatalismo geográfico — segundo a qual os países do hemisfério ocidental e mais especialmente os da periferia do território norte-americano teriam de se alinhar automaticamente sob a dominação ianque —, serenamente o governo cubano, depois de nacionalizar o que ainda restava de empresas norte-americanas no país, procurou estabelecer acordos alternativos de cooperação econômica com os países socialistas, em primeiro lugar com a União Soviética (URSS) e a China.

Já em fevereiro de 1960 Cuba havia estabelecido os primeiros acordos comerciais com a URSS e, em maio desse ano, foram restabelecidas as relações entre os dois países. Em janeiro de 1961 "Che" Guevara fez uma visita aos países socialistas e firmou com a URSS um acordo de compra da cota açucareira cubana por um preço fixo, independentemente das flutuações do mercado mundial, assim como de venda de petróleo soviético a Cuba. Washington finalmente deu o passo esperado já há algum tempo na sua espiral de confronto com o governo cubano: a ruptura de relações do governo norte-americano com o de Havana.

Enquanto isso o clima de tensões internas em Cuba também se elevava, à medida que o processo de transformações econômicas e sociais ia ganhando ritmo, sob o impulso dos conflitos com os EUA. Depois da substituição de Urrutia na presidência e da fuga de Díaz Lanz, o terceiro episódio de conflitos internos no processo revolucionário se deu em outubro de 1959. Consistiu na recusa do antigo comandante da zona central do país na época da guerra — Hubert Mattos — de cumprir as decisões sobre a reforma agrária e na renúncia coletiva de toda a sua equipe na província que ele dirigia.

Como essa ação se combinou com um bombardeio de Havana por

aviões saídos dos EUA, episódio do qual resultaram dois mortos e dezenas de feridos, e como Mattos era um grande proprietário de terras no centro do país, sua atitude foi caracterizada como início de um complô. Ele foi detido, junto com seus principais auxiliares, pelo chefe do Exército Rebelde, Camilo Cienfuegos. Na viagem de volta ao centro da Ilha, o avião em que se encontrava Cienfuegos, devido ao mau tempo, caiu ao mar e nenhum indício de seu ocupante e do piloto foi encontrado.

Os dois primeiros anos da revolução viram assim um constante crescimento da tensão com os EUA, processo que era paralelo e ligado às definições políticas e ideológicas mais claras por parte do movimento revolucionário cubano. O ano de 1961 estava consagrado à educação. Os estudantes foram convocados para participar de uma gigantesca campanha de alfabetização por todo o país. Por um ano as aulas foram suspensas nas escolas e os alunos enviados para todos os rincões do país, munidos da cartilha de alfabetização e de um lampião, símbolos da campanha.

A campanha visava não apenas acabar com o analfabetismo, mas também promover o intercâmbio entre os estudantes e o povo, mais especificamente com os camponeses, porque nas regiões rurais o índice de analfabetismo era muito maior. Esse contato por sua vez permitiria aos jovens transformar sua consciência ideológica pela percepção direta das condições de vida e dos sentimentos dos trabalhadores do campo.

A campanha foi um sucesso notável, mobilizando cem mil jovens de todo o país para o campo e o interior de Cuba, com resultados que possibilitaram ao seu final a declaração de que a Ilha era um "território livre de analfabetismo".

Mas o desenvolvimento da campanha não pôde se abstrair das condições de intensificação dos enfrentamentos no país, e vários alfabetizadores e camponeses foram vítimas da ação dos contra-revolucionários.

Apesar do êxito da campanha de alfabetização, o ano de 1961 na prática não passaria à história como o ano da educação, porque outros acontecimentos viriam a caracterizá-lo mais marcadamente.

Aumenta a pressão norte-americana

A escalada de tensões entre Cuba e os EUA iria entrar na sua fase mais aguda depois da ruptura de relações, por parte de Washington, ato que sempre significou na América Latina uma declaração de guerra e a expectativa de que acontecimentos graves se sucederiam. As agressões aéreas e as sabotagens urbanas por parte de grupos contra-revolucionários provenientes do exterior, com evidente apoio norte-americano, passaram a ser acompanhadas da instalação de grupos armados na região central do país. Aproveitando-se de que essa zona tinha sido palco de poucos combates contra a ditadura durante a guerra e, além disso, vítima de ações arbitrárias dos popularmente chamados "come-vacas" — supostos guerrilheiros que nada faziam senão comer o gado da região, exemplo dos quais era precisamente Hubert Mattos —, e de que a serra do Escambray se prestava para camuflar os grupos, aí se infiltravam milhares de pessoas, a maioria chegada do exterior. Recebiam abastecimento aéreo de fora de Cuba, não eram muito ativos como grupos e atuavam em atos de terrorismo contra a população camponesa. Na verdade, esperavam a aguardada intervenção norte-americana, para se candidatarem a compartilhar o novo poder. Estavam vinculados a vários partidos diferentes do exílio, divididos entre os antigos políticos da época de Batista, com grandes conflitos entre si, lutando para conseguir os favores de Washington.

Para combatê-los, o governo cubano organizou Milícias Populares, que se dedicavam ao que se denominou "a limpeza do Escambray" ou "a luta contra os bandidos". Os combates se multiplicaram a partir de 1960 na zona rural, aumentando progressivamente até 1965, quando chegaram a contar com dez mil homens em armas contra o governo revolucionário. Sua ação no entanto nunca chegou a ter importância, pela falta de apoio na população, o que se percebe mais claramente se se leva em consideração que chegaram a contar com cinco vezes mais homens em armas que o máximo de combatentes conseguidos pelo Exército Rebelde, o que bastou a este para derrotar os quarenta mil soldados do Exército de Batista. O fator que diferenciava as duas situações era o apoio popular, favorável aos rebeldes antes de 1959 e contrário aos que atuavam no Escambray.

Milícias Populares, criadas para a defesa das conquistas revolucionárias.

O governo cubano sabia que a força dos opositores, não residindo na simpatia popular, se originava em outra parte — em território norte-americano. Assim, além do combate militar dado pelas Milícias Populares e pelo Exército Rebelde no Escambray, começou a desenvolver um trabalho de contra-inteligência e infiltração nas filas dos contra-revolucionários. Esse trabalho acabou se revelando o mais importante para neutralizar a ação dos grupos armados que se apoiavam na retaguarda do exílio e no governo norte-americano. Alguns anos depois, o governo cubano conseguiu conquistar a maioria dos postos de direção nas organizações contra-revolucionárias sediadas em Miami e assim pôde com certa facilidade desbaratar a ação terrorista contra seu território.

Em meados de abril de 1961 a espiral de agressões a Cuba subiria rapidamente. No dia 13 um incêndio provocado por terroristas destruiu a loja El Encanto, no centro de Havana, com uma trabalhadora morta e várias pessoas feridas. O governo cubano denunciou a CIA como responsável pela ação, enquanto o presidente norte-americano John Kennedy assegurava à opinião pública mundial, em entrevista à imprensa realizada em Washington, que o governo dos EUA não invadiria Cuba.

Dois dias depois, aviões bombardearam o aeroporto de Santiago de Cuba e outros dois campos de pouso em Havana, com saldo de sete mortos e 53 feridos. O objetivo militar de destruir em terra a maior quantidade possível de aviões da Força Aérea de Cuba, para debilitá-la diante de um ataque posterior iminente, não foi logrado porque, por precaução, eles haviam sido transferidos de lugar.

No dia seguinte — 16 de abril —, na concentração de massas pelo funeral das vítimas do ataque aéreo, Fidel Castro advertiu que o bombardeio era o prelúdio da agressão externa maciça e ordenou estado de alerta a todas as unidades militares, recomendação extensiva a toda a população.

Nesse discurso o primeiro-ministro cubano concluiu uma definição amadurecida no transcurso dos anos de luta contra Batista e agora contra o governo norte-americano: "Porque o que os imperialistas não podem nos perdoar é que estejamos aqui, o que os imperialistas não podem nos perdoar é a dignidade, a inteireza, o valor, a firmeza ideológica, o espírito de sacrifício e o espírito revolucionário do povo de Cuba. É isso o que não podem nos perdoar, que estejamos aqui sob seu nariz, e que tenhamos feito uma Revolução socialista debaixo do próprio nariz dos EUA".

A definição do caráter socialista da revolução cubana, pela primeira vez proclamada por um dirigente da luta iniciada no assalto ao

quartel Moncada oito anos antes, era uma definição política e ideológica. Significava a vontade de avançar em direção ao socialismo, de aliar-se estrategicamente com os países socialistas, de romper com o bloco imperialista e com o capitalismo como sistema social.

Desde o triunfo contra Batista, a revolução cubana desenvolveu reformas democráticas e outras que já afetavam os interesses das grandes empresas capitalistas, basicamente norte-americanas. A sociedade cubana, em abril de 1961, não era uma sociedade socialista pelo caráter de sua estrutura social, mas já havia rompido em aspectos importantes, interna e externamente, com o capitalismo dependente a que tinha sido submetida durante mais de um século. A definição do caráter socialista da revolução cubana tornaria claros os passos seguintes, imprimindo-lhe um objetivo mais marcado, como resultado da maturação ideológica dos seus protagonistas e também da polarização de classes interna e da posição inflexível do governo norte-americano inclusive contra as reformas democráticas iniciais do processo cubano. A guerra agora era total, não somente no plano político e militar, mas também no ideológico.

O alerta em Cuba não foi em vão. No dia seguinte — 17 de abril — uma força invasora de cerca de 1 500 homens, treinada na Nicarágua por instrutores norte-americanos e composta por exilados cubanos e mercenários ianques, desembarcou na praia Girón, na baía dos Porcos, estado de Matanzas, no litoral sul, ao lado do estado de Havana. O grupo recebia apoio aéreo de aparelhos disfarçados com insígnias cubanas, para dar a impressão de se tratar de uma rebelião interna às Forças Armadas de Cuba.

A ação invasora foi contida inicialmente pelas Milícias Populares da própria zona, até a chegada de reforços do Exército cubano, que ainda estava bastante mal-equipado, mas pôde frear o avanço das tropas invasoras. Apesar disso houve grande quantidade de mortes na população civil, em decorrência dos bombardeios aéreos feitos pela cobertura de aviões aos contingentes que desembarcavam. Em 72 horas, sob o comando direto de Fidel na própria zona do ataque, o desembarque foi frustrado, principalmente porque a previsão do governo norte-americano, convencido pelos grupos exilados em Miami, de que a massa da população se somaria ao ataque e derrubaria o governo revolucionário, não encontrou nenhuma confirmação na realidade, que ao contrário evidenciou a disposição dos cubanos de defender maciçamente o governo.

Nas 72 horas que duraram os combates, as agências de imprensa dos EUA — United Press e Associated Press, fundamentalmente — se encarregaram de cumprir sua parte no plano, difundindo as versões mais distorcidas da evolução da situação. A revolta popular contra o governo de Fidel Castro, os bombardeios feitos por aviões rebelados

da própria Força Aérea de Cuba, a morte de Raúl Castro, o bombardeio de Havana nos chegavam ao Brasil, fazendo parte ativa da ação de agressão militar contra a Ilha. Grandes manifestações de solidariedade se multiplicaram por toda a América Latina, pela Europa e pelo Terceiro Mundo, incorporando a defesa da revolução cubana às reivindicações das forças antiimperialistas.

No balanço dos enfrentamentos, além de enumerar a quantidade de baixas dos dois lados, incluindo as centenas de presos norte-americanos, Fidel Castro anunciou que "o imperialismo ianque sofreu na América a sua primeira grande derrota". A Casa Branca divulgou um comunicado em que o presidente Kennedy assumia toda a responsabilidade pela invasão fracassada da baía dos Porcos, projeto que herdou do governo de Eisenhower e incorporou como próprio. Em seguida o governo cubano propôs a troca dos presos norte-americanos por comida para crianças e remédios, o que foi realizado meses depois.

Em outro plano, o desembarque nas praias cubanas anunciava também rupturas e a passagem da revolução a uma etapa diferente na sua história. A Igreja cubana não tinha o prestígio que o governo norte-americano supunha. A religiosidade cubana está muito mais marcada pela macumba e pelo candomblé, levados à Ilha pela imigração escravista, de forma muito similar ao que sucedeu no Brasil. A conquista de grande parte do clero católico para a política norte-americana não teve assim o efeito desestabilizador com que Washington contava. Os padres, principalmente o clero falangista, de origem espanhola, participavam abertamente da campanha de rumores sobre o destino das crianças sob o regime revolucionário, incluída a história de que seriam enviadas para estudar na URSS, com a perda do pátrio poder por parte dos seus pais. Organizavam então o envio dos filhos da burguesia e também da classe média cubana para estudar em colégios internos religiosos nos EUA.

Outros conflitos surgiram também entre a Igreja católica e o governo revolucionário, a partir das próprias reformas implementadas por este. Um exemplo foi a extinção do monopólio que a Igreja católica detinha sobre os cemitérios, cobrando taxas para os enterros e para a utilização dos seus terrenos. O governo decretou que todos os serviços funerários passavam a ser gratuitos, inclusive a utilização dos terrenos dos cemitérios, o que provocou reações negativas por parte da Igreja.

A própria lei de reforma da educação tirava muitas das prerrogativas que a Igreja cubana detinha nos colégios privados, do ponto de vista dos programas de estudo e da determinação dos preços das matrículas e mensalidades. Assim, uma Igreja com formação anterior ao Concílio Vaticano II, com posições rigidamente conservadoras,

enfrentou o processo revolucionário e, ao aderir à linha do governo norte-americano, terminou enfraquecendo ainda mais o seu prestígio junto ao povo cubano.

À intensificação do conflito com a Igreja se seguiram as repercussões, no plano externo, dos combates de praia Girón e da radicalização do processo revolucionário. O governo norte-americano decidiu aumentar as sanções contra Cuba, decretando o embargo econômico total das relações com a Ilha, punindo as companhias que as continuassem e anunciando represálias contra os navios dos países que mantivessem qualquer forma de relação com Havana. Os governos da Colômbia e Venezuela imediatamente acederam e romperam suas relações diplomáticas com Cuba, preanunciando o isolamento total do regime revolucionário por parte dos Estados latino-americanos.

No plano interno, já antes da tentativa de invasão, haviam sido criadas as Milícias Nacionais Revolucionárias, com a incorporação maciça de contingentes populares à luta contra as sabotagens e outras formas de ação terrorista contra a revolução, como as guerrilhas contra-revolucionárias no Escambray. As Milícias representavam a integração de setores do povo como tropas de apoio aos destacamentos regulares do Exército Rebelde na defesa interna e externa do processo revolucionário.

A seu lado passaram a atuar os Comitês de Defesa da Revolução (CDR), organizados em cada quadra para a vigilância contra as ações de sabotagem. A eles se integraram centenas de milhares de pessoas, entre homens, mulheres e velhos, que passaram a se ocupar dia e noite da vigilância dos bairros e instalações públicas do país.

A aceleração da luta entre a revolução e a contra-revolução contribuiu também para a agilização do processo de unificação dos três grupos políticos que participavam ativamente na direção do processo revolucionário. Foi criado assim, como primeira expressão dessa unificação entre o Movimento 26 de Julho, o Diretório Revolucionário e o Partido Socialista Popular, o Partido Unido da Revolução Socialista (PURS), mais tarde denominado Organização Revolucionária Integrada (ORI), antes de se transformar no Partido Comunista de Cuba, em 1965.

O desenvolvimento de todos esses acontecimentos compunha um quadro global de mudança histórica na revolução cubana. De um processo democrático radical de derrubada da ditadura de Batista e implantação de um programa de democratização ampla da sociedade, ela foi enfrentando a resistência das grandes empresas norte-americanas no país — e dos setores da burguesia cubana ligadas a elas — e do próprio governo dos EUA no plano externo. Suas medidas foram cada

vez mais atacando as bases do capitalismo dependente cubano no plano interno e os vínculos com o sistema imperialista dirigido pelos EUA.

Paralelamente, a consciência dos líderes e também do povo cubano foi se desenvolvendo, conforme a polarização punha de cada lado da barricada os detratores e defensores da revolução, os agressores e aliados de Cuba. Esse processo serviu como o divisor de águas dentro e fora do país. A burguesia cubana, umbilicalmente vinculada à economia norte-americana e suas ramificações em Cuba, não titubeou em abandonar o país, à espera de que uma nova intervenção de Washington a recolocasse no desfrute de seus privilégios na Ilha. Poucas exceções houve nesse comportamento de uma lúmpen-burguesia, que sempre viveu mais como apêndice da exploração norte-americana da Ilha do que como setor da nação cubana.

A classe média se cindiu radicalmente. Embora a democratização profunda da sociedade cubana não afetasse sua situação, sua consciência havia sido formada conforme os cânones ideológicos da sociedade de consumo norte-americana, especialmente do *boom* econômico do pós-guerra. O fato de os automóveis norte-americanos serem experimentados primeiro em Havana, para depois serem lançados no mercado norte-americano e mundial, e outras demonstrações do papel de cobaia que desempenhava para os EUA eram sentidos pela classe média como lisonja, como uma mostra do papel de aliado privilegiado que o país tinha em relação ao império. Assim, uma parte importante da classe média foi para Miami. Como exemplo, basta dizer que dos seis mil médicos existentes no país — quase todos concentrados no meio urbano — a metade se foi de Cuba.

Também socialmente o país se transformava, paralelamente à polarização entre revolução e contra-revolução no plano político. Aqueles setores que Fidel Castro havia chamado de *povo* em *A história me absolverá* transformaram-se no sustentáculo de massas do processo revolucionário. Operários, camponeses, trabalhadores assalariados, profissionais liberais, estudantes, passavam a ser os protagonistas sociais e políticos fundamentais da nova etapa da revolução cubana.

Cumprido o programa do Moncada, o processo revolucionário cubano transitava da fase democrática à socialista.

4. DA DEMOCRACIA AO SOCIALISMO

Os anos de chumbo

Os anos de 1961 e 1962 encerram a primeira fase da revolução cubana e abrem outra, em que suas feições vão ficando mais nítidas, tanto no caráter das transformações internas, como na sua nova inserção no plano internacional. As definições básicas estavam dadas já a partir da tentativa de invasão da praia Girón, tanto do lado do governo cubano, como do seu opositor fundamental, os EUA. Mas essas definições teriam ainda desdobramentos imediatos, como conseqüência das novas relações de Cuba com a grande potência do norte e com os outros governos da região.

Assim, a OEA decidiu finalmente expulsar Cuba do organismo, alegando que o regime revolucionário cubano "exportava a subversão" para o resto do continente. Sucedeu então uma cadeia de rupturas de relações dos governos latino-americanos com Cuba. O governo mexicano foi o único na América Latina que não obedeceu à decisão da OEA, promovida pelo governo dos EUA. Mas isso não impediu que Cuba ficasse totalmente isolada de todos os seus vizinhos do continente.

Essa medida teve repercussões internacionais, obrigando a Ilha a aprofundar suas relações econômicas com os países socialistas e com nações da Europa ocidental, como a Espanha e a Suécia, mas teve também conseqüências na situação econômica interna do país. Este era sem dúvida um dos objetivos de Washington ao propor o bloqueio econômico e diplomático da Ilha: aumentar as dificuldades materiais, para tentar levar o governo a uma situação de isolamento social da população.

Os efeitos diretos para o nível de vida do povo cubano foram imediatos. Um país submetido a um esquema de economia primário-

exportadora, dependendo da venda de um único produto no mercado internacional e praticamente de um único comprador — os EUA —, se via de um dia para o outro, ao decidir romper com essa dependência, privado das fontes de abastecimento e do mercado com que sempre havia contado. A burguesia cubana viajava de manhã a Miami para fazer compras e voltava de tarde. Houve momentos em que até o pão chegava da Flórida. O governo norte-americano sabia portanto os efeitos que o bloqueio provocaria na economia de Cuba.

Por outro lado, a direção do processo revolucionário cubano sabia com o que necessitava romper no plano econômico, mas não tinha ainda modelos alternativos de desenvolvimento. O programa do Moncada acentuava a necessidade de industrialização do país, para chegar a ser autônomo e independente, mas não aprofundava como se poderia alcançar esse objetivo.

A consciência da necessidade de dar prioridade à questão econômica se refletia no fato de que, durante quatro anos seguidos, a denominação dos anos da revolução recaía sobre a economia: de 1962 a 1965, encontramos seguidamente os anos da planificação, da organização, da economia e da agricultura. Essa preocupação começou a se plasmar numa interpretação do marxismo devida particularmente a "Che" Guevara, nesse momento ministro da Indústria. Segundo ela, acreditava-se na possibilidade de, a partir da interpretação de Lenin sobre o salto possível dos países atrasados para chegar ao socialismo sem passar pela etapa do capitalismo desenvolvido, saltar igualmente o socialismo, para já incorporar aspectos da sociedade comunista.

A industrialização jogaria o papel central na reformulação do caráter da economia cubana. Em função disso o país adquiriu grandes quantidades de maquinaria industrial nos países socialistas e, com isso, deslocou para o problema da tecnologia o nervo central do problema a resolver. Essa maquinaria praticamente não chegou a ser posta em funcionamento, porque a industrialização não é resultado de um processo exclusivamente técnico, mas supõe ao mesmo tempo mão-de-obra capacitada, matéria-prima e, além disso, recursos para a aquisição de máquinas e insumos necessários. A transição da economia agrícola cubana para uma de caráter industrial teria então de passar por outras mediações para poder se concretizar. E principalmente não era solução para as necessidades imediatas do país, vítima do bloqueio continental.

Coerente com aquela concepção, colocava-se o objetivo da eliminação do dinheiro, considerado tão-somente como meio para contabilizar o valor das mercadorias numa economia capitalista, em vias de abolição no país. Boa parte dos serviços públicos, como água e esgotos,

telefones, transportes, ocmeçou a ser entregue gratuitamente à população, dando início a esse processo de supressão do dinheiro e introdução de elementos do comunismo na nova sociedade cubana.

Essa orientação rapidamente começou a se revelar irrealista. A gratuidade dos serviços públicos, por exemplo, impedia a formação de um fundo público para a manutenção dos equipamentos e para a sua ampliação. Além disso, a gratuidade não incentivava a qualificação da mão-de-obra, o que poderia ser obtido por uma escala de salários que premiasse os que aperfeiçoassem sua capacidade de trabalho, e, por outro lado, não contribuía para melhorar a capacitação profissional dos trabalhadores cubanos a fim de pô-los em condições de fazer funcionar a maquinaria comprada para o projeto de industrialização do país.

A incapacidade de passar rapidamente de uma situação de economia agroexportadora à industrializada e a impossibilidade de saltar a etapa socialista para ir diretamente ao comunismo eram agudizadas pelo bloqueio econômico à Ilha. Mas o problema básico residia no fato de que o socialismo, na teoria marxista, é uma etapa de criação de condições para a sociedade comunista. Naquela, o critério de remuneração é o de que se pagará "a cada um conforme seu trabalho", precisamente para incentivar a melhoria na qualificação da mão-de-obra, condição de desenvolvimento rápido das forças produtivas. No comunismo somente é que seria possível remunerar cada um conforme suas necessidades, devido à abundância resultante dos progressos introduzidos na etapa socialista.

Cuba enfrentará então inicialmente as dificuldades de uma concepção ingênua e pouco realista do condicionamento material que uma revolução socialista sofre num país atrasado. A revolução cubana confirmou, de forma específica, a previsão de Lenin de que é mais provável a tomada do poder num país atrasado — ou que combine elementos de atraso e de progresso — do que numa sociedade capitalista desenvolvida. Mas o dirigente soviético também havia compreendido a outra face dessa mesma moeda: é muito mais difícil construir o socialismo nessas sociedades periféricas do capitalismo.

A revolução cubana viveu a primeira fase de construção do socialismo em condições de muita dificuldade econômica. Essa fase irá da tarde de 16 de abril, quando Fidel Castro afirmou que o caráter da revolução cubana era socialista, até o fim da década, mais especificamente o ano de 1970. Durante esses anos foi decretada nova lei de reforma agrária, que, respeitando a pequena propriedade, incentivou mais diretamente a sua constituição em cooperativas, e se estruturou o setor estatal conforme a planificação centralizada duma economia socialista.

O comércio também foi estatizado, neste caso incluídos os pequenos negócios, não porque o processo de socialização da economia o requeresse, mas porque os resquícios de propriedade privada existentes nas cidades eram aproveitados pelos grupos contra-revolucionários como pontos de apoio para suas ações. Essa estatização atendeu portanto a critérios políticos e não estritamente econômicos.

No fim da década, depois de muitos anos de grande penúria econômica, decorrente das dificuldades para obter recursos de importação em virtude do bloqueio, e apoiando-se em produtos importados dos países socialistas, Cuba se lançou, na safra iniciada em fins de 1969, a um desafio considerado decisivo para recuperar-se economicamente. O governo colocou o objetivo de conseguir uma safra recorde de dez milhões de toneladas de açúcar, para o qual se mobilizaram todos os recursos disponíveis no país.

Em meio a uma grande campanha de propaganda política e de mobilização de trabalhadores para participar da safra, para a qual se incorporaram diretamente um milhão de pessoas, o país passou a girar em torno do objetivo dos dez milhões, conforme enunciava o nome do ano de 1970 (*Ano dos 10 Milhões*). Apesar dos graves distúrbios que essa prioridade extrema dos recursos trouxe para a economia cubana, o objetivo não foi alcançado: conseguiu-se uma safra recorde, mas próxima aos oito milhões e meio de toneladas. A direção da revolução assumiu a responsabilidade pelo fracasso, e Fidel Castro submeteu a sua renúncia à consideração de uma concentração de centenas de milhares de pessoas na praça da Revolução, que lhe ratificou sua confiança.

Assim a economia cubana chegava ao fim da sua primeira década com uma definição central pelo socialismo — e alguns passos concretos nessa direção: a socialização dos principais meios de produção, a orientação de que todos viviam do seu trabalho, mas ainda sem uma planificação centralizada. As fragilidades mais importantes da economia socialista cubana não eram de caráter quantitativo, superáveis por um simples aumento da produção açucareira, como havia sido enfocado na safra dos dez milhões, mas qualitativo. Dominava o que "Che" chamava de "guerrilheirismo administrativo", isto é, a resolução cotidiana dos problemas, conforme surgiam, de forma empírica e segundo critérios improvisados.

Essa situação começará a se modificar no começo dos anos 70, mas antes vejamos como evoluiu a situação política do país no transcurso da década inicial da revolução.

A transformação política de Cuba nos primeiros dez anos

A derrota da invasão de abril de 1961 não trouxe ao país uma situação de pacificação. Como já dissemos, os grupos armados na serra do Escambray sobreviveram ainda por vários anos. Paralelamente, à medida que o bloqueio a Cuba se concretizava, o país apelava para a ajuda dos países socialistas, e as relações com os EUA continuavam a se deteriorar. Até que, em outubro de 1962, o governo de Kennedy decretou um bloqueio naval a Cuba, pretextando que a URSS havia instalado na Ilha foguetes que poriam em risco a segurança dos EUA.

O bloqueio naval impedia a chegada de qualquer barco a Cuba, inclusive dos que traziam petróleo e alimentos da URSS. Foi a chamada "crise dos foguetes" a conjuntura que mais de perto pôs em risco a paz mundial desde o fim da Segunda Guerra Mundial, com Cuba transformando-se no pivô do possível enfrentamento entre os EUA e a URSS.

O povo cubano voltou a se mobilizar como no ano anterior diante da iminente invasão, só que agora estava mais organizado e já contava com armamento dos países socialistas para enfrentar a hostilidade do governo norte-americano. Prenunciando um novo conflito, aviões dos EUA sobrevoaram a Ilha, e um deles — modelo U-2 — acabou sendo derrubado pela artilharia antiaérea.

Quando a tensão chegou a seu ponto máximo, com a aproximação de navios petroleiros soviéticos da zona bloqueada pelos barcos da Marinha de Guerra norte-americana, Washington e Moscou chegaram a um acordo, que implicava a retirada dos mísseis de território cubano em troca do compromisso público do governo norte-americano de que os EUA não invadiriam Cuba e da retirada de armamento similar norte-americano de território turco, na fronteira da URSS. O acordo foi feito entre Kennedy e Kruschev, sem consulta prévia ao governo cubano, o que provocou o protesto de Fidel Castro, que alegava o direito de Cuba de ter armamento defensivo para se precaver diante dos evidentes sinais de agressão contra o seu governo e o direito inalienável de participar das conversações que versavam centralmente sobre o seu país.

A situação finalmente foi superada com o assentimento de Cuba ao acordo que pôs fim à crise, mas não impediu que as relações políticas com a URSS entrassem num período de certa tensão. Mas as diferenças com a URSS se prolongariam num outro plano, tão importante quanto a segurança interna imediata da revolução para Cuba: o da luta revolucionária na América Latina.

A luta pela independência de Cuba esteve desde o século passado associada à dos outros países da região pela sua libertação. Quando a rebelião negra no Haiti foi derrotada, os revolucionários emigraram para a zona oriental de Cuba, onde se estabeleceram. O general Máximo Gómez, um dos chefes das guerras de independência de Cuba, era dominicano. A luta pela independência de Porto Rico sempre esteve vinculada à do povo cubano, porque eram os dois países que não tinham ainda conseguido a libertação da dominação espanhola, primeiro, e do neocolonialismo norte-americano, depois. Da mesma forma, a luta contra a ditadura de Pérez Jiménez na Venezuela contou com a solidariedade das forças e personalidades democráticas de Cuba até o seu triunfo. A Venezuela foi o primeiro país ao qual viajou Fidel Castro depois da sua vitória. É preciso ainda recordar que os vínculos internacionalistas do povo cubano já estavam presentes na época da guerra da Espanha, com a participação ativa de grande número de intelectuais e políticos de Cuba ao lado dos republicanos e, posteriormente, no asilo a grupos de refugiados espanhóis.

Ainda nos anos 40, Fidel Castro participou da organização de uma expedição que tentaria o desembarque na República Dominicana para lutar contra a ditadura de Trujillo. Durante o exílio, os revolucionários cubanos contaram com a solidariedade do povo mexicano e inclusive de grupos de norte-americanos, assim como com a participação de latino-americanos de outras nacionalidades nas suas filas, cujo caso mais conhecido foi o de "Che" Guevara. Durante a guerra contra o regime de Batista, este recebeu o apoio direto e concreto das dinastias ditatoriais da região — de Trujillo da República Dominicana e de Somoza da Nicarágua. Batista se asilou posteriormente em São Domingos, enquanto Somoza forneceu seu território para o treinamento dos contra-revolucionários que tentaram o desembarque na praia Girón e para a saída dos aviões participantes dessa aventura.

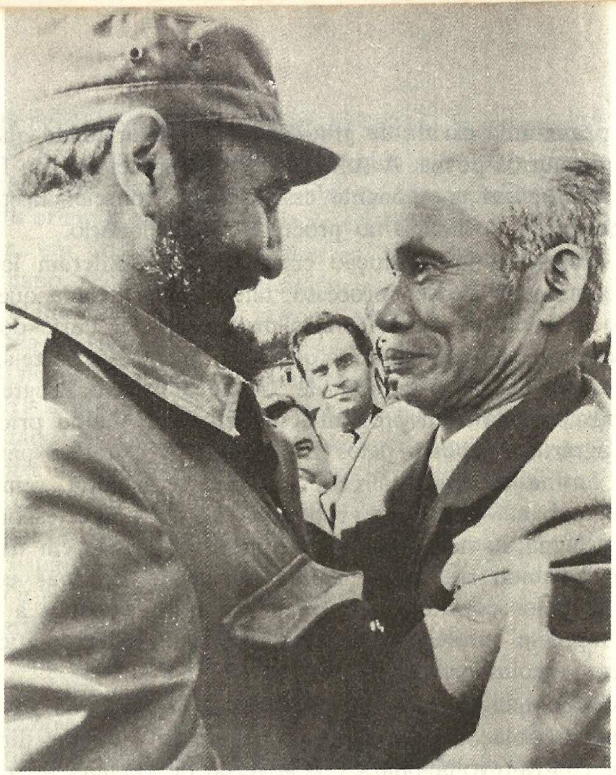
Os laços de solidariedade da revolução cubana existiam historicamente desde o século anterior e foram apenas se consolidando à medida que o processo revolucionário se aprofundava. Ao mesmo tempo a frente anticubana ajudava a definir o campo e a inserção internacional do novo regime cubano.

Desde os primeiros dias do triunfo revolucionário, no clima entusiasmado de Havana, se formavam grupos de cubanos, junto com gente de outras nacionalidades, dispostos a lutar contra outras ditaduras no continente, como as da República Dominicana, Nicarágua, Haiti. Não eram iniciativas oficiais, nem incentivadas pelo novo governo, mas o povo cubano sentia a luta dos outros povos como continuidade natural e parte integrante da sua luta. E, vitoriosos, sentiam a necessidade de pagar uma dívida de gratidão pela solidariedade que tinham recebido de outros povos. A solidariedade internacionalista foi assim, desde o início, um componente essencial da consciência política e ideológica do povo cubano no processo revolucionário.

Os dirigentes da revolução cubana compreenderam logo a dimensão continental do seu processo, tanto na influência que poderia ter, como nas reações negativas que provocava por parte dos setores conservadores. Isso ficou explícito quando o presidente norte-americano John Kennedy lançou o projeto de "Aliança para o Progresso", em 1962, que consistia num programa de reformas, dando prioridade à reforma agrária, proposto pelos EUA como o caminho para que a América Latina superasse a crise em que se debatia, sem cair na "tentação" cubana. O impulso econômico dos anos 50 se esgotava, produzindo estagnação nos processos de industrialização em desenvolvimento e deixando os outros países no atraso de suas economias agrárias. Para se contrapor ao "mau exemplo" cubano, a "Aliança para o Progresso" pretendia ser uma alternativa "democrática" à via "totalitária" escolhida por Cuba.

Mas a competição não era pacífica. À medida que governos da área rompiam relações com Cuba e passavam a apoiar diretamente os grupos contra-revolucionários, o governo de Havana se sentia com as mãos livres para ajudar por seu lado os movimentos guerrilheiros que começavam a se desenvolver em vários países latino-americanos, ou que inclusive existiam já antes do triunfo cubano, como os sandinistas na Nicarágua. A Venezuela, a Guatemala, o Peru e a Colômbia foram os países em que a luta armada teve mais força no transcurso dos anos 60. Em 1965, na República Dominicana, um golpe militar contra o presidente Juan Bosch terminou desencadeando um começo de guerra civil no país, com tropas sob o comando do coronel Francisco Caamaño resistindo ao golpe, até que os EUA enviaram tropas a São Domingos, com a aprovação da OEA, projeto de que participou também o Brasil, um ano depois do golpe militar de 1964.

Cruzavam-se assim a crise econômica e social latino-americana, com suas projeções no plano político — golpes militares na Bolívia, Brasil, Argentina, República Dominicana, Peru —, e o enfrentamento entre Cuba e os EUA, depois da crise dos foguetes de 1962, inserido no contexto do conflito geopolítico entre as duas grandes potências mundiais. O destino da revolução cubana parecia estar diretamente vinculado ao destino da revolução latino-americana e da luta anti-imperialista em geral. Os anos de 1966, 1967 e 1968 refletem isso nas suas denominações: anos da *Solidariedade*, do *Vietnã Heróico* e do *Guerrilheiro Heróico*.



Fidel Castro recebe em Cuba o dirigente vietnamita Phan Van Dong.

Havana se tornou centro do turbilhão político que começava a se projetar sobre o continente e o Terceiro Mundo. As guerrilhas se desenvolviam na Venezuela, Guatemala, Peru, Colômbia, Brasil, El Salvador, Bolívia, enquanto na Nicarágua os sandinistas se reorganizavam. Quanto a outras regiões do Terceiro Mundo, Cuba já havia estado presente no apoio à luta da Argélia pela sua independência, mantinha vínculos com os nascentes movimentos da África Negra, como os de Amílcar Cabral na Guiné-Bissau, de Agostinho Neto em Angola, de Patrice Lumumba no Congo (Brazzaville). Mas era a guerra do Vietnã o conflito que polarizava a opinião pública mundial e resumia em si toda a luta do Terceiro Mundo naquele momento.

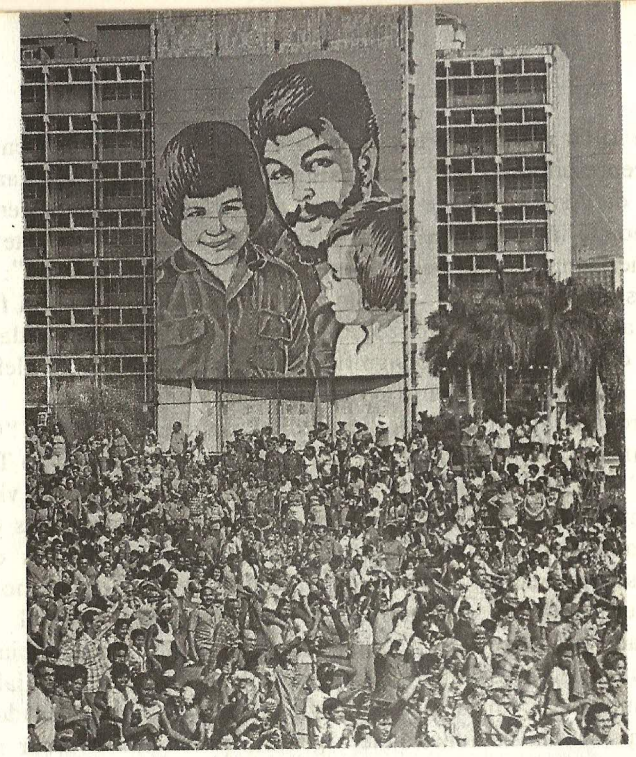
Em todos os conflitos, Havana podia ver a presença direta ou indireta do governo norte-americano como o quartel-general das barricadas do campo oposto. Todas as lutas se unificavam então no combate ao imperialismo norte-americano, inimigo número um da revolução cubana, mas também principal adversário de todos os povos do mundo, representados nos países do Terceiro Mundo, onde a exploração imperialista se revela mais aguda e patente.

Em 1966 realizou-se em Havana o Congresso Tricontinental, que reuniu representantes dos principais movimentos e governos antiimperialistas da Ásia, África e América Latina. Nele, o objeto central da solidariedade internacional foi a luta vietnamita contra a intervenção norte-americana, como ficou consagrado na frase de "Che": "Criar dois, três, muitos Vietnãs..." Em julho e agosto de 1967 foi fundada na capital cubana a Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS, que em castelhano significa "ondas", "vagas"), paralelamente ao novo auge do movimento guerrilheiro no continente.

A reunião da OLAS foi precedida da mensagem de "Che" à Tricontinental, verdadeiro Manifesto Comunista dos povos do Terceiro Mundo. "Che" Guevara havia "desaparecido" depois de uma viagem à África, onde havia feito um discurso vibrante defendendo os direitos dos povos do Terceiro Mundo, e todo o tipo de rumores corriam sobre o seu paradeiro, inclusive o difundido pelas agências noticiosas norte-americanas de que teria sido assassinado por Fidel Castro. Na verdade, soube-se depois que "Che" esteve na África apoiando os movimentos negros de libertação em sua luta contra o colonialismo e o necolonialismo, antes de se dirigir à Bolívia, aproveitando-se do fato de que a sua nacionalidade argentina possibilitava atuar na solidariedade internacionalista sem comprometer Cuba como país. Sua presença "em outras terras" lutando contra o mesmo inimigo imperialista passava a ser o símbolo mesmo da solidariedade internacionalista entre as forças do Terceiro Mundo.

A OLAS se reuniu sob o lema "O dever de todo revolucionário é fazer a revolução", que já continha em si uma crítica aberta aos PCs latino-americanos e outras forças reformistas, pela incoerência entre seus programas supostamente anticapitalistas e seus métodos burocráticos, economicistas e parlamentaristas de ação, que na prática adiavam a revolução indefinidamente e legitimavam o sistema de dominação burguês. Depois dos atritos provenientes da solução da crise dos foguetes entre os governos cubano e soviético, as relações entre eles se mantinham difíceis, em virtude das críticas abertas de Fidel Castro à linha dos partidos comunistas pró-soviéticos na América Latina.

Em outubro, "Che" Guevara é morto na Bolívia, o que significou ao mesmo tempo a derrota do projeto que pretendia coordenar os movimentos guerrilheiros da Venezuela, Colômbia, Peru, Argentina, Brasil e Uruguai, numa perspectiva de guerra continental contra a dominação imperialista. Os movimentos guerrilheiros de caráter rural já davam mostras de declínio no seu primeiro ciclo. O eixo das lutas antiimperialistas deslocava-se para o cone sul do continente e para a guerrilha urbana.



Marcha do povo cubano. No painel, a figura de "Che" Guevara, modelo do novo homem que o socialismo almejava construir.

O exemplo de "Che" foi definitivamente incorporado à revolução cubana como o modelo do novo homem que o socialismo almejava construir. No entanto, o governo cubano constatava que as perspectivas futuras da América Latina se alteravam. Já não havia novas vitórias revolucionárias à vista, e era necessário então traçar uma nova linha de ação internacional, de acordo com a situação.

Esse quadro se completava com uma situação econômica interna difícil, que o povo cubano havia heroicamente enfrentado, na perspectiva de que novos triunfos revolucionários se espalhassem pelo continente. No plano das relações internacionais, a situação também apresentava problemas, dado que à guerra contra os EUA se somavam as dificuldades nas relações com a URSS e os conflitos com a China, provocados pela decisão do governo de Pequim de suspender o fornecimento de arroz, como forma de tentar condicionar as posições políticas do governo cubano, e de recusar uma discussão política mais profunda proposta por "Che" Guevara numa viagem à capital chinesa.

No plano internacional a revolução cubana completava assim o seu primeiro decênio necessitando reestruturar suas linhas de ação, para

englobar não somente a América Latina, mas suas relações com as maiores potências mundiais, e incorporar igualmente um continente latino-americano que já não se apresentava à beira de revoluções, mas caminhando por variantes diversificadas. Essa necessidade de definições ideológicas e políticas mais profundas fez recair sobre o processo interno de consolidação do núcleo dirigente da revolução cubana a responsabilidade de apressar a construção da sua organização de vanguarda.

Da mesma forma que os anos de 1961 e 1962, o fim da década foi também um período de definição. Na primeira vez, tratou-se de definir o caráter socialista da revolução. Agora se requeriam definições mais precisas: que tipo de socialismo, através de que tipo de aliança internacional, o que, por sua vez, significava uma série de definições também no plano interno.

O processo de unificação dos três grupos políticos integrados à revolução sofreu várias vicissitudes, conseqüência da própria aliança de forças tão distintas. Por trás da mudança de nome de PURS para ORI e finalmente para Partido Comunista de Cuba (PCC) estavam os conflitos com o que se denominou a "microfração", um grupo do antigo partido comunista (PSP) que pretendeu monopolizar a estrutura da nova organização, valendo-se do fato de que a experiência havia levado a recair sobre um velho comunista — Anibal Escalante — a tarefa de organização do novo partido. Ele havia utilizado critérios sectários, que privilegiavam os antigos comunistas em detrimento dos membros provenientes do Movimento 26 de Julho e do Diretório Revolucionário. Esses critérios eram baseados em manuais acadêmicos do marxismo-leninismo.

Esse comportamento refletia as dificuldades de toda a direção do Partido Socialista Popular em aceitar a linha majoritária — representada por Blas Roca e por Carlos Rafael Rodríguez — de integrar-se ao processo revolucionário sob a direção de Fidel Castro. Para um partido comunista que havia reivindicado durante décadas o monopólio da ideologia revolucionária e do socialismo, era muito difícil aceitar a realidade de que, quando finalmente uma revolução socialista foi vitoriosa na América Latina, ela fora dirigida por um partido comunista. Inicialmente os comunistas cubanos tenderam a uma análise segundo a qual se realizava com Fidel Castro e o Movimento 26 de Julho a etapa nacional e democrática da revolução, dirigida por um grupo pequeno-burguês, e que caberia ao PSP representar os interesses do proletariado e do socialismo, seja pressionando contra as vacilações da direção pequeno-burguesa, seja assumindo diretamente a condução

conseqüentemente revolucionária para fazer o processo chegar ao socialismo. Depois essa visão foi se modificando até a compreensão de que o PSP havia ficado a reboque do processo revolucionário e se não se integrasse completamente a ele, reconhecendo a liderança inquestionável de Fidel Castro e do Exército Rebelde, ficaria à margem dele. Quando esse reconhecimento se deu oficialmente, a integração das três organizações avançou, apesar dos contratempos provocados justamente pelos setores não convencidos da sua correção.

A revolução cubana iniciava a década de 70 com três problemas que exigiam uma definição mais clara de sua parte: a questão econômica, depois do fracasso da safra dos dez milhões de toneladas de açúcar; a questão da luta revolucionária na América Latina, depois da morte de "Che" e do refluxo no fim da década anterior; e o problema da reinserção de Cuba na política internacional, depois da crise dos foguetes.

Os anos de consolidação

As dificuldades econômicas internas exigiam encarar uma dimensão do socialismo ainda não tocada: a planificação. É somente a partir da primeira metade dos anos 70 que se formulou o primeiro plano qüinqüenal da economia. Os objetivos centrais também foram reformulados, em concordância com uma definição no plano internacional.

A auto-suficiência passou a ser considerada um objetivo impossível para um país que se mantivera durante séculos na qualidade de economia primário-exportadora, completamente dependente dos EUA. O socialismo passou a ser encarado como um fenômeno universal, inaugurado pela revolução bolchevique de 1917, que permitiu a instauração do primeiro Estado proletário no mundo — a URSS — e o início da construção do socialismo em escala mundial.

A construção da nova sociedade cubana seria parte integrante desse processo, permitindo encarar a industrialização de forma diferente. Cuba mecanizaria sua produção agrícola, desenvolveria a produção de maquinaria e implementos industriais e se integraria à planificação econômica dos países socialistas — o chamado COMECON (Conselho Econômico de Assistência Mútua). Sua produção açucareira, citrícola e de fumo abasteceria o mercado desses países prioritariamente e, em troca, estes forneceriam os produtos industriais e agrícolas que Cuba necessitasse, além da garantia de abastecimento de petróleo a preços fixos, como já ocorria desde o início da década

anterior, e de fornecimento de material bélico moderno necessário à sua defesa.

Os resultados econômicos se fizeram sentir à medida que a década de 70 avançava e já no momento da realização do I Congresso do PCC, em 1975, o balanço econômico geral demonstrava uma clara recuperação. No fim dos anos 70 Cuba já podia contar com uma economia consolidada, centrada na produção açucareira, citrícola, de fumo e de níquel, além do desenvolvimento industrial vinculado à mecanização da agricultura e de outros ramos do mercado interno.

Fidel Castro viajou à URSS em 1972, com quem assinou acordo de colaboração econômica e técnico-científica. A partir daí as relações de Cuba com os países socialistas se intensificaram cada vez mais nos planos econômico, político e militar. A política internacional de Cuba incorporou o papel dos países socialistas nas relações políticas e militares mundiais, sem abandonar a linha prioritária de ação antiimperialista radical no Terceiro Mundo e em primeiro lugar na América Latina que a havia caracterizado.

Já no final dos anos 60 o bloqueio a Cuba começava a se enfraquecer, pelo surgimento de governos progressistas, que não se submetiam à linha inflexível de Washington em relação à revolução cubana. O Peru foi o primeiro país a retomar suas relações com Cuba, durante o governo do general Velasco Alvarado, seguido pelo Chile, logo que assumiu o governo Salvador Allende, velho amigo de Fidel Castro e da revolução cubana, e pela Argentina, quando a posse de Héctor Cámpora na presidência, em 1973, interrompeu a série de governos militares. Essa tendência continuou na década de 70, até o rompimento definitivo do bloqueio econômico e diplomático imposto, por proposição norte-americana, na Conferência da OEA em Punta del Este, em 1962. Assim, os principais países do continente reataram suas relações com Cuba, exceção feita ao Brasil, que tem mantido até agora a velha concepção do alinhamento automático com os EUA na questão cubana.

Com Washington também as relações do governo cubano chegaram a melhorar pela primeira vez desde o começo da revolução. Os contatos para o degelo entre os dois vizinhos foram feitos no governo de Gerald Ford e se efetivaram no início da gestão de Carter, com o estabelecimento de escritórios de representação dos dois países em Havana e em Washington, com uma espécie de embaixador, apesar de não serem restabelecidas as relações diplomáticas. Os cubanos residentes nos EUA foram autorizados a visitar suas famílias em Cuba, intensificando o trânsito turístico entre os dois países. Essa "lua-de-mel" foi interrompida no último ano do governo Carter, quando este dá

uma virada à direita em sua política externa. A nova fase de tensão se cristalizou com a subida de Reagan à Casa Branca, passando as relações entre os dois governos por seus momentos mais conflitivos desde a crise dos foguetes.

No plano internacional, Cuba apoiou politicamente os governos democráticos no Chile e na Argentina, assim como o de Velasco Alvarado no Peru. Mas, por um tempo, sua política internacional será mais ativa na África, enquanto a situação na América Latina não voltasse a se modificar em favor das forças antiimperialistas. Cuba apoiou com tropas o triunfo de Angola contra o colonialismo português e contra a tentativa sul-africana de ocupar o país, em fins de 1975 e início de 1976. Em 1977 atendeu ao pedido do governo da Etiópia de envio de tropas para conter a invasão do país pela Somália.

A ação dos contra-revolucionários decresceu até seu ponto mais baixo. Seu último estertor de importância foi a derrubada de um avião comercial da Companhia Cubana de Aviação por terroristas cubanos exilados nos EUA junto com chilenos vinculados à polícia política de Pinochet (DINA). O avião, que havia decolado de Barbados de regresso a Havana, explodiu em conseqüência de bombas deixadas por terroristas embarcados em Caracas e que abandonaram o vôo em Barbados. Morreram todos os passageiros e tripulantes da aeronave. Mas a política de reaproximação de Cuba com os exilados foi minando os últimos redutos dos chamados *gusanos* (vermes) em Miami, até levá-los à sua mínima expressão. A consolidação da revolução cubana os asfixiou definitivamente.

Com o triunfo dos sandinistas na Nicarágua, a situação política latino-americana voltou a ter importância e um lugar central na política internacional de Cuba. Junto com a vitória dos revolucionários do Movimento Nova Jóia, liderados por Maurice Bishop, na pequena ilha caribenha de Granada, a queda de Somoza anunciava para Cuba que a longa espera de um novo triunfo revolucionário chegava, vinte anos depois da entrada de Fidel em Havana.

No mesmo ano de 1979 realizou-se em Cuba a Conferência de Países Não-Alinhados, e Fidel Castro foi eleito seu presidente, na disputa da liderança do movimento com o presidente da Iugoslávia, Tito. O papel de Cuba no Terceiro Mundo havia ganho grande projeção, não somente porque Cuba havia demonstrado que é possível superar as amarras do subdesenvolvimento, mesmo sendo um país pobre, como pela atitude solidária de Havana, enviando milhares de médicos, educadores e técnicos para dezenas de países que os necessitam na Ásia, África e América Latina.

A vitória sandinista acelerou a luta dos movimentos revolucionários salvadorenho e guatemalteco, provocando ao mesmo tempo o renascimento da teoria do dominó por parte do Pentágono norte-americano, temeroso de uma escalada de derrotas em área considerada estratégica para os EUA. A eleição de Fidel para liderar o movimento dos Países Não-Alinhados contribuiu para suscitar por parte de Washington a necessidade de uma resposta ao fortalecimento de Cuba e de movimentos guerrilheiros na região e no Terceiro Mundo.

Já no último ano do governo Carter as relações com Cuba sofreram uma mudança significativa. A visita maciça de familiares de cubanos no exílio à Ilha permitira fazer propaganda das condições supostamente favoráveis que os exilados teriam nos EUA. Isto preparou o terreno para o que se chamou "crise da embaixada do Peru". Depois de alguns episódios de tentativas de ingresso ilegal em embaixadas estrangeiras por parte de cubanos desejosos de abandonar o país, quando um soldado cubano morreu em frente à embaixada do Peru num tiroteio com algumas dessas pessoas, o governo cubano decidiu retirar toda a proteção a essas embaixadas, alegando que aqueles incidentes eram preparados por funcionários desses países.

Em pouco tempo milhares de pessoas se dirigiram para a embaixada do Peru, com o objetivo de abandonar o país. O governo cubano declarou que todos os que quisessem fazê-lo teriam as permissões requeridas e que, se o governo norte-americano estimulava a emigração clandestina para território ianque, todos os barcos que chegassem ao porto cubano de Mariel seriam recebidos e poderiam conduzir as pessoas que quisessem abandonar o país.

Nesses episódios mais de cem mil pessoas — para uma população total de dez milhões de habitantes — resolveram sair de Cuba, descontentes com as condições sociais ou políticas que encontravam na Ilha e atraídas pela propaganda externa que chegava cotidianamente, entre outros meios, pela rádio norte-americana A Voz das Américas, que transmite em ondas médias e curtas para Cuba, onde pode ser captada melhor que as próprias rádios locais, além do anunciado início de transmissões de uma "rádio Martí", que funcionaria 24 horas por dia, exclusivamente para Cuba. Paralelamente, realizaram-se no país as maiores manifestações conhecidas desde o início da revolução, em apoio ao governo cubano. Este considerou que a emigração de tanta gente era resultado de erros no trabalho de conscientização política de setores do povo e de atendimento às necessidades econômicas e sociais de alguns segmentos da população, mas que, por outro lado, significava uma depuração de elementos considerados anti-sociais, por seu comportamento diante da sociedade e por seus antecedentes crimi-

nais. No primeiro plano qüinqüenal desta década foram alteradas as proporções entre os recursos destinados ao fundo de acumulação — investimentos a longo prazo — e ao fundo de consumo — vinculado às necessidades mais imediatas da população —, ao mesmo tempo em que outras medidas, como a de reativar e ampliar o mercado privado de venda de produtos agrícolas à população e votar uma nova escala de salários, foram tomadas no sentido de superar as dificuldades responsáveis pelos acontecimentos de 1980.

A contra-ofensiva norte-americana se intensificou com o governo Reagan. Nela se incluem a derrota eleitoral do governo progressista de Manley na Jamaica, depois de uma grande pressão por parte do Fundo Monetário Internacional, e em 1983 a invasão da ilha de Granada por tropas norte-americanas, com um enfrentamento com trabalhadores cubanos, que durante mais de três anos ajudavam na construção de um aeroporto civil no país, e a morte de mais de duas dezenas deles. Em relação à área centro-americana, a nova administração em Washington avançou rapidamente numa militarização de Honduras e El Salvador, enquanto fomentava as ações terroristas contra o governo sandinista, criando um clima de guerra virtual na região e culpando Cuba e a URSS pela situação aí gerada.

Enquanto isso, no plano interno, a revolução cubana entrou nos anos 70 num processo de consolidação e institucionalização das transformações que havia introduzido. Em 1975 foi aprovado o Código da Família, que decretava a absoluta igualdade entre homens e mulheres de todos os pontos de vista, público e privado. No ano anterior já havia sido realizada uma experiência-piloto de construção do Poder Popular, a forma política de organização do poder revolucionário na sociedade cubana. A experiência no estado de Matanzas foi plenamente aprovada e, em 1976, convocaram-se eleições para as assembléias do Poder Popular a nível local, estadual e nacional. Baseada na Constituição e aprovada em referendo nacional no mesmo ano, a Assembléia Nacional elegeu o governo, concentrando em Fidel Castro os cargos de presidente e primeiro-ministro.

Em outros campos, como o cultural e o esportivo, a revolução apresentou avanços que lhe reservam um lugar privilegiado em todo o Terceiro Mundo e inclusive a nível mundial, no plano da música clássica, da dança, da música folclórica, do teatro, da música popular, do cinema, como resultado da massificação da sua prática, inserta na própria estrutura educacional do país. Cuba passou a ser uma potência no esporte internacional, com vários títulos mundiais e conquistando posições de primeira linha nas Olimpíadas.

Em 1975 realizou-se finalmente o I Congresso do Partido Comunista de Cuba, que aprovou seus documentos básicos, entre os quais estão a sua plataforma programática. Foi eleito o Comitê Central e este, por sua vez, elegeu o Bureau Político, órgãos principais de direção partidária. De acordo com decisão aprovada nesse evento, os congressos seriam realizados a cada cinco anos.

O processo de institucionalização da revolução cubana formalizou também uma hierarquia de poder dentro dela, que reserva os postos principais, tanto no Estado, quanto no Partido e no Exército, para os combatentes do Exército Rebelde, aqueles que desde o primeiro momento, quando o triunfo era um sonho longínquo, acreditaram firmemente nele. Fidel Castro ocupa o posto número um na pirâmide do poder, seguido por seu irmão Raúl Castro, que é ao mesmo tempo o principal chefe militar do país, e pelos únicos três dirigentes que receberam o título de "comandantes da revolução" — Juan Almeida, Ramiro Valdés e Guillermo García Frías. O segundo é também ministro do Interior e o último é ministro da Construção. Todos foram combatentes desde a luta clandestina contra a ditadura de Batista.

Praça da Revolução: desfile das Forças Armadas de Cuba em comemoração ao 20.º aniversário da vitória da revolução.

5. CUBA: 25 ANOS DE REVOLUÇÃO

Como todo processo vivo e profundo de transformações globais na sociedade, a revolução cubana é um tema aberto. Talvez o mais controvertido da segunda metade do século XX. As opiniões se dividem, mostrando que se trata de um fenômeno radical.

Vinte e cinco anos depois, Cuba é um país totalmente diferente, e a própria América Latina já não é a mesma. Quando os exilados cubanos preparavam a expèdição do Granma, no México, o clima latino-americano estava marcado por dois grandes fenômenos contraditórios entre si — a chamada "revolução boliviana" de 1952 e a invasão e golpe militar na Guatemala, em 1954. O primeiro processo representou uma rebelião popular de origem mineira e camponesa, que conseguiu derrotar o Exército boliviano com a organização de milícias e impôs um governo nacionalista, que posteriormente se transformará em mais um governo centrista no continente, com uma reforma agrária inconsistente e nacionalizações precárias. O golpe na Guatemala, já mencionado, representava a confirmação de que nenhum governo poderia sustentar-se no continente com a oposição ativa do governo norte-americano. Até esse momento a revolução era um objeto de pesquisa, mas não um fenômeno de atualidade para o nosso continente.

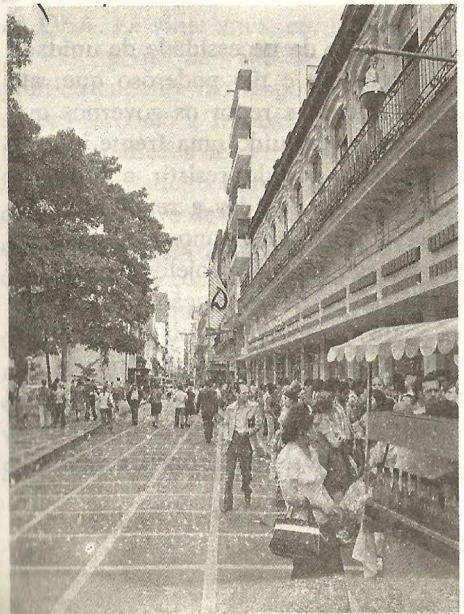
A vitória dos revolucionários em Cuba teve a maior repercussão que um processo revolucionário havia tido neste século, maior inclusive que os efeitos da revolução soviética sobre a Europa. As influências desta praticamente se exauriram quando se concluiu o primeiro fluxo revolucionário — entre 1920 e 1921 —, esgotando-se com a morte de Lenin e a ascensão do stalinismo, enquanto a revolução cubana é até hoje a referência central para grande parte das forças de esquerda do continente, que a reivindicam como antecedente político e ideológico, e para o resto do Terceiro Mundo.

Um balanço resumido dos primeiros 25 anos de revolução cubana nos permite propor algumas conclusões, como temas para discussão:

1. À revolução cubana se deve o mérito de ter provado que é possível eliminar os traços mais marcantes do subdesenvolvimento, mediante a transformação radical das estruturas vigentes na sociedade. Assim, em Cuba não existe desemprego, miséria, prostituição, drogas, violência, discriminação racial, nem gente sem casa. A saúde e a educação são gratuitas para todos; o analfabetismo foi erradicado, e todo o povo cubano a partir de 1985 gozará de uma escolaridade mínima de nove anos de estudo (os seis anos foram conseguidos em 1980). O aluguel das casas não pode superar os 10% da renda dos seus moradores; o abastecimento de produtos básicos é garantido para todos; ninguém fica sem renda mínima. A prática de esportes é generalizada para toda a população e os espetáculos esportivos são todos gratuitos.

As transformações na sociedade cubana foram profundas e de caráter global, daí seu sentido revolucionário. A consciência das pessoas se modificou junto com a estrutura da sociedade cubana. O egoísmo, provavelmente o valor mais negativo nos indivíduos, amplamente disseminado no capitalismo, está praticamente em desaparição em Cuba. A solidariedade ao nível individual e coletivo, incluída a consciência da solidariedade internacionalista com outros povos, está inerentemente integrada à filosofia de vida dos cubanos, expressa no lema: "Ser internacionalista é pagar nossa dívida com a humanidade".

Sobre todos esses avanços já não é mais possível reinar a mentira que a imprensa conservadora e inclusive liberal mantinha nos anos 60 e 70 sobre Cuba. São conquistas universalmente reconhecidas, a come-



Cuba atual.

çar pelos próprios organismos das Nações Unidas. Índices como a esperança de vida ao nascer de 74 anos e de mortalidade infantil de cerca de 14 por cada 1 000 nascidos vivos, numa sociedade grandemente igualitária, são mais altos que os de boa parte dos próprios países industrializados. São elementos que demonstram que o primeiro direito humano está garantido — o direito à vida —, mas, além dele, a cultura, o esporte, o lazer, a consciência política, possibilitam a realização plena das capacidades materiais e espirituais do homem.

Cuba provou concretamente que mesmo no subdesenvolvimento é possível superar a miséria, que não é um problema de "atraso" — Cuba continua sendo um país pobre —, mas de sistema social.

2. O argumento utilizado por órgãos de imprensa hoje é o de que o preço dessas conquistas inegáveis foi a perda da liberdade e da democracia pelo povo cubano. Não é este o lugar para discutir os conceitos de democracia e de liberdade que presidem o pensamento e a propaganda do liberalismo oligárquico latino-americano, nem tampouco se essa eventual perda seria indispensável para a obtenção daquelas vantagens.

É preciso constatar que em Cuba existe um sistema político de ditadura do proletariado, conforme a definição de Lenin. Embora o dirigente soviético não afirmasse que aquele sistema se devesse caracterizar pela existência de um único partido, em Cuba, depois da unificação das três organizações políticas vinculadas à revolução, existe um sistema de partido único, o Partido Comunista. A polarização extrema no plano internacional e interno refletiu-se politicamente entre os partidos vinculados à revolução e os contra-revolucionários que atuam no exterior do país.

Esse sistema é resultado antes de tudo da necessidade de unidade absoluta diante de um inimigo tão próximo e tão poderoso que, até a revolução cubana, havia conseguido depor e repor os governos que bem entendeu na região. Se não tivesse constituído uma frente interna absolutamente unificada, Cuba não teria podido resistir a todas as tentativas do governo norte-americano para liquidar a revolução. Denúncias feitas no próprio Congresso norte-americano evidenciaram que a CIA planificou e pôs em prática centenas de projetos para tentar assassinar Fidel Castro e outros dirigentes da revolução cubana. Os desembarques de comandos para realizar sabotagens ou outras ações de terrorismo contra dirigentes do governo cubano se contam aos milhares e nunca deixaram de existir.

Outro fator que explica o modelo político pelo qual optaram os cubanos é a leitura que fizeram da teoria de Marx, Engels e Lenin, e

em particular da ditadura do proletariado. Essa leitura, sob o pano de fundo do sistema político dos países socialistas do leste europeu, era, além do mais, funcional à violenta polarização entre revolução e contra-revolução e à necessidade mencionada de apresentar uma frente interna completamente unificada diante da maior potência do globo.

3. É necessário fazer duas outras observações: a primeira, de que o regime cubano — como nenhum outro — não se constitui em "modelo" para nenhum outro país. É a própria noção de "modelo" que é equivocada, porque toda revolução é necessariamente heterodoxa. A soviética desmentiu os esquemas de Marx, segundo os quais a revolução deveria surgir nos países industrializados e por isso mesmo Gramsci a chamou de "revolução contra o Capital". A chinesa diferenciou-se claramente da russa ao caracterizar-se como revolução camponesa. A revolução cubana foi feita por um movimento que nada tinha da ideologia marxista e do objetivo socialista.

A revolução cubana foi a forma específica que o povo cubano encontrou para resolver seus problemas — democráticos, populares, nacionais — a partir de um momento histórico determinado. A própria revolução nicaragüense, que se dá na mesma área geopolítica que a cubana, avança por caminhos diferentes, por ter surgido duas décadas depois, num quadro internacional modificado, como o prova a existência de forças políticas e governos europeus que a apóiam, ao contrário do que sucedia com Cuba, que se defrontou ainda com um arco de guerra fria e uma social-democracia européia absolutamente aliada com os EUA. Na América Latina também não seria possível o tipo de isolamento e bloqueio que os EUA conseguiram impor a Cuba através da OEA, há vinte anos, em relação à Nicarágua hoje.

Do ponto de vista de um país com tradições liberais, o regime político cubano não responde aos requisitos solicitados. Mas é preciso enfocá-lo como a resposta popular num país que nunca teve no capitalismo tradições de democracia parlamentar minimamente sólidas, que foi um verdadeiro bordel da burguesia e do lumpesinato norte-americano e que teve de lutar praticamente sozinho contra a maior potência que a história já produziu — a 140 quilômetros de distância — para construir uma sociedade justa e igualitária.

É assim que pode ser entendido o sistema político de partido único — que é vivido pelos cubanos como a unidade absolutamente necessária à sua própria sobrevivência e não como um fator restritivo da sua liberdade — ou a política de informações, identificada tantas vezes com a propaganda, como resposta à formidável máquina propagandística de Washington, que chega por todas as vias à Ilha.

A revolução cubana tem portanto de ser compreendida como uma via específica de solução aos problemas de miséria e ditadura produzidos pelo subdesenvolvimento na região do Caribe latino-americano.

4. O sistema político cubano recebe, em segundo lugar, o maior apoio popular ativo que um regime conhece, mediante a mobilização maciça do povo nas grandes manifestações, nos trabalhos voluntários, nas missões de solidariedade internacionalista em outros países e em milhares de evidências cotidianas de um consenso popular inquestionável, que nenhum outro regime pode usufruir.

Esse consenso não é propriedade do povo cubano. Ele é resultado de um sistema que rompeu com o capitalismo, porque sentiu que os problemas fundamentais dos homens não podem ser resolvidos conforme as leis do mercado, da propriedade privada dos meios de produção, da oferta e procura, e amparados no capital especulativo e nos monopólios multinacionais. Foi assim que as questões da miséria, do desemprego, da crise habitacional, do analfabetismo, da prostituição, da mendicância, das drogas, da violência, da desnutrição, da discriminação racial, da saúde do povo encontraram sua resolução num sistema socialista, adequado às condições particulares de um pequeno país caribenho, que orienta o seu regime pelas necessidades sociais da população e não segundo os vaivéns arbitrários das leis cegas do mercado capitalista.

É por essa razão, e não por outra, que Cuba é considerada ainda um tema subversivo por governos latino-americanos, entre os quais se inclui até agora o brasileiro, que não restabeleceu ainda suas relações diplomáticas com o governo cubano. Não é a alegada "interferência nos assuntos internos de outros países" que impede esse restabelecimento, porque potências como os EUA desenvolvem uma política externa que justificaria plenamente esses temores do governo brasileiro, sem que isso afete suas relações com Washington. As relações com a URSS, a China e os outros países socialistas que o Brasil mantém sem problemas contribuem também para tornar um absurdo essa impossibilidade anormal de dois países do continente relacionarem-se normalmente, independentemente da diversidade dos seus sistemas sociais e políticos.

5. Finalmente é necessário reiterar que a revolução cubana é um tema aberto, como todo processo histórico novo. Seu destino está aberto para a história, a história real de homens como aqueles que, encarnando a dignidade de todo um povo, começaram a assaltar o céu na manhãzinha de um dia de carnaval, para que o extraordinário se tornasse cotidiano nas terras da América.

CRONOLOGIA

1868: Carlos Manuel de Céspedes liberta seus escravos e dá início à guerra de independência contra os espanhóis, derrotada em 1878.

1895: José Martí, Máximo Gómez e Antonio Maceo reiniciam a guerra de libertação. Martí morre em seguida.

1898: Desembarque de tropas norte-americanas em Cuba, quando os espanhóis estavam praticamente derrotados.

1901: Aprovação da Emenda Platt por uma Assembléia Constituinte cubana, instalada pelos EUA. O país se transforma numa neocolônia norte-americana.

1925-1933: Ditadura do general Gerardo Machado.

1929: Assassinato do líder estudantil Julio Antonio Mella no México, pela polícia de Machado.

1933: Grande movimento popular derruba a ditadura de Machado.

1940: Fulgencio Batista é eleito presidente.

1948: Fidel Castro participa de conferência antiimperialista na Colômbia, coincidente com o *bogotazo*, que ele presencia.

1952: Golpe militar de Batista, que assume de novo o poder e impede as eleições presidenciais convocadas.

1953: No dia 26 de julho, assalto ao quartel Moncada por Fidel Castro e seus companheiros.

1953-1955: Os rebeldes que atacaram o quartel Moncada cumprem pena na ilha de Pinos.

1954: Batista convoca "eleições", que o proclamam presidente.

1955: Libertados por anistia, Fidel e seus companheiros partem para o exílio no México. Conhecem "Che" Guevara e organizam um grupo de expedicionários para voltar a Cuba.

1956: No dia 2 de dezembro, desembarque dos guerrilheiros a bordo

do iate Granma. Atacados pelo Exército, entre mortos e dispersados, sobram 22 homens dos 82 que tinham partido do México.

1957: No dia 17 de janeiro, primeira ação da guerrilha: ataque ao quartel de La Plata.
No dia 13 de março, assalto fracassado ao palácio presidencial, em Havana, onde morre José Antonio Echeverría.

1958: No dia 9 de abril, fracassa tentativa de greve geral decretada pelo Movimento 26 de Julho.
Em junho/julho, ofensiva militar do Exército de Batista contra a Sierra Maestra, que termina com grande derrota do regime.
Em setembro, inicia-se a contra-ofensiva do Exército Rebelde, com a partida das colunas de "Che" e Camilo Cienfuegos em direção ao ocidente do país.
Em novembro, "eleições" gerais convocadas por Batista e boicotadas pela guerrilha. Eleito presidente proposto por Batista, que não chega a tomar posse.
Em dezembro, tomada da cidade de Santa Clara, no centro do país, pela coluna de "Che", cortando o país em dois. O trem blindado enviado pelo Exército para tentar romper o cerco é sabotado e explode.

1959: Na madrugada de 1.º de janeiro, Batista foge com seus principais auxiliares para a República Dominicana.
No dia 2 de janeiro, Fidel Castro entra em Santiago de Cuba, transformando-a em capital provisória do país. Decreta greve geral contra tentativa de golpe militar.
No dia 3 de janeiro, "Che" e Camilo entram em Havana e ocupam-na.
No dia 4 de janeiro, instala-se um governo provisório, presidido pelo juiz Manuel Urrutia. Fidel Castro é nomeado comandante-em-chefe do Exército. O novo governo é reconhecido pelos EUA dia 7 de janeiro.
No dia 8 de janeiro, entrada triunfal de Fidel Castro em Havana.
Em maio, assinatura da Lei de Reforma Agrária.
Em julho, Fidel se demite, acusando o presidente Urrutia de obstruir projetos do governo. Urrutia renuncia, assume em seu lugar o advogado Osvaldo Dorticós e Fidel volta ao seu posto.

1960: Em janeiro, o presidente norte-americano Eisenhower propõe ao Congresso uma diminuição da cota de açúcar que os EUA compravam de Cuba.
Em março, explosão, no porto de Havana, por ato de sabotagem, do navio francês La Coubre, que transportava armas compradas por Cuba à Bélgica.
Em junho, expropriação das refinarias de petróleo norte-americanas e inglesas que se negaram a refinar petróleo soviético, depois que a URSS forneceu o combustível para suprir o corte no abastecimento norte-americano.

1961: Em janeiro, o governo dos EUA rompe suas relações diplomáticas com Cuba.
Em abril, bombardeio de Havana por aviões procedentes da Nicarágua e desembarque de contra-revolucionários cubanos e mercenários norte-americanos, com apoio de aviões dos EUA, na praia Girón, na baía dos Porcos. São derrotados em 72 horas pelas Milícias Populares e pelo Exército cubano. Fidel Castro faz discurso declarando o caráter socialista da revolução cubana.
Em maio, promulgação da nova Lei de Reforma Agrária.

1962: Em janeiro, conferência da OEA em Punta del Este decide o bloqueio econômico e político a Cuba, por proposta dos EUA. O México é o único país do continente que não rompe relações com Cuba.
Em outubro, a "crise dos foguetes", com bloqueio naval norte-americano a Cuba, termina com o acordo de retirada dos mísseis e compromisso dos EUA de não invadir Cuba.

1965: Em outubro, constituição do Partido Comunista de Cuba (PCC), concluindo o processo de unificação do Movimento 26 de Julho, o Diretório Revolucionário e o Partido Socialista Popular (comunista). Na ocasião, Fidel anuncia que "Che" havia partido para outras tarefas.

1966: Em janeiro, realiza-se em Havana a Conferência Tricontinental.

1967: Em abril, publicação da mensagem de "Che" à Tricontinental, onde afirma que é necessário "criar dois, três, muitos Vietnãs".
Em julho, realiza-se em Havana a conferência da Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS).
Em outubro, morte de "Che" na Bolívia.

1968: Em fevereiro, processo contra a chamada "microfração" no seio do Partido Comunista de Cuba.
Em março, são nacionalizados os estabelecimentos comerciais que ainda estavam em mãos de proprietários privados.

1969: Fidel anuncia o objetivo da safra de 1969-1970: obter o recorde de dez milhões de toneladas de cana-de-açúcar.

1970: Em julho, Fidel faz um balanço da safra, que não consegue atingir seu objetivo, chegando a 8,5 milhões de toneladas.

1971: O Chile, no governo de Allende, restabelece relações com Cuba, no que é seguido pela maioria dos países do continente nos anos seguintes, terminando com o bloqueio.

1972: Cuba assina o primeiro acordo de colaboração econômica e técnico-científica com a URSS.

1975: Em novembro, tropas cubanas lutam ao lado das tropas angolanas contra invasão sul-africana.
Em dezembro, realiza-se o I Congresso do Partido Comunista de Cuba.

1976: Em fevereiro, é aprovada em referendo nacional a nova Constituição da República de Cuba.
Em outubro, realizam-se eleições gerais para as assembléias municipais, estaduais e nacional do Poder Popular.

1977: Em maio, os governos de Cuba e EUA decidem abrir escritórios de representação em Washington e Havana.
O governo cubano envia tropas à Etiópia para ajudar este país a defender-se da agressão da Somália.

1979: Em março, triunfa o movimento revolucionário na ilha caribenha de Granada, que estabelece estreitos vínculos com Cuba.
Em julho, vitória dos sandinistas na Nicarágua, com a queda do regime somozista, recebendo total apoio de Cuba.
Em setembro, realiza-se em Havana a VI Conferência de Países Não-Alinhados, sendo Fidel Castro eleito seu presidente até 1983.

1980: Em março, realiza-se uma reforma geral de salários.
Em abril, desenvolve-se a chamada "crise da embaixada do Peru", em que a emigração é liberada e mais de cem mil pessoas abandonam o país, em meio a grandes manifestações de massa em apoio ao regime cubano.
Em dezembro, realiza-se o II Congresso do Partido Comunista de Cuba.

1983: Em outubro, invasão norte-americana na ilha de Granada. Morrem mais de duas dezenas de cubanos no aeroporto que estavam terminando de construir.

PARTE SUPLEMENTAR

Os anos da revolução

Desde o seu triunfo, a revolução cubana implantou a tradição de atribuir um nome a cada ano, conforme sua característica principal. Esta é a lista dos nomes dos 25 primeiros anos da revolução:

1959: Ano da Libertação
1960: Ano da Reforma Agrária
1961: Ano da Educação
1962: Ano da Planificação
1963: Ano da Organização
1964: Ano da Economia
1965: Ano da Agricultura
1966: Ano da Solidariedade
1967: Ano do Vietnã Heróico
1968: Ano do Guerrilheiro Heróico
1969: Ano do Esforço Decisivo
1970: Ano dos 10 Milhões
1971: Ano da Produtividade
1972: Ano da Emulação Socialista
1973: Ano do 20.º Aniversário (do Moncada)
1974: Ano do 15.º Aniversário (do Triunfo Revolucionário)
1975: Ano do I Congresso
1976: Ano do 20.º Aniversário do Granma
1977: Ano da Institucionalização
1978: Ano do XI Festival (Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes)
1979: Ano 20 da Vitória
1980: Ano do II Congresso

1981: Ano do 20.º Aniversário de Girón
1982: Ano 24 da Revolução
1983: Ano do 30.º Aniversário do Moncada
1984: Ano do 25.º Aniversário do Triunfo da Revolução

Principais siglas da revolução cubana

ANAP — Associação Nacional de Pequenos Agricultores
CDR — Comitê de Defesa da Revolução
CTC — Confederação de Trabalhadores de Cuba
FAR — Forças Armadas Revolucionárias
FEU — Federação de Estudantes Universitários
FMC — Federação de Mulheres Cubanas
ICAIC — Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica
ICAP — Instituto Cubano de Amizade com os Povos
ICRT — Instituto Cubano de Rádio e Televisão
INDER — Instituto Nacional de Esportes e Recreação
MININT — Ministério do Interior
MINREX — Ministério de Relações Exteriores
OCLAE — Organização de Coordenação Latino-americana de Estudantes
ORI — Organização Revolucionária Integrada
PCC — Partido Comunista de Cuba
PRELA — Prensa Latina (Agência de Informações)
PURS — Partido Unido da Revolução Socialista
UJC — União da Juventude de Cuba
UNEAC — União dos Escritores e Artistas de Cuba
UPEC — União de Jornalistas de Cuba

Principais órgãos da imprensa cubana

Jornais: *Granma* — órgão do PCC — diário matutino
Trabajadores — órgão da CTC — diário matutino
Juventud Rebelde — diário vespertino da UJC
Tribuna de Habana — diário matutino da capital
Sierra Maestra — diário matutino de Santiago de Cuba
Cartelera — jornal semanal de espetáculos
El Caimán Barbudo — jornal mensal literário e cultural
Opina — jornal mensal de artes e espetáculos

Revistas: *Bohemia* — revista semanal de assuntos gerais
Verde Olivo — revista semanal das FAR
Moncada — revista mensal do MININT
Revolución y Cultura — revista mensal de cultura
Casa de las Américas — revista bimensal de cultura latino-americana
Cine Cubano — revista bimensal de cinema
Mujeres — revista mensal feminina
Prisma — revista mensal de informações políticas
Cuba Socialista — revista teórica bimensal do PCC
Cuba — revista mensal de assuntos gerais
UNEAC — revista bimensal da UNEAC

TVs: Televisão Cubana — canal 6
Tele-Rebelde — canal 2

Livros para consulta

a) A bibliografia sobre a *história latino-americana* ainda é escassa no Brasil, mas pode ser utilizado o livro *A história contemporânea da América Latina*, de Tulio Halperin Donghi, Ed. Paz e Terra, como uma boa obra de consulta.

b) Sobre *autores cubanos* é possível dispor no Brasil da antologia *Nossa América*, de José Martí, editada pela Hucitec. De Fidel Castro existe *A história me absolverá*, publicada pela Alfa-Ômega; *A crise econômica e social do mundo*, pela Codecri, que é o relatório ao Movimento de Países Não-Alinhados; *Retrato de Cuba*, da Ed. Quilombo, 1981; *A nova escalada dos não-alinhados*, da L &PM, 1980; o texto "Uma introdução necessária", no *Diário da Bolívia* de "Che" Guevara, publicado pela Alfa-Ômega; e uma antologia de textos de toda a obra de Fidel Castro, com introdução, da Ática. É igualmente útil a leitura de *Passagens da guerra revolucionária*, de "Che", também da Alfa-Ômega; e também de *Saúde e revolução*, uma antologia de autores cubanos publicada pela Ed. Achiamé/CEBES.

c) De *autores brasileiros sobre Cuba* destacam-se o livro de Florestan Fernandes *Da guerrilha ao socialismo*: a revolução cubana, publicado pela T.A. Queiroz; o de Abelardo Blanco e Carlos Alberto Doria *Revolução cubana*: de José Martí a Fidel Castro (1868-1959), da Brasiliense; e os livros de relato de viagens, entre os quais estão

A Ilha, de Fernando Morais, da Alfa-Ômega, *Cuba de Fidel*, de Ignacio de Loyola Brandão, da Livraria Cultura Editora, *Cuba hoje*, de Jorge Escosteguy, da Alfa-Ômega e *Anotações sobre uma revolução*, de Eric Nepomuceno, da Alfa-Ômega.

d) Também pode ser consultado com utilidade o livro de Marta Harnecker *Cuba: democracia ou ditadura*, sobre a primeira experiência do poder popular em Matanzas, publicado pela Editora Global.

Cuba-EUA: o balanço dos dois lados

A propósito dos 25 anos de relações conflitivas entre Cuba e os EUA, desde o triunfo revolucionário cubano, entrevistamos em Havana o encarregado de interesses norte-americanos, John Firch, e o vice-ministro de Relações Exteriores de Cuba, Ricardo Alarcón, encarregado das relações com a zona da América. Essas entrevistas são inéditas e aqui as transcrevemos como subsídios para uma melhor compreensão das repercussões internacionais da revolução cubana.

Entrevista de John Firch, encarregado de interesses dos EUA em Cuba

— *Como foi a sua carreira antes de vir para Havana?*

— Eu me formei em Princeton em 1958 e ingressei no serviço diplomático. Nesse mesmo ano fui trabalhar na Argentina. Daí voltei para Washington para trabalhar na OEA e aproveitei para fazer uma tese de Masters em Economia, em Michigan. Fui transferido depois para Bogotá e sucessivamente para Santiago de los Caballeros, na República Dominicana, para San Salvador, para Guatemala, até que voltei de novo para Washington, onde estive três anos, de 1975 a 1978, trabalhando em assuntos econômicos. Daí fui para o México, onde estive quatro anos como ministro da embaixada — o segundo cargo em importância —, e finalmente em 1982 vim para Havana. Minha carreira se desenvolveu sempre na América Latina ou vinculada a ela.

— *Você se lembra da sua reação no momento da vitória da revolução cubana?*

— Eu entrei para o serviço diplomático em setembro de 1958 e Castro entrou em Havana em janeiro de 1959, quatro meses depois. Mas não me lembro da minha reação nesse momento.

— *O que significa ser encarregado de interesses dos EUA em Cuba?*

— Quando nós abrimos o escritório de interesses aqui e o de Washington, foram estabelecidas normas de funcionamento das relações entre os dois países. Nem eles nem nós estávamos prontos naquele momento para relações diplomáticas totais. Nós já tínhamos experiências de escritórios de interesses na Argélia e no Egito. Afirmamos naquele momento que os dois governos tratariam os dois escritórios como se fossem missões diplomáticas. Assim, nós temos toda a proteção e os direitos de uma missão diplomática, e os cubanos nos tratam como chefe de uma missão diplomática. Na realidade, esta é uma embaixada sem o nome.

— *E na prática funciona assim? Vocês têm dificuldades de fato para funcionar como missão diplomática e como embaixador?*

— Não. Nenhuma.

— *Você nunca havia estado em Cuba antes de 1982?*

— Não.

— *Não conheceu então o regime de Batista?*

— Não. E, obviamente, você nota que na lista dos países em que eu tinha trabalhado anteriormente não se inclui nenhum país socialista.

— *Em que melhorou ou piorou Cuba com o advento da revolução?*

— Olha, pela minha experiência anos atrás em outros países da América Latina, eu tratei de desenvolver a minha capacidade de analisar um país sem usar as cifras. E olhando este país, fisicamente, vendo o tipo de edifícios que existiam antes da revolução, para mim fica claro o fato de que Cuba ocupava o terceiro lugar em renda *per capita* em todo o hemisfério ocidental, atrás somente do Canadá e dos EUA. Para quem conhece Havana, por exemplo, vê que aqui havia e há muitos bairros para operários, todos construídos de concreto, e todos eles ainda existem. Ainda há evidências da riqueza que existia. Isso apenas com uma olhada. Mas as cifras cubanas indicam a mesma coisa. Em 1958, a porcentagem da renda nacional distribuída em forma de salários era maior que a dos EUA e a de qualquer outro país. Isto indica que em 1958 a distribuição da riqueza em Cuba era mais justa, em certo sentido, que nos próprios EUA ou nos outros países.

— *Como se explica então que Cuba pudesse ter uma economia tão rica, sendo um país monocultor, baseada num produto tão frágil como o açúcar?*

— Este é um país sumamente rico num sentido agrícola. Voando sobre Cuba, o que me impressiona muito é a extensão de terra cultivada. Toda a ilha está cultivada. Há poucas regiões, montanhosas, que não estão cultivadas, onde existem só bosques. Eu suponho que este país

deve ter uma das porcentagens de terra cultivada mais altas do mundo. Eles tinham chegado a um nível sumamente alto. Este governo alterou um pouquinho ou mais que um pouquinho a história real do país. A revolução era uma revolução muito popular. A pergunta então não é se o povo estava ou não contra Batista. Mas sim, *por que* estava contra. E a explicação não é uma explicação sociológica ou econômica. A explicação é política. O governo de Batista não era legítimo. Além disso, não tinha funcionado bem. Assim, a revolução foi a reação contra um governo pouco legítimo. Não um governo totalmente ruim, mas um governo que tinha rompido totalmente com as regras cubanas, com as suas próprias tradições, as suas próprias leis. Vocês, latino-americanos, podem entender bem isso, porque a história latino-americana está composta por ciclos, com metas, objetivos, em que cada povo é uma instituição constitucional. E quando um país rompe com essas instituições, quase imediatamente o povo começa o trabalho para retornar ao que ele pensa que é legítimo. Isso foi o que se passou nos anos 50 em Cuba. Batista, depois de uma eleição honesta, rompeu com o sistema, e o povo e toda a classe média começaram a lutar contra ele. Era uma revolução política, centro da tradição latino-americana. Castro tratou de explicar a revolução como se fosse uma revolução social, uma reação contra os males da sociedade — a pobreza etc. Não foi assim. Era uma reação contra aspectos políticos. Não quero dizer que não existiam problemas sociais e econômicos. Mas, comparado com outros países latino-americanos, era pouco. Interessantes são as comparações da situação de Cuba com a de outros países da América Latina, usando vários índices, de 1958 ou de qualquer ano da década de 50, como o número de tratores por cada mil habitantes, camas em hospitais, o número de estudantes por cada mil pessoas, número de rádios, de carros por cada mil habitantes, a extensão da rede rodoviária e da rede ferroviária. Veremos que Cuba tinha uma situação melhor que qualquer outro país latino-americano, incluindo a Argentina. E desde então, apesar de que Cuba se desenvolveu em alguns desses aspectos — a cifra de alfabetização, por exemplo, cresceu de 77% para 96%, o que é admirável, mas veja que já em 1958 o índice de alfabetização já era muito alto. Mas, enquanto isso, em outros países latino-americanos essa cifra subiu de 30 para 80%. Hoje, por exemplo, existem mais doutores por mil pessoas na República Dominicana que em Cuba. Existem comparações que mostram que, nos últimos vinte e poucos anos, a maioria dos outros Estados latino-americanos cresceu, em todos os ramos, muito mais rápido que aqui.

— *Que grau de apoio interno você crê que disponha o regime hoje?*

— É sumamente difícil saber. Aqui não existe um Gallup.

— *Mas qual é o seu Gallup? Que índices utiliza para fazer uma avaliação da estabilidade e do apoio do regime atual?*

— Eu suponho, em primeiro lugar, que como em qualquer país a maioria das pessoas pensa na sua própria vida. São nacionalistas, têm orgulho do seu país, como um guatemalteco, como um peruano. Dão o seu apoio geral ao governo, não importando que governo seja. Em geral, no mundo, um povo está a favor do seu governo. O ser humano é um ser bastante conservador, em geral. Assim, eu não vou dizer que todos na rua estão contra o governo. Seria um fenômeno único no mundo, se fosse assim. Mas podemos dizer que existem muitos que estão contra, muitos em comparação com outros países. A única resposta que temos é o que ocorreu em 1980, quando Castro abriu a possibilidade de sair do país e umas 250 mil pessoas saíram. Eu duvido que existam muitos países no mundo onde ocorra isso. É óbvio que este país, como todos os países socialistas, tem controle sobre a saída de pessoas do país. Se você quer ver que tipo de cubano tem licença para sair, basta passar pela nossa seção consular e ver que a idade média desses pobres é 70 anos ou algo assim. O governo cubano só permite que saiam os velhinhos. Isso significa algo.

— *Em que medida você crê que o regime é irreversível?*

— O regime aqui é muito sólido. Mas no mundo tudo muda. A pergunta é saber *quando* muda. Obviamente este governo não vai mudar amanhã. É muito sólido.

— *As relações entre EUA e Cuba já vão completar 25 anos, desde a vitória da revolução. Essas relações passaram por etapas distintas, que em geral podem ser sintetizadas como uma primeira etapa de tentativas de derrubada do novo regime cubano (Kennedy, Johnson), depois de um período onde predominou o bloqueio como atitude mais significativa...*

— *Bloqueio* não é a palavra. Essa é a palavra que eles usam. Trata-se de um *embargo.*

— *...bom, de embargo, como forma de relação mais importante (Nixon) e uma terceira etapa, de tentativas de aproximação (Ford, Carter). A partir da última fase do governo Carter e com Reagan, passou-se a uma nova etapa de endurecimento. A administração Reagan localiza no alinhamento com a URSS e no apoio à revolução em outros países as causas das más relações entre seu governo e o de Cuba. Do ponto de vista dos EUA, não se conseguiu muito, ou não se conseguiu nada até aqui. Nessa perspectiva, que balanço se pode fazer desse quase*

quarto de século de política norte-americana em relação ao regime cubano? Que lições se podem tirar?

— Olha, o problema principal que nós temos com os cubanos é que eles não respeitam as leis internacionais. Que eles reservam a si mesmos o direito de julgar os outros governos. E se acham que um governo, na sua definição, é um governo opressor do povo, se para eles não é um governo legítimo, eles farão o que puderem e quiserem para derrubar esse governo. Muitos governos no mundo, inclusive o nosso, provavelmente rompem várias leis internacionais. Mas não existe um governo no mundo, inclusive o soviético, que tenha dito que tenha o direito de fazê-lo. Este é o obstáculo principal que temos com os cubanos. O problema dos soviéticos é diferente e tem dois aspectos. Em primeiro lugar, é o apoio dos soviéticos, que dá aos cubanos a capacidade de intervir nos assuntos de outros países. Sem o apoio material dos soviéticos, os cubanos não poderiam fazer o que estão fazendo. O segundo aspecto do problema soviético é *geográfico*. Teoricamente este pedaço de terra, com os soviéticos aqui, é um perigo para a nossa segurança. A crise dos foguetes de 1962 foi uma crise muito traumática para nós, sumamente traumática, talvez a pior crise no mundo, para nós. E por isso nós sempre vemos Cuba como um problema *geográfico*. O que eu estou tratando de dizer é que uma Cuba socialista *em si* não é um problema. Uma Cuba que diz que Karl Marx foi o melhor homem em toda a história do mundo *em si* não é um problema. Se eles querem seguir com essas idéias, é problema deles. Mas que Cuba permita que os soviéticos instalem foguetes e mísseis contra nós, este *sim* é um problema. E os soviéticos agora de novo estão falando nisso. E uma Cuba que está sempre atacando outros governos latino-americanos, causando problemas neste hemisfério, este sim é um problema.

— *Mas essa política de endurecimento já foi tentada nestas mais de duas décadas e não obteve os resultados que seu governo busca. Seu antecessor neste posto, Wayne Smith, crê que somente uma política de "acordos graduais" consegue avançar no sentido de melhorar as relações. Que pensa disso?*

— O problema do que disse Wayne é que nós procuramos seguir essa linha e fracassamos. Não é que nunca tratamos de aproximar-nos de Cuba, não é que nunca tratamos de conversar com eles e chegar a um acordo, pouco a pouco. Tratamos durante cinco anos. Carter começou essa tarefa com toda a boa vontade. Sua meta era restabelecer relações normais com Cuba.

— *Mas você não crê que as pequenas conquistas desse momento, como*

a visita de cubanos que vivem nos EUA a seus familiares de Cuba, a libertação dos presos políticos, os acordos sobre o controle do tráfico de drogas, foram os únicos passos conseguidos?

— Eu não creio. O que nós conseguimos foi em campos muito distantes das questões importantes. Olha, algum dia nós teremos relações melhores com Cuba, mas esse dia virá quando os cubanos começarem a cultivar o seu próprio jardim e deixarem os outros países cultivar os seus.

— *A posição de Cuba é a de que a relação entre Cuba e os EUA tem de ser uma relação bilateral e recíproca. Afirmam que os EUA não podem condicionar o estabelecimento de relações diplomáticas normais e plenas a mudanças da política externa cubana, da mesma forma que Cuba não põe como condição para esse passo que os EUA mudem a sua. Alegam que essa reciprocidade não existe, porque Cuba não tem bases militares em território norte-americano, não desenvolve nenhuma política de bloqueio contra seu país, não ameaça intervir nele.*

— Cuba representa para nós o perigo de uma guerra, o perigo soviético perto de nossas fronteiras. Olha, eu vou responder isso com uma outra pergunta: se aceitarmos a tese cubana, como nos relacionaríamos com os outros países latino-americanos? Que pensariam da nossa política se estabelecêssemos relações normais com Cuba, e Cuba ao mesmo tempo está mandando armas para movimentos guerrilheiros em outros países? Os países da América Latina estão bastante preocupados com a nossa política em relação a Cuba, em saber se nós vamos continuar apoiando o governo de El Salvador, por exemplo. Assim nós não podemos aceitar a tese de Cuba, segundo a qual não interessa qual seja a política exterior cubana, que devemos deixar isso de lado. Para nós a política de Cuba é o que é importante.

— *Mas sobre que pontos os EUA estariam dispostos a discutir, negociar e fazer concessões em troca das condições que o seu governo estabelece para normalizar as relações?*

— O que temos a oferecer é algo muito importante: é o *nosso mercado*. Olha, este país e a sua economia têm possibilidades. O que quer dizer isto? Cuba tem uma economia muito simples, demasiadamente simples. É uma economia composta de poucas partes. Qualquer economia na América Central, com exceção da de Honduras, é mais complexa que a cubana. Qualquer país centro-americano tem uma base industrial maior que a de Cuba. Cuba não tem uma base industrial, não desenvolveu a sua indústria, porque não tem o nosso mercado. Está excessivamente longe da URSS para abastecer esse mercado com bens manufaturados. Os soviéticos tampouco querem isso. Eles funcionam de

outra forma. Mas, contando com a força de trabalho cubana e com o nosso mercado, eles poderiam desenvolver uma base industrial mais sofisticada. Uma base industrial que lhes daria uma renda mais estável, enquanto que agora eles vivem do açúcar. Eles teoricamente poderiam converter-se numa *Taiwan*, aproveitando o nosso mercado. Assim, o que nós temos a oferecer é algo sumamente importante. Mas o que significaria isso politicamente dentro de Cuba é a necessidade de eliminar todos esses controles que eles têm sobre a sua população, porque, para produzir e exportar bens para o nosso mercado, têm de produzir de uma forma eficiente. Para produzir de forma eficiente, têm de oferecer estímulos aos seus operários. Tudo isso tem de ser mais aberto. Por exemplo, um investidor japonês que poderia vir aqui com a idéia de produzir para o nosso mercado teria de ter o direito de pagar aos nossos operários o que eles merecem, e, uma vez pagos os salários, os trabalhadores — e este também seria outro problema — teriam de ter acesso a mercados para gastar o seu dinheiro, o que implica que o investidor japonês teria de importar bens de consumo para os seus operários, e tudo isto implica que uma indústria moderna requer para Cuba, no sentido político, uma nova classe de homens favorecidos. Uma classe operária que ganhe mais. E as implicações políticas disso são enormes.

— *Seria reintroduzir uma economia de mercado, como cavalo de Tróia, não? Bom, mas sobre o embargo. Você falou que este ano o embargo é ainda maior que antes. Mas ainda com isso e com uma situação internacional de crise financeira e suas conseqüências para os países periféricos, entre eles Cuba, a economia cubana parece ser muito menos sensível aos efeitos do embargo do que foi nos anos 60 e 70. Que eficiência pode ter então o embargo? Que finalidade real se busca com isso?*

— Duas respostas. Primeiro, obviamente se vamos negociar com Cuba, se vamos chegar a um acordo algum dia, esta é a carta mais importante que temos. Assim, o que é potencial é importante, e não somente o que já é. E segundo, apesar de o embargo não impossibilitar que os cubanos intervenham nos assuntos de outros países, o faz mais custoso. Os soviéticos têm de pagar mais. Os soviéticos gastam aqui quatro bilhões de dólares por ano, que é mais do que todo o resto da ajuda que a URSS dá a outros países. De toda a ajuda que a URSS dá a outros países — que não é muita — mais da metade é dada a Cuba. Pergunta interessante: se você fosse vietnamita, o que pensaria disso? Se fosse do governo da Etiópia, o que pensaria disso? Eu suponho

que nos conselhos do bloco soviético existem desacordos muito interessantes sobre a preferência que Cuba recebe.

— *Qual é a relação entre o desenvolvimento da guerra em El Salvador e as relações com Cuba, segundo a administração Reagan?*

— A guerra em El Salvador é apoiada por Cuba. Nós não dizemos que Cuba desatou a guerra em El Salvador. Dizemos que uma minoria de salvadorenhos desatou a guerra naquele país. Mas também dizemos que esta minoria é ajudada pelos cubanos, e sem essa ajuda eles não poderiam lutar os três anos, como lutaram. Assim, a nossa posição é a de que é esse apoio que permite que uma minoria da população de El Salvador trate de derrubar o seu governo. Obviamente que, enquanto durar a guerra, nós não poderemos melhorar as nossas relações com Cuba. Se — para terminar com uma análise otimista — o governo de El Salvador resolvesse esta situação de uma forma satisfatória para todos os salvadorenhos, se não houvesse guerra civil, então os cubanos provavelmente tirariam a sua ajuda a outros países, também em razão desse fracasso. Em tal situação, talvez possamos esperar relações melhores. Porque sempre dissemos que, uma vez que eles abandonem esse tipo de atividade, poderemos considerar a possibilidade de relações melhores.

Entrevista de Ricardo Alarcón, vice-ministro de Relações Exteriores de Cuba

— *Que balanço faz o seu governo das relações Cuba-EUA, desde a vitória da revolução?*

— O problema fundamental das relações Cuba-EUA há quase 25 anos reside na incapacidade e na inabilidade dos EUA para se adequarem às transformações sociais na América Latina. Os EUA começaram a ditar medidas coercitivas contra Cuba praticamente desde 1959. As primeiras incursões de aviões piratas atirando fósforo incendiário contra os canaviais cubanos, as primeiras pessoas detidas em Cuba, vindas dos EUA, inclusive norte-americanos, para fazer ações de sabotagem, se deram em fevereiro de 1959. A propaganda dirigida dos EUA contra Cuba também se iniciou já nos primeiros meses da revolução. Também desde esse primeiro momento os EUA começaram a receber os foragidos adeptos do regime de Batista, inclusive os principais responsáveis por torturas e assassinatos, que foram recebidos no Congresso norte-americano, numa atitude hostil para com um país vizinho. As primeiras pressões diplomáticas contra Cuba começaram

a partir das primeiras medidas, de caráter puramente interno, de ordem econômica e social adotadas pela revolução, sobretudo a partir da reforma agrária, em maio de 1959. Nesse momento, os EUA, desconhecendo a soberania cubana, pretenderam impor uma forma determinada de compensação pelas propriedades privadas norte-americanas atingidas por essa lei de reforma agrária. É preciso dizer que os EUA foram o único país capitalista que adotou essa posição, porque Cuba negociou satisfatoriamente com todos e cada um dos outros países capitalistas desenvolvidos e com todas e cada uma das empresas nacionalizadas em Cuba. Neste momento já não devemos nenhum centavo a nenhuma empresa estrangeira por motivo de nacionalização. A única exceção são os EUA, porque não aceitaram o pagamento com bônus no prazo de vinte anos, com os juros que Cuba podia se comprometer a pagar naquele momento, gerando um dos muitos absurdos da política externa norte-americana. Por considerar insatisfatória essa forma de pagamento, começaram a pressionar Cuba, tratando de humilhá-la. Desataram-se pressões comerciais diplomáticas, que chegaram à suspensão da cota açucareira cubana, depois à sua supressão completa e, mais tarde, às medidas que eles chamam *embargo econômico* e nós, *bloqueio*. Posteriormente foi reconhecido publicamente que foi em março de 1960 que o presidente Eisenhower deu instrução à CIA para preparar as operações que culminariam no ano seguinte no desembarque de praia Girón, Março de 1960: isto é, dois meses antes que Cuba e a URSS restabelecessem relações diplomáticas.

— Como evoluiu a atitude do governo norte-americano em relação a Cuba desde esse início conflitivo?

— Se seguirmos a linha da história das relações dos EUA com Cuba, veremos que o governo norte-americano definiu uma linha estratégica de destruir, de liquidar a revolução cubana, de pôr fim ao processo de transformações sociais que se iniciavam em Cuba, sem que isso tivesse algo a ver com fenômenos posteriores das relações EUA-Cuba, como a presença de tropas cubanas em Angola, na Etiópia, em Granada ou quando falam da revolução centro-americana. Naqueles dias não havia ainda preocupação pela segurança do regime salvadorenho, nem pelas dimensões de um aeroporto em Granada. Mas naqueles dias, no entanto, eles chegaram a preparar e pôr em prática as medidas mais extremas contra Cuba, como a tentativa de invasão de Cuba. Mas as causas eram os interesses da United Fruits, da ITT, das empresas norte-americanas afetadas, num processo em que inclusive algumas das medidas foram tomadas em resposta a atos agressivos norte-americanos, como a supressão da cota açucareira e a negativa de empresas

dos EUA de refinar o petróleo soviético no nosso país. Naquele momento teria sido ridículo falar da suposta influência e penetração soviética no Caribe, quando ainda nem havia relações diplomáticas, que se estabeleceram um ano depois da reforma agrária cubana. Mas já com a reforma agrária as relações entre os EUA e Cuba entram num processo de deterioração, a partir de um processo inteiramente interno a nosso país. Vinte anos depois, grande parte dessas posições parece sem sentido. Desconhecer o que sucedeu no mundo nestes últimos vinte anos não parece uma posição razoável nem sequer para a direita norte-americana. Foram então progressivamente mudando os argumentos no seu confronto com Cuba. E o que dizem hoje, comparado com o desenvolvimento das relações reais entre os dois países, não corresponde à sua evolução verdadeira. O argumento que utilizam com mais força hoje é o da suposta exportação da revolução, da subversão, para outras partes da América Latina e particularmente da América Central. Mas eu penso que isso é muito mais reflexo da atitude mental norte-americana em relação às transformações que ocorrem inevitavelmente em todo o mundo, à sua incapacidade para adaptar-se a elas. Incapacidade que os levou a equivocar-se com Cuba e que os está levando a equivocar-se de novo em outras partes do continente. A verdade é que em El Salvador e no resto da América Central existem certas condições econômicas, sociais e políticas que independem da política cubana e do que Cuba possa querer ou desejar, e que se desenvolveram historicamente de uma forma alheia ao desenvolvimento da revolução cubana. Começando pelo fato de que nessa parte do mundo houve insurreições, sublevações, guerras, que envolveram inclusive os EUA, como na época de Sandino, muitos anos antes da revolução cubana. A luta de Sandino precedeu à revolução cubana, assim como a de Farabundo Martí, homem do qual os salvadorenhos usam o nome para sua organização guerrilheira e que morreu faz mais de cinqüenta anos, quando Fidel Castro era uma criança. Isso mostra que existe uma tradição revolucionária enraizada em fatores puramente autóctones. Está claro que são situações que encontram paralelo em outros países da América Latina, mas crer que esses movimentos são inoculados ou resultados de conjuras externas é absolutamente anticientífico, não tem nada a ver com uma apreciação objetiva da realidade.

— O argumento central da Casa Branca refere-se à exportação da revolução por parte de Cuba.

— Nos EUA atualmente a administração do governo procede dos círculos mais conservadores, e sua forma de enfocar a realidade reflete as

maneiras típicas de visão dos círculos que enfrentam um período de decadência, isto é, crêem que os problemas que enfrentam não têm uma base real, mas são resultado de uma conspiração malévola. Se fosse assim, lhes restaria alguma esperança. Se o que sucede na América Central, se o que sucede no mundo, se a insatisfação do Terceiro Mundo não se dá porque existam causas que a justifiquem, mas sim porque existe um demônio que as está caprichosamente desenhando, há possibilidade de derrotar esse inimigo e restaurar a hegemonia de um grupo e uma classe, um setor que está em decadência. Mas, infelizmente para eles, as coisas não se dão assim. Esse é o grande drama intelectual dos teóricos da administração norte-americana. Mas, paradoxalmente, quanto mais se comportam assim, mais inábeis se tornam para influir nesse processo de transformações no mundo. Porque o que seria necessário, para poder influenciar a maré revolucionária, tratar de detê-la, desviá-la — o que seria do interesse deles —, seria partir de uma apreciação objetiva da realidade e não de um enfoque que beira a esquizofrenia. Eles têm uma ligação com a realidade que é anormal e que está no fundo de toda a visão norte-americana. Veja que a idéia de que a revolução centro-americana é resultado de conjuras externas não é compartilhada por praticamente nenhuma força ou instituição responsável no mundo, neste momento. Um número respeitável de governos, de personalidades, de estadistas, de partidos políticos, que não são revolucionários, inclusive setores que são muito amigos dos EUA, tem afirmado, em todos os tons, que esses problemas têm origem interna e que a forma de resolvê-los é pela busca de soluções, e não ignorando-os e atribuindo a causas que conduzem inevitalmente à guerra. Porque, se levarmos às últimas conseqüências a concepção norte-americana sobre o que ocorre na América Central, o final lógico, conseqüente, em relação a um processo que, segundo eles, afeta interesses vitais da segurança norte-americana e é resultado de uma ação externa, a única forma de destruir essa ação e eliminar o problema para a sua segurança é pelo envio das suas tropas e pela invasão militar. Também é importante constatar que todas essas acusações nunca puderam ser sustentadas em evidências reais. Numa época eles fizeram grande estardalhaço com o que chamaram o "livro branco", que ficou famoso, primeiro pela grande divulgação publicitária que fizeram e depois por um certo escândalo na imprensa norte-americana, quando alguns críticos começaram a decifrar esse livro branco e a assinalar as suas inconsistências e como não contribuía com nenhuma prova do que afirmava. Acho que o grau de credibilidade dessas acusações norte-americanas foi se debilitando muito. Quando a Nicarágua denuncia a invasão do seu território por

tropas somozitas treinadas nos EUA e em Honduras por técnicos norte-americanos, nos foros internacionais somente Honduras e El Salvador apóiam as posições norte-americanas, que ficam completamente isoladas no campo internacional. Ninguém aceita a tese norte-americana de que se trataria de uma sublevação interna à Nicarágua. Existem provas-fotos, armas, equipamentos, declarações de prisioneiros da presença de tropas norte-americanas agredindo a Nicarágua, como a própria imprensa norte-americana cotidianamente informa. Aí estão os créditos aprovados para a guerra encoberta pela CIA a partir do território hondurenho. Além disso, sistematicamente, cada vez que são indagados pela imprensa, o presidente Reagan e seus principais assessores se negam a desmentir que estejam participando dessas operações, aceitando tacitamente que estão fazendo o que todo o mundo sabe que estão fazendo.

— Mas na América Central estão presentes norte-americanos e cubanos.

— Não se pode dizer a mesma coisa do suposto apoio externo aos movimentos revolucionários na zona. Deveria imaginar-se ademais que, se isso fosse verdade, eles já teriam sido capazes de apresentar pelo menos uma evidência desse tráfico enorme que, segundo eles, ocorre com destino a El Salvador. Por outro lado está o desejo de apresentar os movimentos revolucionários da América Central e de El Salvador em particular como títeres e como instrumentos de forças externas à área. É a maneira que eles encontram para destruir a sua credibilidade política, apresentando-se como um bando, um grupo minoritário, e que portanto não é necessário chegar a um acordo com eles para uma solução negociada, posto que não são representativos. Esta tese também não é compartilhada internacionalmente, porque não corresponde à realidade. Todo o mundo sabe que em El Salvador existe um movimento guerrilheiro forte, que, além disso, faz aliança com outros setores políticos da oposição, conhecidos e reconhecidos internacionalmente, como o MNR salvadorenho, cujo principal dirigente, Guilhermo Ungo, é vice-presidente da Internacional Socialista e presidente da Frente Democrática Revolucionária. Levar a capacidade de conjura e de manobra de Cuba aos extremos de sofisticação de inventar tudo isso é imaginar que nossa capacidade e nossa força são muito maiores do que na verdade são. Mas serve-lhes para justificar o apoio ao regime militar salvadorenho, a exclusão de uma solução política, que é a única solução lógica ao problema salvadorenho, e que aliás é a única que interessaria aos EUA, que corresponde aos interesses que se deve supor que sejam os deles. Porque a alternativa de intervenção, a guerra, um envolvimento ainda maior dos EUA na

zona, com o passar do tempo vai se revelar muito negativo para os próprios interesses dos EUA. Conforme passa o tempo, é cada vez mais difícil convencer a opinião pública norte-americana de que o movimento revolucionário salvadorenho depende de uma suposta ajuda externa, porque já é lugar-comum, inclusive na própria imprensa norte-americana, que o movimento guerrilheiro salvadorenho está levando, já há vários meses, a ofensiva no terreno militar. Está derrotando, de forma cotidiana, nas diferentes zonas do país, o exército salvadorenho, que demonstra, cada vez mais, menor capacidade, com várias crises internas, porque é um exército que está perdendo a guerra. Mas cada vez que os guerrilheiros obtêm uma vitória em Chalatenango, em Morazán, em Santa Ana, estão recuperando armas, estão obtendo armamento, munição, equipamentos, que não foram enviados aí pelos cubanos ou pelos soviéticos; foram enviados pelos norte-americanos, pelo Pentágono, com os impostos que o povo norte-americano paga. Assim, o apoio à política de Reagan para a América Central foi se desgastando desde as eleições de março de 1982. Os próprios parlamentares que vinham legitimando aquela farsa eleitoral agora promovem os projetos de suspensão do financiamento dos EUA para a guerra em El Salvador. Eles aceitam hoje a necessidade de dar prioridade à defesa dos direitos humanos do povo salvadorenho e à negociação com as forças guerrilheiras para encontrar uma solução política ao conflito. Se os norte-americanos não mudam de política, poderemos ver, dentro de alguns anos, o governo dos EUA acusando o governo popular — que naquele momento já existirá em El Salvador — de estar enviando, à guerrilha de outro país, as armas que eles haviam mandado ao atual exército salvadorenho, da mesma forma que eles dizem que as armas que eles mesmos tinham enviado ao Vietnã e à Etiópia foram parar em El Salvador. Um movimento revolucionário que dependesse da ajuda militar externa terminaria cercado e derrotado. Desconhecer essa realidade já por si só impede os EUA de derrotá-lo. Retorna-se à linguagem e às atitudes que já foram familiares a nós no princípio da revolução: a atitude de não aceitar que nesta parte do mundo haja transformações sociais e políticas que possam afetar os interesses dos monopólios norte-americanos, sem que necessariamente o país EUA seja afetado por isso.

— Quais são os critérios de Cuba para normalizar relações com os EUA?

— Os conflitos se iniciaram com a negativa norte-americana de respeitar a soberania cubana em assuntos que competem somente a Cuba decidir internamente, como foi o caso da reforma agrária. A partir

daí começaram a impor sanções e o bloqueio. Nós continuamos mantendo a mesma posição. Estamos dispostos a trabalhar pela formalização das relações, não desejamos ter uma confrontação permanente com os EUA. Mas o pré-requisito indispensável é a discussão em pé de igualdade. Enquanto se mantiver a atual política agressiva, que se expressa fundamentalmente na negativa de limitar as relações à discussão do que realmente cabe nessas relações, que são as questões de caráter bilateral. Da mesma forma que não pomos como condição aos EUA que modifiquem a sua posição internacional sobre uma longa lista de temas sobre os quais não coincidem nossos pontos de vista, não podemos aceitar também que os EUA ponham qualquer tipo de condição alheia ao conflito bilateral Cuba-EUA, que é a única coisa que podem discutir esses dois países, e não questões caprichosamente inventadas ou adicionadas a este temário pelos norte-americanos, como as nossas relações de cooperação com Angola, que não têm nada a ver com os EUA. Da mesma forma que Cuba não vai exigir dos EUA que mudem as suas relações com a Coréia do Sul, como condição para que nos sentemos e discutamos as nossas diferenças bilaterais.

— Um argumento da Casa Branca é o de que as relações entre os dois países passam necessariamente pelas posições internacionais de Cuba, a começar pela presença de armamentos estratégicos soviéticos na Ilha ameaçando a segurança interna dos EUA. E que as declarações dos dirigentes da URSS diante da instalação dos Pershing na Europa incluem a ameaça de instalar armamento nuclear estratégico de caráter ofensivo em território cubano. O outro argumento é o da intervenção de Cuba nos assuntos internos de outros países, exportando a subversão. Isso impediria que a normalização entre os dois países fosse um tema restrito às relações bilaterais.

— Se esse argumeno fosse aplicado de forma conseqüente, traria resultados imprevisíveis, porque a URSS tem alguns vizinhos que são aliados próximos dos EUA. Nesses países estão instalados tropas norte-americanas e armamentos estratégicos dos EUA, o que não impede que existam relações e inclusive colaboração, como o prova o gasoduto transiberiano, que fornecerá gás soviético a uma série de países onde existem bases e tropas norte-americanas, com uma finalidade muito concreta, que é a confrontação leste-oeste. A verdade é que a única base militar existente em Cuba é norte-americana — a base naval de Guantánamo. Cuba está próxima dos EUA e rodeada por instalações militares norte-americanas, em Cayo Hueso, em Porto Rico, na zona do Canal do Panamá. Sem contar que praticamente não passa um dia em que não existam manobras navais militares

norte-americanas nesta zona do mundo. Portanto, nenhum dos dois argumentos norte-americanos atuais estiveram na raiz dos conflitos entre Cuba e os EUA. Recordo-lhe que em março de 1960, dois meses antes de Cuba e a URSS restabelecerem suas relações diplomáticas, que já existiam antes do governo de Batista, Eisenhower já tinha dado instruções para que a CIA planificassse a derrubada do governo revolucionário, governo que ainda não tinha se declarado socialista, que ainda não tinha tomado medidas de caráter socialista e que ainda não tinha sequer normalizado relações com a URSS. No entanto, Cuba já era uma ameaça, porque a ameaça real para os EUA é o fato de que possa prevalecer um governo popular que desafia a política norte-americana e os interesses dos monopólios norte-americanos na zona. Essa ameaça nós não estamos em condições de suprimir. E quando eles vêem que em outras partes do continente triunfam ou estão próximos da vitória outros movimentos populares que buscam também acabar com a dependência em relação aos EUA, resolver os graves problemas de injustiça social de que padecem seus povos, os EUA voltam à posição original de ver tudo isso como uma ameaça à sua segurança. Isso só tem uma solução: a modificação na política norte-americana, na filosofia norte-americana, na forma como os EUA se relacionam com o mundo. Em outras palavras, que os EUA comecem a aprender a viver com um mundo que é cada vez menos dócil aos seus interesses. Se pretendem relacionar-se bem com o Terceiro Mundo, na base de que o Terceiro Mundo aceite graciosamente a dependência e a subordinação aos seus interesses, é imaginar-se algo impossível. Isto é, vão viver num trauma constante a sua política exterior ou têm de se adequar à realidade do mundo exterior. Isso fizeram outras grandes potências capitalistas. Os EUA, quem sabe, terão de fazê-lo algum dia.

— *Que pensa Cuba do oferecimento norte-americano de abrir os seus mercados em troca do que solicita para a normalização das relações entre os dois países, oferecimento que possibilitaria a Cuba transformar-se numa nova Taiwan?*

— Isso me faz lembrar o discurso do presidente Reagan em Cancún, quando a única coisa que ofereceu aos países subdesenvolvidos foi o exemplo da livre empresa e da iniciativa privada como meio para resolver seus problemas fundamentais. Todo o mundo tomou como uma piada naquele momento, e é como eu acho que deve ser tomada essa afirmação agora. Em primeiro lugar, é realmente chocante que o modelo que proponham a um país em desenvolvimento seja Taiwan, que para eles pode ser um modelo de muito sucesso, mas que nunca

serviu como pólo de atração para o resto do mundo. É curioso que já não seja Porto Rico o modelo, que é evidentemente uma vitrina destroçada pela prática. Apesar de que foi oferecida no plano para a Bacia do Caribe uma relação parecida com a que tem Porto Rico, o que não criou nenhum entusiasmo na zona. Quanto ao suposto atraso industrial de Cuba, é lamentável que, nem sequer estando aqui, o Sr. Firch possa inteirar-se da realidade. É absolutamente falso que Cuba seja menos industrializada que os outros países da América Central e do Caribe. Poucas pessoas da América Central e do Caribe aceitariam que isso seja assim. As relações com esses países nos indicam precisamente o contrário. Nossa capacidade para ajudar alguns desses países indica também que aquela afirmação não é nada exata. Supor que possa acontecer essa relação entre Cuba e os EUA, em que a força do mercado — que para os reaganistas tem um valor mítico — seja algo que possa atrair uma revolução como a nossa, que representou para as massas solucionar uma série de problemas insolúveis no passado, é estar fora da realidade. Problemas de condições de vida, de saúde, de educação, de liberdade, de bem-estar, no sentido mais pleno, achar que eles fossem trocar tudo isso pela atração do mercado norte-americano é ter uma imaginação demasiado extrema. Mas eu tampouco creio que, se se desse a normalização das relações entre Cuba e EUA, o intercâmbio entre os dois países se desenvolvesse na forma em que parece supor o governo norte-americano. Não percebem que nestes vinte anos, como resultado do bloqueio, a economia cubana mudou muito. Não somente pelas relações que estabelecemos com os países socialistas, mas inclusive com os países ocidentais: a participação do Japão, Canadá, Europa ocidental no nosso comércio exterior é importante. Já não existe a situação anterior à revolução, em que Cuba dependia exclusivamente do mercado norte-americano. Hipoteticamente, se amanhã houvesse relações diplomáticas com os EUA, pode-se supor que o mercado norte-americano seria atrativo para nós, sobretudo pela proximidade geográfica. Mas estou seguro de que não seria fácil para os EUA deslocar a posição que aqueles outros países conquistaram no comércio de Cuba. É bom lembrar como a competitividade da indústria japonesa lhe tem permitido conquistar faixas significativas do mercado interno dos EUA em vários ramos.

— *Houve um retrocesso, depois de 1980, no processo de reaproximação de Cuba com os países latino-americanos?*

— O balanço que nós fazemos das relações com os países da América Latina nos últimos anos e na atualidade é satisfatório. As relações com os países com os quais temos vínculos diplomáticos são muito

boas. Houve dois casos em que, por diferentes motivos, o nível protocolar foi afetado, que são Peru e o Equador, mas no último ano as relações com esses dois países evoluíram positivamente. Os vínculos comerciais e a colaboração em várias esferas, inclusive a cultural, foram ampliados. Com a Colômbia, o início do governo Betancúr propiciou uma modificação nas relações, no sentido de que não há incriminações mútuas. Têm havido coincidências apreciáveis no terreno internacional e, apesar do não-restabelecimento normal das relações, estamos hoje inegavelmente muito mais próximos do que há dois anos. Eu diria que mais importantes que as relações formais são as opiniões que têm ambos os governos sobre os problemas principais desta região, que hoje estão muito mais próximas do que as que tínhamos, inclusive na época em que mantínhamos intercâmbio de embaixadores, durante o governo de Turbay Ayala. Com a Venezuela existem relações diplomáticas plenas. Cuba retirou o seu pessoal diplomático como expressão de desagrado, em 1981, quando houve a ameaça de que os autores da sabotagem ao avião comercial da Companhia Cubana de Aviação que caiu em Barbados, em 1976, episódio no qual morreram quase todos os seus duzentos ocupantes, seriam absolvidos e liberados. As relações atravessaram um período difícil. Informalmente estão congeladas nesse nível, mas na prática também houve uma série de passos por parte do governo venezuelano que nós reconhecemos como positivos, no plano latino-americano. Um governo que teve uma atitude muito destacada na defesa dos interesses latino-americanos no conflito das Malvinas e que evoluiu positivamente em relação aos problemas da América Central, onde, se antes aparecia diretamente comprometido com a junta militar salvadorenha, hoje é um dos integrantes do grupo de Contadora, tratando de influir numa solução política negociada desse conflito, afastando-se portanto da estratégia norte-americana.

— *Com que países latino-americanos Cuba tem hoje relações diplomáticas?*

— Temos relações diplomáticas plenas hoje com México, Panamá, Peru, Equador, Argentina, Bolívia, Guiana, Suriname, Nicarágua. Além disso, temos também relações diplomáticas plenas, sem ter escritórios, com Trinidad-Tobago, Barbados, Santa Lúcia, Bahamas, e outros países com os quais não há relação de Estado a Estado, mas um nível de comunicação e contatos freqüentes. Mas com todos os países com os quais existe algum nível de relação, ela é hoje muito melhor do que era há dois ou três anos, quando os EUA proclamaram, como objetivo da sua administração, promover novamente o isolamento de Cuba. Isso efetivamente se expressou em algumas dificuldades naquele

momento, mas a situação hoje é totalmente diferente. Nenhum desses países manifestou temor algum sobre a suposta ameaça de Cuba para eles. Posso dizer inclusive que países que estão geograficamente muito próximos de Cuba, como a Jamaica, que rompeu relações conosco, nunca acusaram Cuba de ser uma ameaça para a sua segurança. Com um país com o qual não temos nenhuma relação, nem afinidade, o vizinho mais próximo geograficamente de Cuba, como é o caso do Haiti, que nunca alegou que Cuba representa uma ameaça para eles. Aí existe um regime que não goza de nenhuma simpatia, nem dentro nem fora do país, um regime profundamente reacionário, totalmente alheio à nossa filosofia e às nossas idéias, que nunca nos fez esse tipo de acusações. A razão é que, por motivos particulares a esse país, não se produziu um movimento revolucionário que ameace a continuidade do regime dinástico de Duvalier. E portanto não tiveram de recorrer ao invento das origens externas desse conflito. Mas se fosse válida a teoria do dominó e da infecção revolucionária, dever-se-ia pensar que vizinhos tão próximos de Cuba e tão reacionários, anacrônicos e corrompidos, censurados em todo o mundo, tivessem sido vítimas dessa ameaça. No entanto, não foi assim. Já passou um quarto de século com uma Cuba socialista em frente das costas da autocracia duvalierista, e no entanto nunca houve esse tipo de problema entre os dois, exceto que não temos nenhum tipo de relação oficial.

PROJETO PASSO À FRENTE

As coleções do PROJETO *PASSO À FRENTE* são compostas de obras simples e acessíveis, que abordam assuntos importantes de diversas áreas do conhecimento, contribuindo assim para a ampliação do horizonte cultural do leitor brasileiro, além de oferecer a professores e estudantes valioso material para leitura e seminários.

Coleção POLÊMICA

Em todos os tempos, em todas as culturas, sempre houve e sempre haverá temas sobre os quais a discussão jamais se esgotará. Quem está seguro de todos os aspectos que envolvem a religião, a violência, a dinâmica da família, as mudanças da ética sexual, a pena de morte, a eutanásia? Na *Coleção Polêmica,* destacados especialistas levantam os aspectos controversos de temas como esses, apresentando opiniões e analisando as próprias modificações que a História e o desenvolvimento acrescentam ao debate a todo momento.

Coleção GUERRA E PAZ

Por que em certos momentos a paz é violentamente rompida? Por que repentinamente se destrói o equilíbrio entre forças que, apesar de antagônicas, coexistiam até então? A *Coleção Guerra e Paz* vai recriar o debate acerca dos mais importantes conflitos da História, com toda a contundência que o tema exige.

Coleção PROFISSÕES

Você já escolheu sua carreira? Está seguro dessa escolha? Como ajudar o jovem a encontrar o próprio caminho? Quais as profissões mais rentáveis? Serão elas ainda rentáveis quando você estiver formado? E as mais gratificantes? Será que vale a pena escolher a profissão da moda? E onde entra a "vocação" nisso tudo? A *Coleção Profissões* vai orientá-lo na construção segura do seu caminho. Especialistas de cada área vão mostrar a você o que foi cada profissão, o que é, e quais suas tendências no futuro próximo.

Coleção BIOGRAFIAS

A História é construída por todos ou apenas por certos personagens "iluminados"? Ou terão sido, essas figuras, usurpadoras de acontecimentos que foram gerados pelas pressões, pela ação, pelas necessidades e rupturas de toda a Humanidade? Na *Coleção Biografias* serão recriadas as idéias, as esperanças e as paixões desses personagens-síntese, dentro do cenário histórico que os originou.

A Revolução Cubana

Como foi possível, numa pequena ilha situada a apenas alguns quilômetros da maior potência capitalista do mundo, surgir uma revolução que mudou o sentido da História da América Latina? A resposta para esta e para outras questões está neste livro ágil, direto e corajoso de **Emir Sader,** cientista político da Unicamp, que conheceu **in loco** o novo país em que Cuba se transformou depois de 1959.

EDITORA MODERNA